

Catherine de Hueck Doherty

## EM PARÁBOLAS

HISTÓRIAS DE ONTEM,  
DE HOJE E DE AMANHÃ

Título original: *Not Without Parables*  
Catherine de Hueck Doherty  
(antes de casar-se: Kolyschkine)

Madonna House Publications  
2888 Dafoe Rd. RR2  
Combermere, Ontário, K0J 1L0  
Canadá

[www.madonnahouse.org](http://www.madonnahouse.org)  
[www.catherinedoherty.org](http://www.catherinedoherty.org)  
<http://writings.catherinedoherty.org>

*Em parábolas*  
*histórias de ontem, de hoje, e de amanhã*  
Edições Loyola, São Paulo, SP, 1989  
ISBN: 85-7311-873-3

Tradução: Sônia Maria Pereira dos Santos

ISBN: 85-7311-873-3

A meu filho George

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

## Conteúdo

Introdução .....	5
I. HISTÓRIAS DE ONTEM .....	7
Os peregrinos .....	8
A Rússia na cruz .....	15
A mulher da luz .....	20
A criança na estrada .....	27
O velho .....	32
A Rússia em peregrinação .....	37
II HISTÓRIAS DA HOJE .....	40
A porta azul .....	41
Um drama de fé .....	44
Peter Maurin .....	50
A piedade de Deus .....	54
Um homem comum .....	57
Uma mulher, uma criança e o Natal .....	60
A prostituta .....	64
Deus não existe .....	67
O filho de Israel .....	70
Tia Dilly .....	74
O pastor que saiu da neblina .....	77
Quatro moedas sujas .....	81
Deus sabe .....	82
Katzia .....	84
O homem com os olhos de visão profunda .....	86
Uma história de Natal .....	90
O bandido e sua namorada .....	94
Dom Virgil Michel .....	98
João de Nossa Senhora .....	102
Um milagre comum .....	107
Karl Stern .....	112
Uma chama tranqüila .....	115
Um membro da Igreja de Satã .....	118
Um padre, um homem e uma mulher .....	120
As duas freiras .....	124
III HISTÓRIAS DA ETERNIDADE .....	133
As minhas próprias histórias .....	134
Como a Morte se tornou Vida .....	135
Como a Razão se tornou madura .....	139

Como a Dona Avareza se tornou Dona Generosidade ....	144
Como a Piedade retornou ao Amor .....	150
Como a Tristeza se tornou Alegria.....	154
Como a Soberba se tornou humilde.....	158
Como Dona Prudência se tornou gloriosamente imprudente .....	164
Como a Humildade se tornou Simplicidade .....	168
Como a repulsiva Dona Dor se tornou tão bonita.....	172

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

## Introdução

Quando eu era criança minha mãe e meu pai me contavam histórias. Por ter viajado muito na infância, estas histórias eram contadas em muitas línguas e muitas delas tiradas do folclore de peregrinos e camponeses. Sim, eu vim de um país e de uma geração que *ouvía* — uma geração oral, em muitos sentidos — que transmitia seu saber, sua história e tradições através de suas histórias e parábolas.

Estranho dizer que encontrei na geração tecnologicamente sofisticada do Canadá e Estados Unidos uma vontade de ouvir histórias, para explicar as coisas que estão envoltas em símbolos, que são misteriosos, porém simples. Desde o começo de nosso Apostolado de Madonna House tenho usado histórias e elas são entendidas e amadas pelos jovens e velhos. Ainda continuo a falar através de histórias. Elas vêm naturalmente. Os russos, como os irlandeses, os árabes e muitos outros povos são contadores de histórias por natureza.

Neste livro estão algumas das histórias que me foram contadas, algumas que eu mesma criei e algumas, baseadas em incidentes que nos têm acontecido. Na Parte III, "As Minhas Próprias Histórias", como são conhecidas em Madonna House, são obviamente de minha própria imaginação.

As "Histórias da Porta Azul" são fatos que realmente aconteceram, recontados da melhor forma que posso lembrá-los. Muitas delas foram escritas muitos anos atrás, muito mais próximas da realidade.

As únicas histórias que não se encaixam em uma

categoria específica são as "Histórias do Peregrino". Elas são recontadas a vocês do jeito que posso lembrá-las. Elas realmente aconteceram? Novamente, só posso dizer que foi assim que me foram contadas. Elas emergem das vidas e aventuras das pessoas em peregrinação pela Rússia, em busca de Deus. Eram sonhos? Eram frutos da imaginação? Eram visões, decorrentes dos jejuns, orações e vigílias tão freqüentes? Ou eram visitas reais de Deus e de Nossa Senhora? (Estas, sem dúvida, são perguntas provenientes do "Ocidente"). As histórias são reais porque suas mensagens são verdadeiras. O resto deve ser decidido no coração de cada leitor.

Tenho escrito muitos livros através dos anos (mais recentemente "*Deserto Vivo*" — "*Poustinia*" em inglês e "*O Evangelho sem Restrições*") no intuito de partilhar meu entendimento do Evangelho com os outros. As histórias são um outro modo de fazê-lo. Jesus sempre falava através de histórias. Como amamos histórias! Por que são tão poderosas em ajudar-nos a entender e nos lembrar de verdades profundas sobre a vida? Não será porque as histórias estão mais perto da vida do que meras idéias? Jesus sabia disso. Ele, o Mestre, contou as mais belas e inesquecíveis histórias da história do mundo. Elas são tão profundas que agora estão tecidas na fibra de nossos corações e mentes.

Espero que as histórias que se seguem também possam trazer aos corações dos leitores as profundas verdades do Evangelho.

Catherine de Hueck Doherty  
Madonna House, Combermere, Ontário, Canadá

*"Tudo isso Jesus falava em parábolas, às multidões.  
Nada lhes falava sem usar parábolas" (Mt 13,34).*

## I. HISTÓRIAS DE ONTEM

## Os peregrinos

Algumas das belas experiências que tive quando criança estão ligadas às histórias dos santos peregrinos que passaram pela Rússia de antigamente em suas caminhadas aos santuários. Minha mãe e meu pai recebiam esses homens e mulheres com muita hospitalidade quando, como era costume dos peregrinos, batiam em nossa porta e pediam comida e abrigo para a noite. Como em todos os lares na Rússia, o nosso estava sempre aberto aos viajantes. Era uma bênção receber todas essas pessoas santas. Andando pelo país, elas observavam e se lembravam de muita coisa.

Hoje as peregrinações russas se tornaram moda. Não se está "atualizado" a menos que se tenha lido *O Peregrino Russo*. Salinger até o mencionou em um de seus contos, alguns anos atrás.

*O Peregrino Russo* é um livro bom e profundo. É a história de um camponês comum que peregrinava através da Rússia, visitando vários santuários. Na verdade é sua *alma* que peregrina em direção ao Absoluto. Sim, é um belo livro. Eu o li no meu idioma nativo, russo, e em inglês e francês.

No entanto, não me considero privilegiada porque li o livro, mas porque encontrei peregrinos como os descritos nele. Na verdade, tenho sido também uma peregrina.

Minha mãe e eu fizemos longas peregrinações, descalças, sem nenhuma provisão senão um pão de centeio, uma pitada de sal, uma garrafa de água e uma oração em nossos corações. Quando nossa comida se acabava e para abrigo à noite nos



tornávamos pedintes como todos os outros.

Nestes tempos ecumênicos, com o grande interesse presente na Igreja e na espiritualidade orientais, uma maneira pela qual posso ajudar a alimentar esse interesse é voltar às histórias que ouvi em minha infância. O constante fluxo de peregrinos que chegavam à nossa casa era de homens e mulheres simples que falavam, naturalmente, em símbolos, sobre suas experiências com Deus, com Nossa Senhora e com os santos. Sempre revelavam, sem perceber, aquela alma da Rússia, que confundia tantas pessoas no Ocidente. O entendimento é a chave da reunião. A menos que o Ocidente entenda o Oriente e vice-versa, a possibilidade de reunião continuará remota.

O simples fato da existência do peregrino, mesmo durante a Primeira Guerra Mundial e depois (acredito que tais peregrinos ainda existam na Rússia porque os comunistas eram incapazes de parar suas jornadas sagradas), é peculiar para a alma russa. A noção de peregrinação está profundamente enraizada na consciência do povo. Os russos são bastante conscientes do fato de que todos os homens estão exilados do céu e que toda a vida é uma peregrinação.

Mas estão também atentos ao fato de que podem participar no sacrifício de Cristo pela prática da fé e pelos trabalhos espirituais e corporais da misericórdia, pela mortificação, penitência, silêncio e oração.

As peregrinações combinam muitas destas características. Definitivamente, elas são tomadas

com um espírito de expiação e oração; expiação pelos próprios pecados e então pelos pecados da humanidade. O sentido do Corpo Místico de Cristo também é muito forte na alma russa. Não se pode orar somente para si. *Deve-se sempre orar pelo mundo todo.*

Assim, as peregrinações eram trabalhos de expiação e oração. Também eram trabalhos de penitência e mortificação. Nenhum peregrino na Rússia aceitava dinheiro durante sua jornada. Suas roupas, nos meses de calor, eram batas de linho amarradas na cintura por um cordão. A comida, como mencionei em relação à minha mãe e eu, era um pão de centeio, uma pitada de sal e uma garrafa de água. Quebravam o jejum duas vezes ao dia, com pão e água. Se andavam em grupo, o faziam em fila indiana, um atrás do outro, recitando uma ladainha de tempos em tempos, cantando hinos — mas, na maioria das vezes, andavam em silencioso recolhimento. Ao anoitecer vinham às vilas pedir comida e abrigo aos moradores. Uma vez que minhas intenções são ecumênicas, talvez ajude se explicar um pouco a diferença entre o jejum no Oriente e no Ocidente.

Com referência aos jejuns da Quaresma e muitos jejuns e abstinências nas vigílias de grandes festas, a idéia principal era de que as pessoas mais velhas pudessem jejuar mais do que as mais novas. No tempo antigo, os russos tinham o costume de conservar um "jejum negro" durante a Quaresma e o Advento e durante as duas semanas que precediam as festas de S. Pedro e S. Paulo, e algumas vigílias antes das festas de Nossa Senhora.

O "jejum negro" (que também acredito era feito na Irlanda) consistia em não comer carne, leite ou qualquer produto derivado dele, como queijo e manteiga. Ovos também não eram permitidos. Óleo vegetal era usado para cozinhar. A dieta consistia principalmente de legumes fervidos. Não se usava açúcar. O mel, um adoçante bíblico feito pelo trabalho de abelhas virgens, era usado em seu lugar.

Carne só era permitida aos domingos; peixe nas segundas, terças e quintas. Quarta-feira, em expiação pela traição de Judas, era um dia de jejum e abstinência durante o ano todo. Assim também na sexta-feira, o dia da crucificação de Cristo e no sábado, em honra a Nossa Senhora. Tal jejum era em expiação pelos próprios pecados e pelos pecados do mundo.

As crianças acima de sete anos poderiam participar do jejum negro. Os mais velhos, que não trabalhavam muito, concentravam-se mais nestas práticas, não somente durante os dias mencionados, mas durante o ano todo. Uma vez que trabalhavam menos, precisavam de menos comida, então, naturalmente eram os que mais jejuavam. A idéia de que aos 59 anos as pessoas se tornam livres do jejum nunca passou pela mente dos russos!

Assim, as peregrinações, como o jejum, eram considerados "obras boas" diante do Senhor, gestos para render glória a Deus. Talvez o aspecto mais importante fosse obedecer aos mandamentos de Cristo em não levar ouro nem prata ao longo do caminho e existir através do ato de pedir. Todos se vestiam da mesma forma. Não se podia distinguir o príncipe ou o rico do pobre ou lavrador.

Para a mentalidade russa, este pedir era uma imitação de Cristo, que não tinha onde deitar sua cabeça e que ensinou a seus discípulos como pedir alimento e hospitalidade. Também os ensinou a deixar somente a paz com seus hospedeiros e nada mais. Assim, ser um pedinte, ser humilhado e praticar a humildade e simplicidade era outro traço do espírito russo, que tanto desejava ser como Cristo.

Se o peregrino andava sozinho, como muitos o faziam, os dias eram passados em silêncio, exceto quando levantavam a voz para cantar música sagrada. Geralmente, os peregrinos tinham a oportunidade de praticar os trabalhos de misericórdia, tanto espirituais como corporais. Poderiam encontrar doentes entre seus anfitriões ou outro tipo de necessidade. Ficariam para ajudar, quer trabalhando na roça se o homem da casa estivesse doente, quer ajudando a tomar conta do doente ou então ajudando de outro modo.

Eles podiam fazê-lo porque não tinham horário. Quando as pessoas estavam em peregrinação, nunca punham um limite de tempo, pois acreditavam profundamente que o tempo da peregrinação era um tempo de Deus. Do modo como andavam, cruzando o interior, experimentavam alegrias e tristezas, viam o bem e o mal acontecerem. Agradeciam a Deus pelo bem, e quando encontravam o mal recebiam uma clara visão do porquê estavam peregrinando, a que expiação esse mal se referia.

Os peregrinos significavam muito para aqueles que tinham o privilégio de os receber. Tais famílias eram postas face a face com as verdades fundamentais de

sua fé. Esta era outra maneira de os peregrinos praticarem seus trabalhos corporais de misericórdia.

Fico pensando se as peregrinações virão para este nosso mundo, para este lado do Atlântico. Será que os jovens e idosos irão "tomar o caminho" (as pequenas estradas do interior que ainda nos restam para caminhar nos dias de hoje) e começar a andar — devagar, com amor, em silêncio — por amor a Deus, por amor ao mundo, por si mesmos? Nosso mundo novo está dotado de muitos santuários.

Que coisa maravilhosa seria! Quanto os peregrinos iriam aprender e quanto seus acolhedores aprenderiam, pois os peregrinos devem pedir abrigo. Então seriam capazes de nos contar, em primeira mão, sobre as faces deste continente, as suas cidades, suas vilas. Os peregrinos normalmente gravitam em direção às pessoas humildes, em direção àqueles que entendem o que é ser pobre.

Sim, seria muito bom se as peregrinações se enraizassem nesta terra estranha e sem raízes, onde as pessoas passam rapidamente pelos tantos santuários em carros com ar condicionado, equipados com rádios e todas as conveniências de nosso mundo moderno. Passam pelos santuários e nunca pensam em se benzer. Talvez um dia teremos livros sobre os peregrinos do novo mundo.

Mas agora quero partilhar com vocês algumas histórias sobre os peregrinos da Rússia. Quando criança, lembro-me sentada de olhos bem abertos aos pés dos peregrinos, ouvindo suas histórias sobre Deus, sobre Nossa Senhora e os Santos.

Estas histórias, me parece, melhor que os livros

sobre o Oriente e o Ocidente, trazem a alma do povo oriental para mais perto do homem comum. Os teólogos têm seus próprios meios de linguagem e estilo para discutirem doutrinas e dogmas. Mas para a pessoa comum, são os meios simples e pequeninos que importam. Espero que estes contos ajudem a trazer a todos meus irmãos e irmãs do Ocidente um melhor entendimento desta realidade misteriosa, intangível, chamada "a alma russa".

## A Rússia na cruz

A peregrina era uma senhora idosa. Sendo outono, ela estava vestida com uma grossa saia preta feita a mão e uma blusa de lã. Nos pés tinha sapatos de couro feitos em casa e em seu ombro trazia um xale. Também usava um parka russo (um tipo de casaco), com lã de carneiro por dentro e coberto por fora com um material de lã pesado e escuro. Em seu peito usava um ícone pequeno, que era o sinal do peregrino. Tinha seus sessenta anos. Vinha de um santuário de Nossa Senhora e estava a caminho de sua casa, a uns 110 km da nossa.

A sala em que estávamos sentados era iluminada com luzes de querosene. Um clarão de fogo estalava na lareira. Nossa família e os empregados estavam todos sentados em volta da peregrina, ouvindo seu conto. Eu absorvia toda palavra com um coração que martelava em minhas costas.

Ela nos contou sobre suas viagens e sobre a bela recepção que teve naquele lugar sagrado, a alegria que sua alma experimentou, a paz que teve. Daí continuou a contar que na volta tinha que passar por uma grande floresta. E foi isso o que nos contou.

"As florestas são lugares lindos, pois muitos santos nos tempos de outrora se escondiam nelas para evitar perseguições. Como vocês todos sabem, quando sua alma está em paz e o silêncio de Deus reina em seu coração, todo o seu ser muda sob seu santo toque. Seus ouvidos podem ouvir as árvores louvando a Deus e as flores e grama bendizendo-o. E se você chorou muito por seus pecados e os de seus irmãos e se rezou para que o mundo todo venha a

conhecer a Deus e amá-lo, então Deus lhe concede a graça de ouvir coisas selvagens falarem sobre Ele, umas com as outras. Assim, as florestas são realmente lugares abençoados.

Mas, como todos os cristãos sabem, as florestas também são lugares perigosos. Pois o Príncipe do mal e seus anjos também gostam das florestas. Um cristão seria um tolo se não se benzesse três vezes antes de entrar numa floresta. E é bom também segurar um ícone quando atravessar uma floresta no crepúsculo ou durante a noite, invocando os nomes de Jesus e sua santa Mãe.

Assim fiz antes de entrar na floresta da qual estou falando. Não tinha medo. A paz de Deus e seu silêncio estavam comigo, pois havia chorado nos lugares sagrados pelos meus pecados e os pecados do mundo. Mas, mesmo assim, fiquei um pouco desconfortável quando caminhava nas profundezas da floresta. Senti com todo o meu ser que naquele momento o Senhor estava permitindo as forças do mal habitarem naquela floresta. Então, repetia os nomes de Jesus e Maria constantemente.

Mas os caminhos de Deus não são os dos homens, como todos sabem do livro de Jó. Deus permitiu que ele fosse tentado. O mesmo aconteceu comigo. Pois, antes que soubesse, ouvi as árvores cochicharem entre si. Embora a noite estivesse calma, havia algo como um vento no meio delas. Estavam cochichando com medo e tremiam com a chegada do Mal. Percebi que as criaturas selvagens da floresta começaram a fugir e se esconder. Comecei a me benzer, pois o sinal da cruz é poderoso contra o Mal.



A estrada se curvava um pouco. Logo após a curva estava diante de mim um homem! Não gostei de seus olhares. Mas o que poderia ele querer de uma peregrina? Dinheiro? Não tinha. Nunca levamos dinheiro em peregrinações. Comida? Já havia comido meu pão e o sal e havia muito pouca água em minha garrafa. Assim, não poderia me roubar. Nem o fez. Ele estava indo no mesmo caminho que eu, assim me disse, por isso me acompanhava. Ele não me saudou com o nome de Jesus, mas simplesmente me chamou de 'Vovó'.

Ele me perguntou de onde vinha. Contei-lhe sobre o santuário que tinha visitado. Ele começou a rir e falar com estranha sabedoria que a religião era uma superstição a nós pregada pelos padres para nos conservar pobres e submissos aos ricos. Assim continuou, usando grandes palavras que eu entendia pela metade. Mas o que disse começou a me soar muito bem; era verdade que nosso povo era pobre e explorado em muitos lugares. Sem perceber — vocês acreditam? — eu o estava ouvindo atentamente. De repente, me pareceu que ele estava dizendo a verdade.

Então ele começou a falar sobre Nossa Senhora. Ele zombou dela. Mas daí, talvez ele não estivesse zombando tanto dela quanto de nós, que acreditamos que ela deu a luz ao Senhor e permaneceu virgem. Ele disse que isto era idolatria. Só então percebi o que ele estava dizendo!

Como sabem, todo peregrino carrega água benta consigo. Não saímos sem ela. Em silêncio, peguei minha garrafa. Estava ficando escuro, assim ele não podia ver o que eu estava fazendo. Joguei água

benta nele com o nome de Jesus e da Santa Trindade.

Agora, vocês podem não acreditar, mas isto é tão verdadeiro quanto o Evangelho: ele gritou. Contorceu-se e caiu no chão — e desapareceu, como se nunca tivesse estado ali. Mas antes de desaparecer, gritou: 'Você é uma velha tola! Toda a Rússia será coberta com sangue por causa das coisas que eu disse. Milhões pensarão como eu. Haverá choros, gemidos e lágrimas por toda esta terra. Vim para vencer e vencerei. E nem o seu Deus nem sua Santa Mãe serão capazes de evitá-lo.'

Suas palavras foram tão terríveis que não tenho vergonha em dizer que caí no chão, desmaiada. Quando acordei, tudo estava escuro e eu estava morrendo de medo. Levantei-me e comecei a andar vagarosamente.

De repente, havia uma grande luz no caminho e uma jovem, vestida como eu em vestes de peregrinação, com um ícone em seu peito, veio até mim e disse: 'Não tenha medo, Vovó. É verdade o que o homem disse, mas ele não era um homem. Estas coisas acontecerão para que a Santa Rússia possa ficar na cruz com meu Filho para redimir o mundo. A única maneira de o mundo ser redimido é através do sofrimento com meu Filho. Não tenha medo. Chegará um dia em que, sob o sinal de meu Filho, guiarei a Rússia para mostrar a face de meu Filho para o mundo.' Depois ela também desapareceu e eu vi as luzes do vilarejo."

Esta história nos foi contada por uma peregrina; ouvi quando tinha 9 anos de idade. Podem ou não

acreditar, naturalmente, mas foi deste modo que nos foi contada, em nossa casa, diante da lareira, há tantos anos atrás.

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

## A mulher da luz

Um homem veio à nossa porta num dia de final de outono, quando as folhas já haviam caído das árvores e formado um tapete de ouro na terra. O frio das tardinhas falava do inverno rigoroso que estava por vir. O homem não era alto nem baixo, nem gordo nem magro. Vestia a roupa comum aos peregrinos. Tinha em seus pés chinelos feitos da casca da árvore de bétula, tão amados pelos peregrinos russos. Seus ombros e pernas mantinham-se aquecidos com faixas de linho amarradas em formas intrincadas. Usava calças de lã feita em casa, forrada com lã macia por dentro para evitar os ventos frios. Seu parka (um tipo de casaco) também era do mesmo material, forrado e amarrado na cintura com um fio, de onde pendia uma garrafa de água. Em sua cabeça havia um boné de pele e sobre seus ombros uma sacola de peregrino, feita de linho, contendo sabão e um pão de centeio.

Ele era uma figura tão comum que seria difícil lembrá-lo, não fosse pelo seu rosto. Era um rosto fino, gasto pelo tempo, com sobrelhas cheias com toques grisalhos. Tinha um nariz reto, lábios grossos e olhos que jamais poderiam ser esquecidos, mesmo por uma criança pequena como eu.

Quando olhei em seus olhos, parecia que podia olhar dentro de seu coração. Senti-me feliz, segura, aquecida e amada. Foi realmente um sentimento incrível que experimentei ao abrir a porta para um estranho.

Convidei-o para entrar e aquecer-se ao lado do fogo na cozinha. E, como sempre, minha mãe o serviu.

Mais tarde, quando já havia comido, meu pai ofereceu-lhe descanso em um de nossos quartos vagos. Ele recusou esta última oferta, dizendo que preferia ajudar com algum trabalho. Trabalhou silenciosa e eficazmente, movendo os lábios vez ou outra em oração.

Eu estava contando as horas até o mágico momento depois do jantar, quando toda a família se reuniria em volta do grande fogão da cozinha. Até mesmo os gatos e cachorros estariam lá e começaríamos a ouvir as histórias do peregrino. Finalmente, esta hora maravilhosa chegou. Sua voz era calma, profunda, sem pressa. Ele começou a contar-nos a história de seu encontro com Nossa Senhora.

Sua peregrinação havia começado três anos antes. Tinha sido fazendeiro e sua mulher havia morrido. Seu filho mais velho era casado. Ele sentiu que havia chegado a hora de distribuir seus bens materiais e começar uma vida de peregrinação, jejum, oração e penitência.

A idéia de fazer uma peregrinação — tornar-se um peregrino — era e ainda é (eu acho) muito difundida entre os cristãos do Rito Oriental. A idade avançada, especialmente, é o tempo para "chorar pelo mundo que não conhece a Cristo". Tais lágrimas, se são de amor, tristeza e arrependimento, lavam as manchas do pecado. A idade avançada é o tempo de se preparar para a morte, que para os russos é nada mais que um passo para a vida eterna. A idade avançada é o tempo de jogar fora todas as posses desnecessárias e começar a última volta na jornada para tornar-se como Cristo. A pessoa torna-se totalmente dependente da hospitalidade e caridade

dos outros, misturando-se com os pobres do mundo, tornando-se para eles uma espécie de Simão Cireneu pela própria pobreza, abraçada voluntariamente.

O peregrino continuou sua história. Depois de ter dividido seus bens com seus filhos, começou sua peregrinação ao redor da terra, em pobreza, recolhimento e oração. Era uma vida boa, ele disse, pois cada passo que dava o trazia para mais perto de Deus. Ele sentiu uma liberdade maravilhosa quando se livrou dos bens terrenos e começou a mendigar.

Cresceu também em amor a Nossa Senhora, quando começou sua caminhada pelas florestas e pequenos vales, visitando os santuários dedicados a ela. Ele explicou que continuou meditando nas maravilhas de Nossa Senhora ter sido a Mãe de Deus e como se tornou a mãe dos homens, estando aos pés da cruz de Jesus. Era muito simples entender aquilo, ele disse. Uma vez que ela havia dado corpo humano ao Cristo e nós somos membros de seu Corpo Místico, obviamente, ela era nossa mãe também.

Este mistério ocupava a maior parte do tempo do peregrino. Havia muito para se pensar a este respeito e Nossa Senhora se tornava mais bela no decorrer dos dias, meses e anos. Ele gostava de parar nos inúmeros santuários pequenos, dedicados a ela no interior do país.

Uma noite ele chegou a um pequeno santuário e percebeu que a próxima vila estava ainda muito longe dali e já era tarde. Então decidiu dormir no santuário, construindo uma cama de grama e galhos. Depois de orar diante do ícone por muito tempo, foi dormir.

Várias horas mais tarde ele foi acordado subitamente por uma criança que estava dentro do santuário, chorando amargamente com grandes soluços. Ele levantou-se para investigar e encontrou uma menina de 10 ou 11 anos de idade. Suas roupas estavam rasgadas, um olho fechado e tinha machucados em suas costas e ombros magros.

Ele perguntou a ela o que havia acontecido. Ela explicou que era órfã, que uma família na vila a havia adotado depois da morte de seus pais, mas que o homem da casa bebia muito, batia em sua esposa e nela sem piedade e que, naquela noite, ele havia aprontado um alvoroço. Ela fugiu de casa para vir e rezar para Nossa Senhora.

Ele acalmou as lágrimas dela, repartiu a água e o pão com ela sob a luz da vela de sebo que carregava consigo. Ele rezou com ela um pouco. Depois a colocou em sua cama verde, cobriu-a com seu capote e esperou que ela descansasse. Pouco a pouco, ainda soluçando, ela dormiu.

Dormiu mais ou menos uma hora, durante a qual o peregrino rezou confiantemente pela criança diante de Nossa Senhora. De repente ouviu uma grande agitação na estrada. Um homem vinha descendo, desgovernado e confuso, gritando e xingando em voz alta.

Em poucos momentos ele chegou em frente ao santuário e, vendo o peregrino, exigiu saber o que ele havia feito com a menina que havia escapado. O peregrino o saudou em nome de Deus, contou-lhe onde a criança estava e pediu que a deixasse em paz. Ele suplicou ao homem que se corrigisse pois

ele, que havia levado uma órfã para dentro de sua casa, havia assumido o Cristo e maltratá-lo do modo com que maltratava a menina era um pecado grave.

O homem não lhe deu ouvidos. Continuou gritando e xingando. Pegou a criança, acordou-a, bateu nela e disse-lhe para ir para casa. A garotinha estava tremendo como uma vara, tão amedrontada, que nem podia chorar.

O peregrino, ainda ajoelhado diante do ícone de Nossa Senhora, pensava no que fazer. Pediu a Nossa Senhora para ajudá-lo. Não poderia lutar contra o homem, pois este tinha a custódia da menina e ele, o peregrino, era apenas um estranho que passava. Nem a luta seria aceitável aos olhos de Deus quando a arma da oração estava às mãos. Ainda pensava no que fazer e estava triste vendo o homem na estrada, batendo na menina de vez em quando, continuando a xingar alto.

De repente, alguns passos à frente do homem e da criança, o peregrino viu uma luz. Devagar, a luz tomou forma, a forma de uma mulher — alta, esbelta e majestosa. Seus braços estavam abertos, barrando a passagem do camponês irado.

O peregrino não sabia se o homem a tinha visto ou não. Tudo o que sabia era que o homem parou — e então tentou continuar, mas não podia. Parecia pregado no lugar.

Gentilmente, os braços da mulher se desdobraram e se estenderam. Ela pegou a criança e a embrulhou no capote vermelho que estava usando. Depois, devagar, bem devagar, levantou-se, para cima, para cima, até que finalmente desapareceu na escuridão



da noite.

Enquanto isto, o peregrino caiu de joelhos. Quando perdeu a mulher de vista prostrou-se na poeira da estrada, tremendo como se estivesse com febre. Quando se levantou o homem ainda estava lá, onde havia parado. A garotinha estava deitada aos seus pés. Aproximando-se deles, o peregrino viu que ela estava morta. Todos os seus machucados desapareceram. Seus olhos azuis estavam completamente abertos. Não havia sinal algum das pancadas que havia recebido. Em seu rosto havia um sorriso gentil. Parecia completamente em paz.

O homem bêbado estava estupefato, olhando para a criança. Não estava mais bêbado, mas muito sóbrio. O peregrino estava parado observando-o. De repente, o homem caiu de joelhos. Cobriu o rosto da menina com beijos, pedindo-lhe perdão.

O peregrino contou a ele o que tinha visto. O outro chorou amargamente.

O peregrino ficou para o funeral. Ficou sabendo mais tarde que o homem que bateu na menina fora preso durante um tempo. Dois anos depois o peregrino foi a um mosteiro que tinha um santuário famoso. Conversando com os monges soube que por volta de um ano atrás um outro peregrino havia pedido permissão para morar nos arredores do mosteiro, no mato, como eremita. Disse que queria expiar por seus pecados.

O peregrino foi ver o eremita para pedir sua bênção. Quando entrou na cabana feita de galhos de árvores reconheceu o eremita — era o homem que estava bêbado naquela noite no episódio da menina. Não

disseram palavra alguma um para o outro. Apenas se curvaram e se abençoaram.

Esta foi a história do peregrino com os olhos profundos, que permitia ver sua alma. Ele a contou para nós numa noite de fim de outono, enquanto o vento batia na chaminé e um fogo ardente queimava no nosso fogão da cozinha.

## A criança na estrada

Prokoviev era um homem de idade indefinida, talvez tivesse 50 ou 70 anos. Era alto, com uma longa barba ainda cheia de cabelos pretos, com vividos olhos azuis, rosto profundamente enrugado sob espessas sobrancelhas. Seus olhos eram tão límpidos quanto os de uma criança. A boca era forte. As mãos alongadas e sempre em repouso.

Ele veio de uma tempestade de neve até nossa cozinha aquecida. Ficou na porta, tirando a neve de seus longos ombros e batendo o pé com suas botas de feltro. Tirou seu chapéu e fez o sinal da cruz três vezes, curvando-se diante dos ícones no canto. Então, em baixa e clara voz, cumprimentou a todos em nome de Deus: "A paz do Senhor esteja nesta casa e com todos vocês". Depois pediu hospitalidade e um pouco de comida.

Usava a roupa de peregrino e tinha um pequeno ícone de Nossa Senhora pendurado com um fio em volta de seu pescoço. Comeu e depois do jantar nos reunimos na cozinha, como de costume, e pedimos que nos contasse sobre os santuários e histórias que faziam parte de sua peregrinação. Ele benzeu-se, ficou recolhido e em silêncio, então começou a nos contar o que tinha para ser contado.

Ele tinha visitado a cidade santa de Kiev com seus numerosos santuários e mosteiros. Falou sobre todas as graças que recebeu e como tinha retornado e estava a caminho do norte, para visitar alguns santuários na província de Novgorod.

Numa tarde o sol estava muito quente e a estrada solitária e poeirenta. Ele decidiu descansar à sombra

de uma árvore. Adormeceu e quando acordou já estava anoitecendo. Como se sentia refrescado, decidiu ir para o próximo lugar de peregrinação que ficava mais ou menos a 20 quilômetros de distância. Assim ele foi.

O caminho era poeirento, mas estava mais fresco. A estrada fazia suas curvas nos prados e campos. Não havia florestas, mas pequenos grupos de árvores aqui e ali. Parecia um cenário de muita paz. Ao cair da noite a lua brilhava e ele podia ver muito bem.

Certa hora (ele não se lembra quando), sentiu-se desconfortável. A estrada se curvava e se tornava confusa e toda vez que chegava em uma nova curva, sentia-se compelido a fazer o sinal da cruz. Virando uma curva, ele viu um homem sentado na beira da estrada. Pensou que talvez o homem estivesse doente, então aproximou-se dele e lhe perguntou se poderia ajudá-lo. O homem disse: "Sim, está bem". O estranho explicou que precisava de alguém para ajudá-lo a cortar seu campo de trigo. Disse que estava desesperado por ajuda e que estava indo procurar alguém na vila.

O peregrino Prokoviev sabia que não era costume interromper uma peregrinação, exceto para um ato de caridade; esta poderia ser uma destas situações. Se o homem realmente estava precisando, então seria caridade ajudá-lo; daria o dinheiro ganho para os pobres. Assim, concordou, um pouco relutante, em ajudar.

O homem estava com vontade de trabalhar. Ele disse, "Venha comigo e vamos começar a cortar o trigo imediatamente. A noite está bastante clara e

podemos ver. Amanhã pode haver uma tempestade". De certo modo entorpecido o peregrino seguiu o homem. O campo não era longe. O homem deu ao peregrino uma foice e convidou-o a começar a cortar. O peregrino assim o fez por algum tempo mas percebeu que o homem estava juntando os feixes, sem colocá-los para secar. Colocava-os numa carroça que era puxada por dois cavalos fortes. O homem amedrontava o peregrino, por alguma razão que este não poderia colocar em palavras. Parou de cortar o trigo. Porém, o salário que lhe fora oferecido era muito bom.

O peregrino perguntou ao homem porque estava com tanta pressa. O homem respondeu secamente que não era problema dele, que estava sendo pago somente para cortar o trigo e que isto era tudo o que tinha a fazer.

Desconfortável e com medo, o peregrino começou a rezar e fazer o sinal da cruz. Imediatamente, o homem, a carroça e os cavalos sumiram de sua vista e lá estava o peregrino, sozinho, segurando a foice.

Tremendo, caiu de joelhos, jogando a foice o mais longe que pôde de si. Ficou pensando no que havia acontecido com tudo! A oração o ajudou. Levantou-se e caminhou até que chegou à vila. Bateu na primeira porta e foi graciosamente recebido pelo chefe da casa que o alimentou e deu-lhe um canto para dormir.

Percebeu de relance uma mulher nos fundos mas não prestou muita atenção nela. Quando estava quase dormindo achou que viu alguém no quarto. Sentou-se rapidamente e percebeu que era a

mulher, a esposa do homem da casa. Era muito bonita. Tentou seduzi-lo mas ele fugiu na noite. Tremendo pelo corpo todo como uma vara, continuou sua peregrinação, rezando incessantemente.

Entrou numa região de densa floresta e passou a noite dormindo debaixo das árvores. Na noite seguinte passou por um grupo de homens de cujos olhares não gostou. Apesar disto, viajavam com ele e até o convidaram para participar do jantar quando chegou a hora de descansar. Acenderam um grande fogo e pareciam ter muito o que comer.

Quando terminaram o jantar um deles começou a conversar com o peregrino e a gabar-se de todo o dinheiro que haviam roubado dos viajantes. Abriu seu casaco e mostrou ao peregrino uma bolsa cheia de prata e ouro. Perguntou ao peregrino se queria fazer parte do grupo, pois precisavam de um homem com sua força e resistência.

O peregrino recusou. Embora tremesse de medo, desejou-lhes boa noite e saiu pela floresta escura. Quando andava, pensava consigo mesmo o porquê de tantas coisas estranhas estarem acontecendo com ele durante tão pouco tempo, especialmente durante uma peregrinação aos santuários.

Enquanto andava, chorava, rezava e pensava, deparou com um pequeno menino que se enveredava pela estrada com uma cesta de cogumelos e frutos silvestres. O menino parecia cansado e esgotado e o peregrino perguntou-lhe o que estava fazendo ali. O menino respondeu que tinha se perdido. O peregrino pegou-o nos braços e,

enquanto o pegava, pensava por que ele estava tão leve.

De repente a floresta ficou cheia de uma grande luz e a criança disse em voz clara e gentil: "Muito bem, meu servo. Permite que o Mal tentasse você três vezes durante o deserto de sua peregrinação com as três tentações que ele usa em todos os homens — pão, mulheres e dinheiro. Você não caiu em nenhuma delas. Vá em paz e conte a história do que aconteceu para todos os homens para que saibam que para os que me amam, minha graça é suficiente e que as tentações são permitidas para que os homens possam crescer em sabedoria e amor".

A luz desapareceu, bem como a criança e o cesto cheio de cogumelos e frutos silvestres. A noite estava quase no fim. O alvorecer se aproximava. O peregrino continuou, pensando se isto realmente havia acontecido ou se havia sonhado. Ainda assim, continuou. No íntimo, sabia que tinha que contar esta história em todas as casas que encontrasse hospitalidade. E assim o fez.

## O velho

Esta é a história de uma babusca. Em russo quer dizer uma avó, uma mulher idosa. Ela chegou na hora do jantar, numa noite nublada de novembro. Tinha sua veste comum de peregrina — um vestido preto, um parka (tipo de casaco) coberto em preto, com pele de carneiro felpuda e quente do lado de dentro, toda amarrada com um cordão em volta da cintura. Usava "balinkies" — botas de feltro — em seus pés e um lenço preto amarrado sob o queixo. Seu rosto era coberto de rugas, mas eram rugas risonhas, agradáveis. Tinha os olhos bem azuis e felizes! Suas sobrancelhas eram pretas, embora o pouco que se podia ver de seu cabelo era branco como a neve. Tinha todos os dentes e um sorriso deslumbrante.

Nós a alimentamos, a deixamos confortável e depois do jantar todos nos unimos para ouvir suas histórias. Ainda estávamos preparando pickles naquele tempo e também havia maçãs secas por todos os cantos da cozinha. O ar estava cheio de temperos e o cheiro das maçãs secas impregnava tudo. O fogo no fogão de lenha estalava como se estivesse cantando uma cantiga, tão feliz estava consigo mesmo. Como sempre, eu estava sentada no chão, aos pés da peregrina.

Ela fez um grande sinal da cruz antes de começar a conversar. Ela nos contou como colocou sua casa em ordem antes de sua peregrinação. Seu filho, casado recentemente, trouxe sua esposa para casa. Ela achou que os jovens precisariam ter algum tempo para si mesmos e que esta era uma grande oportunidade para sair em peregrinação. Assim,



estando com o canto da casa em ordem (ninguém ou poucos tinham quarto separado nas casas russas), pegou seu pão, sal e sua garrafa de água e colocou suas economias sob a custódia de seu filho. Nenhum russo, como sempre mencionamos, carrega dinheiro consigo nas peregrinações. Assim ela se foi, com o coração leve, com a alma cheia de alegria e a mente cheia de oração.

Partiu por volta de agosto. O tempo estava bom, as pessoas eram gentis; não teve problemas. Devagar, reverentemente, orando, sem pressa, ia de um santuário para outro. Era final de outubro quando o tempo realmente mudou e começou a chover muito. As vilas se tornavam escassas, uma aqui outra acolá.

Ficou feliz em encontrar, um dia ao entardecer, uma cabana de tronco, solitária na beira da floresta. A próxima vila ficava muito longe e ela estava cansada. Humildemente, bateu na porta. Pareceu ouvir uma voz baixa que vinha de dentro convidando-a para entrar. Assim o fez.

Olhou em volta da cabana à procura dos santos ícones que eram encontrados naquele tempo em todas as casas, mesmo as mais humildes; estavam sempre do lado do oriente. Com certeza estavam lá. Como é o costume de meu povo, ela benzeu-se três vezes, curvou-se diante dos ícones em louvor à Santíssima Trindade e olhou em volta para saudar quem quer que estivesse por lá. "A paz esteja nesta casa", ela disse, usando a saudação mandada pelo Senhor.

Mas a única pessoa que ela viu foi um velho deitado na cama, parecendo muito, muito doente. Ele

parecia não saber que ela estava lá. Ela pensou em quem poderia ser e quem a havia convidado para entrar, mas logo se esqueceu disso, pois estava muito ocupada com o fogo, que estava quase se apagando. O velho parecia que tinha estado desatento por muito tempo.

Logo percebeu que ele tinha febre. Começou a cuidar dele e pôs ordem na casa. Havia muito o que fazer. O lugar estava descuidado, assim como o velho. Não havia muitas provisões, mas no está-bulo ela encontrou uma vaca que também precisava de cuidados e algumas galinhas famintas. Não demorou muito para colocar tudo no devido lugar e o homem estava melhorando.

Finalmente ele estava de pé. Ainda muito fraco, mas bem, e parecia muito agradecido a ela, embora dissesse muito pouco. Ele era do tipo silencioso! A mulher, gradualmente, assim que o conhecia melhor, confessou que começou a admirá-lo. Não sabia explicar a si mesma o porquê, mas o admirava. Gostava especialmente do modo como partia o pão na hora da refeição e lhe estendia um pedaço; o jeito como punha o chá e sempre lhe estendia a caneca cheia. Havia uma certa majestade no modo em que expressava simples gestos. Fazia-a lembrar-se de alguma coisa — mas não sabia o que era. De vez em quando começava a pensar em ir embora. Então, uma noite, ela disse ao homem que iria embora de manhã .

Na manhã seguinte, quando se levantou, encontrou o lugar em perfeita ordem. A chaleira estava no fogo, pronta para o chá. O mingau estava fervendo ao lado. A mesa estava arrumada — mas só para

uma pessoa! Não havia sinal do homem. Ela saiu e foi ao estábulo e, para seu espanto, não havia vaca ou galinhas. Ali também reinava perfeita ordem, mas não havia nenhum animal que pudesse ser visto.

Ela não podia entender tudo aquilo, então retornou à casa para olhar de novo, mas havia somente uma entrada e um cômodo. Ela havia colocado uma cortina em um dos cantos onde havia dormido no chão, num colchão de capim. Mas não havia ninguém em lugar algum para ser visto. Retornou à mesa para tomar o desjejum, pensando, um pouco perturbada.

Espiou a Bíblia que o homem lia tão freqüentemente. Estava aberta numa página, e, uma vez que sabia ler, assim o fez. Seus olhos caíram nas palavras, "estive doente ... e tu me cuidaste. Tudo o que fizeres ao menor de meus irmãos, é a mim que o fazes".

Começou a tremer com grande reverência. Prostrou sua face diante dos ícones sagrados. Benzeu-se muitas vezes. Então, como não havia mais nada para fazer, continuou sua peregrinação até o próximo lugar sagrado. Mas confessou para nós que, desde aquela experiência, parecia que seus pés tinham asas. Raramente ficava cansada e seu coração cantava e cantava com grande alegria, uma alegria que nunca a deixou.

Depois de contar sua história, ficou em silêncio. Olhamos para seu rosto. Eu especialmente. Os olhos azuis sob as sobrancelhas e cílios negros eram tão joviais quanto os de uma menina, ainda que estivessem numa face cheia de rugas sorridentes.

Uma grande alegria veio daquela mulher. Parecia realmente como se sua juventude tivesse sido renovada, como a de uma águia. Ah, as histórias que os peregrinos contam na Rússia são tão cheias de maravilhas!

## A Rússia em peregrinação

Alguns de meus leitores podem estar pensando que nestas histórias eu tenho exagerado um pouco nos elementos extraordinários, milagrosos das histórias de peregrinos. Talvez tenha mesmo. O que estava realmente tentando transmitir é o fato de que os peregrinos russos, que ainda existem e que têm existido desde que a Rússia se tornou cristã, são na verdade um fenômeno espiritual em meu estranho, vasto e desconhecido país.

Rezo freqüentemente para que o Ocidente comece a prestar atenção, não tanto na "boa ou má vida na Rússia", não só em quanto aço, urânio ou ferro a Rússia produziu na última década. Rezo para que os ocidentais não estejam simplesmente preocupados com o quanto de avançado ou retrocedido possa estar o sistema escolar russo com relação aos Estados Unidos, mas comecem a se interessar por aquilo que os europeus chamam "a alma russa".

Por estranho que possa parecer, se o Ocidente prestar mais atenção na alma da Rússia, entenderá melhor todo o resto — grãos e satélites, educação e minerais, produção e não produção. Em minhas histórias de peregrinos, tentei apresentar algumas facetas desta realidade de tantos lados, chamada "alma russa".

O peregrino russo é um símbolo para toda a nação. A própria Rússia hoje está em peregrinação. Ela está caminhando em direção ao objetivo que está em sua alma por tanto, tanto tempo, desde que foi batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O povo russo tem em suas almas a visão de uma

sociedade que vive em paz e amor e que vive em uma estranha igualdade baseada neste amor. Uma comunidade de iguais, onde todos são na verdade próximos uns dos outros no completo sentido da palavra.

Para qualquer um que é familiar com a história e o pensamento religioso russos, expressos por seus escritores, artistas e povo simples, se tornará evidente que o povo russo tem, de novo, tentado conquistar a implementação desta visão.

Virou na direção errada em algum lugar. Houve muita confusão na história da Rússia que justifica esta direção errada. Mas existe outra encruzilhada na frente. Nesta, ou talvez na próxima, a Rússia entrará na direção certa. Seria bom para o Ocidente entender isto.

Pois a espiritualidade russa é uma espiritualidade de preocupação com o próximo. Isto é exemplificado pelo modo como celebram a Eucaristia, ou, como dizem, a Santa Liturgia. A sua forma de celebração evidencia seu entendimento profundo do Corpo Místico de Cristo e de sua comunhão com toda a Igreja sofredora e triunfante.

Em toda a história da Rússia o povo, em sua vida espiritual e de louvor, tem sentido profunda responsabilidade por seu próximo. O segundo mandamento penetrou seus ossos. Poucos escritores ou políticos ocidentais prestam atenção nisto. Ainda assim, o comunismo, em sua pureza primitiva, oferece uma sombra, ainda que diminuta, deste conceito.

A Rússia está em peregrinação, buscando santuários

de amor, santuários de Deus com uma fome que está cravada profunda e, acredito eu, permanentemente nesta alma misteriosa. A Rússia é hoje uma peregrina sofredora também, até mesmo crucificada. Por estranho que pareça, uma pessoa crucificada pode peregrinar muito longe. Mesmo no silêncio reverenciado da dor, um diálogo frutífero pode acontecer. Sussurros e choros de dor podem pregar os maiores sermões.

Mas tenho medo que as tremendas lições desta crucificação e este silêncio estejam escapando do Ocidente, assim como a lição daquela outra Crucificação escapou dos que a testemunharam.

Para mim, aí está uma das maiores tragédias da era moderna. A Rússia está sendo analisada pelo Ocidente no laboratório de seu intelecto com objetividade fria, do mesmo jeito como os seres humanos são às vezes analisados em nossos hospitais modernos. Mas nenhum médico, cientista ou patologista pode capturar a essência de um ser humano. A menos que seja dada atenção à alma, a essência e o coração de uma pessoa não podem ser vistos. Todo nosso equipamento científico não nos dará os dados completos.

Assim é com o Ocidente: tem a Rússia no microscópio de seu intelecto e, por isso, continua a confundir-se. Os dados estão incompletos porque a essência está sendo omitida: a alma da Rússia em peregrinação santa.

## II HISTÓRIAS DA HOJE



## A porta azul

Olhando para os anos que se passaram, vejo que há muito para ser escrito, apenas para mostrar que não há nada misterioso sobre o apostolado leigo ou sua vida. Pois é uma vida normal. Seu único *glamour* é que é vivida inteiramente por amor a Deus.

Ainda assim, sua normalidade talvez seja a coisa mais extraordinária! Sua vida é vivida nas ruas do mundo. Nada, mesmo as roupas ou o modo de vida, distingue os apóstolos leigos das outras pessoas, no meio das quais eles tentam testemunhar o Cristo, através da partilha de suas vidas, alegrias, sofrimentos, tristezas e felicidades. Eles se misturam com todos de modo que suas verdadeiras armas de pobreza, obediência e castidade possam levar os outros à imensa caridade de Cristo, de quem são mensageiros. Amar a Deus e provar isto a Ele, amando o próximo de verdade e vivendo uma vida a seu serviço; este é o próprio coração de um apóstolo leigo dedicado; este é o "testemunho de Cristo", que muda o mundo.

Como é realizado este testemunho de Cristo, este amor a Deus e aos homens? Isto tentarei contar aos tantos que me pedem para fazê-lo. E parece-me que a melhor maneira seria contar histórias que trarão os trabalhos do apostolado para mais perto, fazê-los mais vivos e reais do que um tratado sobre o assunto faria.

Pois o apostolado, por assim dizer, é uma réplica da casa da Família Sagrada de Nazaré, na qual todo próximo, tenho certeza, era bem recebido. A casa deles também ficava no meio daquela vila sagrada,

misturando-se com tudo à sua volta para tomar parte no seu ritmo de vida.

Assim, coloco estas humildes pequenas histórias aos pés de Maria, a padroeira de todos os apóstolos. Elas são tão suas quanto minhas. Às vezes uma idéia ocupa a mente humana e não a deixa, a menos que ganhe vida em escritos, pinturas, música ou outra expressão de criatividade humana. Isto foi exatamente o que me aconteceu quando pensava nas tantas histórias maravilhosas da Graça e Misericórdia de Deus e no amor carinhoso de Nossa Senhora que se manifestou e ainda continua a se manifestar em nossas vidas.

Existem várias maneiras de agradecer ao Senhor pelos tantos dons que nos tem dado. Pareceu-me que minha maneira seria pela recordação de fatos reais, em forma de histórias da misericórdia de Deus — as aventuras na graça, como Raissa Maritain as chama.

Um padre que nos visitava um dia perguntou-me porque todas as portas de nossas casas eram sempre pintadas de azul (e realmente são). Respondi, sorrindo, "porque um ditado antigo de meu povo dizia: 'Toda porta da frente pintada de azul em honra de Nossa Senhora traz suas bênçãos a todos os que passam por ela.'"

Aqui estão, pois, minhas "Histórias da Porta Azul". Muitas pessoas já passaram por nossas portas azuis, cada uma recebendo, bem o sei, as bênçãos de Maria e a graça e misericórdia de seu Divino Filho. As bênçãos não foram sempre visíveis, mas quando o foram, foram bonitas de se ver, alegres de se

testemunhar, encorajadoras para nós, ajudando-nos a perseverar.

Gostaria de partilhar minha alegria em perceber a misericórdia de Deus com todos aqueles que amam Cristo o Senhor e sua Mãe; com aqueles que ainda não os amam porque não os conhecem. Estas são as histórias de muitas portas azuis que se unem em uma só — a porta azul de Nossa Senhora, pela qual a normalidade extraordinária de nossa vida diária pode ser vista.

## Um drama de fé

Era simplesmente um daqueles dias, sem dúvida: frio, tempestuoso, com o termômetro caindo com uma velocidade espantosa, principalmente para nós, membros da primeira Casa da Amizade canadense que, como muitas de nossas casas, era uma construção de estrutura frágil, aberta a todos os caprichos do tempo. Tinha um grande aquecedor tipo "Quebec" bem no meio de nossa biblioteca e da sala principal de trabalho.

Aquele aquecedor comia carvão como um homem faminto come pão. Espalhava um intenso calor em um raio de mais ou menos um metro a um metro e meio, deixando os cantos expostos ao vento mais frios do que nunca. Havia também um grande fogão, que exigia ainda mais carvão. Era usado para cozinhar as refeições três vezes ao dia e espalhava pouco calor. Os visitantes eram muitos durante aquele inverno severo, no início do tempo da Depressão. Vinham às centenas, o que não nos ajudava em nosso problema de aquecimento!

Sim, era um daqueles dias, e o aquecedor consumia vorazmente. O cozinheiro tinha acabado de nos informar que tinha carvão somente para mais duas refeições. Duvidava muito que haveria carvão suficiente para o fogão e o aquecedor. Mostrou-nos sua última porção de carvão, que tinha juntado cuidadosamente do depósito e que seria tudo — e queria saber o que eu propunha fazer em relação a isto!

Uns 70 pares de ouvidos ouviram esta pergunta com um interesse pessoal. Eram os visitantes, os quais

chamamos de Irmãos Cristóvão. Outras pessoas os chamam de vadios e pedintes. Criaram um hábito de passar os dias extremamente frios na Casa da Amizade lendo, conversando, fumando ou simplesmente sentados quietos e saboreando o aquecimento e a comodidade do lugar. Nossa "casa estava sempre aberta para eles e tinham sempre a certeza de encontrar lá algum velho amigo deixado em Calgary, Halifax ou Edmonton, esperando para aproveitar a próxima chance de pegar carona nos trens de carga, sem ser pego pela polícia.

Sim, a notícia de que não tínhamos carvão se espalhou rápido; era um caso de importância vital para todos nós. Nenhum carvão, nenhum aquecimento; nenhum aquecimento, nenhuma comida. E o que iria fazer a este respeito? (Nossa conta bancária não tinha fundo suficiente nem para comprar uma porção pequena de carvão, quanto mais uma ou mesmo meia tonelada, que o caso de emergência exigia.)

A oração era a única resposta que conhecia, uma oração de fé em Deus e em sua divina providência. Então, devagar, mas com clareza, disse ao cozinheiro e aos irmãos presentes que teríamos que pedir a Deus pelo carvão, pedir simples, humildemente, com completa fé, acrescentando uma pequena observação que, "por causa desta emergência e da temperatura abaixando, precisávamos do carvão hoje, antes das 4 horas da tarde". A porção de carvão não duraria mais do que isto.

Assim que comecei a ficar de joelhos para rezar e o cozinheiro também (um não católico, mas já treinado

em nossas orações), um barulho de cadeiras sendo arrastadas anunciava que todos os Irmãos Cristóvão, não importando qual fosse sua fé, estavam prontos para participar conosco.

De repente, uma voz profunda e zombeteira se fez ouvir, desafiando minha colocação sobre pedir a Deus. Dizia para todos pararem com esta tolice de oração. Todos em mente sã sabiam que a religião era o ópio do povo e nada mais. Percebi uma vez mais que tínhamos um irmão comunista em nosso meio.

Sem prestar atenção em sua contínua investida, ajoelhei-me e em voz alta rezei um Pai-nosso, uma Ave-Maria e um Glória; então listei nossas necessidades ao Espírito Santo, o Pai do pobre. Acrescentei um curto lembrete a Maria, sua Esposa, sobre a hora fatal — 4 horas! Depois sentei-me em minha escrivaninha e continuei com minhas cartas. O cozinheiro voltou para a cozinha. E todos os que tinham rezado comigo, retornaram para suas cartas e conversas.

Nosso amigo comunista não deixaria que isto ficasse assim. "Tudo bem", disse em voz alta, todos rezaram para um Deus que não existe. Então ele ficaria até as 4 horas para testemunhar nossa completa derrota e divertir-se quando aquela praga de carvão não chegasse. Também ficaria de olho em mim, para ver se eu não telefonaria para algum benfeitor para pedir o combustível.

E continuou. Era hora de curar o povo de toda esta tolice. Eu já estava perdida, naturalmente, mas ele odiava ver estes homens bons (todos membros do

proletariado oprimido) serem tão cegos e enganados pela minha tola fé em algo que nunca existiu e jamais existiria.

Ouvi em silêncio tudo o que tinha a dizer e então perguntei a ele o que sentiria e o que faria se o carvão chegasse a tempo! (Isto era completamente possível de acontecer na Casa da Amizade onde uma centena de emergências, incluindo as três refeições diárias, eram milagrosamente providenciadas todos os dias).

Pensou na minha pergunta por um instante e disse que, se isto acontecesse, ele examinaria o assunto de religião e Deus, com a mente mais aberta possível. A situação, desta forma, eqüivalia a uma promessa pública.

Pelo período de um ou dois minutos reinou um silêncio mortal. O tic-tac de nosso velho relógio de parede poderia ser ouvido como um sino. Assim, todos mais uma vez, voltaram para o que estavam fazendo — todos menos eu. Fiz um pretexto de estar escrevendo. Mas tudo o que podia ouvir naquele zumbido de conversa era o tic-tac do relógio. Teria sido presunçosa demais? Teria ultrapassado os limites em mostrar minha certeza interior de que Deus e Nossa Senhora ouviriam nossa simples oração e a atenderiam antes das 4 horas? Poderia fazer isto — marcar hora para a providência de Deus?

Estes pensamentos dançavam um fandango dentro de minha cabeça. Com todo coração desejava ir à igreja na esquina e conversar com Deus sobre esta situação inesperada. Mas isto eu não faria. Não.

Nosso amigo comunista suspeitaria que eu fosse pedir ou comprar o carvão. Não. Tinha que ficar sentada, ereta. Tinha que parecer "despreocupada".

Devagar, no início, depois mais depressa, mais depressa, comecei a fazer atos de fé. Implorei a Maria pelo carvão, não só por causa de nossa necessidade de calor e comida, mas também porque a alma de um homem estava envolvida. E durante toda minha oração silenciosa o velho relógio marchava, batendo seus améns.

O almoço trouxe uma diversão benvinda. Até mesmo lavar os pratos ajudou. Eram 2 horas. Voltei para minha escrivaninha — em silêncio, com um pouco de medo, porém, acreditando.

Três horas. Três e vinte. Os últimos vestígios de carvão foram para o aquecedor. O fogão já estava frio. Da cozinha uma desagradável corrente de ar frio começava a ser sentida. O cozinheiro veio para a biblioteca, cuidadosamente fechando a porta da cozinha. Seu jantar estava todo preparado, mas não tinha fogo para cozinhá-lo.

Três e trinta e sete. Quinze para as quatro. Dez. O comunista ria e começou a discursar para a multidão de homens calados e morosos. Meu coração estava pesado e minha alma em escuridão por alguns momentos. Naturalmente tinha sido presunçosa.

Cinco para as quatro. Três. A voz do "orador" tornou-se um sofrimento para meus ouvidos e minhas lágrimas estavam prestes a cair.

Um minuto para as quatro — e a porta da frente abriu-se com um pontapé! Um homem de rosto sujo com um papel sujo em suas mãos sacudiu a neve



dos pés e vigorosamente perguntou se ali era a Casa da Amizade. Tinha, disse ele, ordens para entregar uma tonelada de carvão! Alguém ficasse esperto e o ajudasse a colocá-lo no lugar, pois ele não tinha o dia inteiro para fazê-lo!

O velho relógio bateu quatro vezes. Nunca esta velha voz seca e rouca tinha feito tanta música em meus ouvidos. Nenhum outro som fora ouvido. Ninguém se moveu. O homem do carvão ficou parado e olhando, espantado com a qualidade do silêncio que saudou sua requisição apaixonada. Tenho certeza de que parecíamos surdos e mudos para ele.

De repente, como que a um toque de clarim, todos se moviam, falando alto, indo e vindo para ajudar a carregar a tonelada de carvão para o depósito que tínhamos construído nos fundos.

Quando o carvão estava lá dentro e estávamos a sós, o agora silencioso comunista e eu sentamos e nos olhamos. Devagar, ele se levantou, olhou no crucifixo diante do qual sempre temos uma vela acesa e disse, distinta e claramente: "Nazareno, você venceu de novo".

Recentemente recebi um convite para uma ordenação. Não poderia ir porque era muito longe. De qualquer forma, seria muito caro ir até lá. Mas fui em espírito. A ocasião era a ordenação do homem que não acreditou que Deus poderia mandar carvão para suas crianças friorentas e cansadas da periferia de Toronto. Aleluia!

## Peter Maurin

O telefone tocava insistentemente. Tinha tocado o dia inteiro, pois estávamos esperando Peter Maurin, do *Trabalhador Católico*, chegar para uma palestra. Também esperava-se que ele falasse no Colégio São Marcos. Mas ainda não havia sinal dele. Do *Trabalhador Católico*, quando telefonamos de Toronto para Nova York, nos disseram que ele tinha partido para o Canadá há mais de uma semana!

Naturalmente, com Peter Maurin tudo podia acontecer — e sempre acontecia. Ele era daquele tipo de apóstolo. Um artigo que alguém escreveu sobre ele e que o descrevia muito bem foi intitulado "A Viagem do Andarilho".

Ele começaria por uma cidade no norte e talvez vagasse por toda a parte sul do continente para chegar até lá. Assim, eu não estava preocupada. Mas o colégio estava e muitas outras pessoas, ansiosas para ouvir este homem extraordinário também estavam. Por isso o telefone tão ocupado.

Desta vez a chamada trouxe notícias definitivas de Peter. Ele não podia fazer a ligação, o homem disse. Tinha sido "detido" na fronteira canadense pelas autoridades da imigração. Era um dos oficiais que estava ligando. Queria saber tudo sobre Peter. Sua voz oficial zumbia sem cessar, fazendo todo tipo de perguntas. Ficamos a pensar onde acharíamos dinheiro para pagar aquela ligação a cobrar!

Respondemos tão pacientemente quanto pudemos sob as circunstâncias. De repente, a voz mudou de tom e tornou-se a voz de um ser humano normal, em vez da de um oficial. "Senhora", ele disse, "fora

do relatório, este homem é um alienado ou um santo? Sou católico, mas ele se senta na sala da imigração, em volta de todos em serviço, contando a eles sobre Deus e sobre a Igreja — coisas que nunca ouvi antes. Na verdade é interessante mas, sabe de um coisa, se o que ele está dizendo é a verdade, tenho muito que ler. O que acha, senhora?"

Disse à voz preocupada que Peter estava bem, a caminho da santidade e não da loucura — a menos que a loucura fosse a loucura e tolice da cruz. Então perguntei se a imigração o deixaria entrar. Sim, deixariam se fôssemos buscá-lo e assumíssemos a responsabilidade por ele enquanto estivesse no Canadá. Dissemos que sim. Era por volta das 11 da noite.

Mais telefonemas. Muitos mais. Arrumamos um motorista e um carro e fomos para Windsor, chegando de madrugada para encontrar Peter. Acharo-lo discursando feliz sobre Deus enquanto comia uma refeição substanciosa de café, sanduíches e roscas providenciada pelo pessoal da imigração. Estavam todos em sua volta, com expressão de pasmo em seus rostos, ouvindo-o.

Acabadas as formalidades, pusemos Peter no carro e o trouxemos em tempo para a missa e o café da manhã. Foi bom vê-lo atravessar a Porta Azul. Encheu-o de bênçãos e trouxe a bênção dele para nós. Peter Maurin, "o homem pobre do continente norte-americano" co-fundador do movimento "*Trabalhador Católico*", inspiração de milhares, era para mim um verdadeiro santo!

Eu o tinha conhecido antes. Mas nesta ocasião

estava em sua melhor fase. Falou de Deus e Maria, de judeus e pagãos, de justiça e injustiça. Em frases vivazes, concisas e precisas, como sua sabedoria e conhecimento podiam moldá-las, falou do céu e inferno, de trabalhadores e organização, de toda a cena social e do apostolado da Igreja. Falou do que realmente sabia. Era aquela perfeita combinação de estudante e trabalhador.

Ouvindo o que dizia, pensei no quanto nós da Casa da Amizade devíamos a ele e a Dorothy Day, e à sua família do *Trabalhador Católico*. Duvido que eu tivesse perseverado no apostolado se não fosse com a ajuda destes dois ardentes apóstolos de Deus e de seu amor.

Peter trouxe-me "a visão do todo" naquele dia. Para todos nós, na verdade, ele deixou claro como cristal que éramos responsáveis pelo estado do mundo todo em todo lugar, por cada um individual e coletivamente. Todos éramos, de fato, responsáveis por nossos irmãos.

Sob sua clara exposição, a doutrina do Corpo Místico se tornou luminosa. Peter era assim. Podia pegar verdades sublimes e, desembrulhando-as das pesadas vestes de palavras com que os séculos as haviam coberto, traze-las à luz do dia.

Peter está morto agora. Seu corpo descansa num cemitério perto de Nova York. Mas ele vive no coração de milhares que o conheceram.

Para mim ele está vividamente presente. Lembro-me dele sempre que rezo. Simplesmente, como costume fazer, peço seu conselho para muitas coisas que dizem respeito ao apostolado. Sim, foi um dia

abençoado quando ele passou pela Porta Azul. A Casa da Amizade se tornou mais rica depois de sua passagem. Peter Maurin, roga por nós!

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

## A piedade de Deus

O padre que um dia passou pela Porta Azul era muito jovem. Tinha cabelos bem louros que caíam sobre os olhos. Havia uma qualidade de menino nele que, de alguma forma, realçava sua seriedade e seus modos de padre e lançava um estranho brilho na sala que, como sempre, estava cheia de Irmãos Cristóvão, encostados confortavelmente nas cadeiras duras.

Muitos se levantaram quando ele entrou, mas ele fez sinal para que permanecessem sentados e veio direto à minha mesa. Depois de uma breve saudação, colocou seu problema para mim.

Dizia respeito a uma família em sua paróquia adjacente. O pai era um comunista e a mãe católica praticante. Tinham sete filhos em idade escolar. O pai não lhes permitira entrar na escola paroquial e proibiu sua esposa, sob pena de injúria física, de colocar os pés na igreja. Todos estavam relutantes em recorrer à lei, por amor a ele.

O homem era eslavo. Seu inglês era ruim, mas falava russo. Poderia eu ir e ver se, com a ajuda do Espírito Santo, seria capaz de fazer alguma coisa por ele? Ele, o padre, então acompanharia a situação.

Levantei-me e segui o padre, primeiro através de algumas das ruas mal conservadas de nossa periferia, depois por becos, até que chegamos a um pequeno barraco sujo, mas com um belo jardim.

O padre apontou um homem cortando lenha ao lado de um pequeno barraco, como sendo a pessoa com quem eu falaria. Daí, deixou-me com uma breve bênção.

Aproximei-me do homem ocupado e o saudei em russo. Ele sorriu quando respondeu. Começamos a conversar. Mas, aos poucos, quando o conteúdo real de minha mensagem começou a penetrar em sua mente, o sorriso se transformou numa carranca. E a raiva se tornou uma espécie de dança macabra em seus olhos. De repente, ficou furioso.

Levantando o machado, gritou que quebraria minha cabeça bem ali se eu mencionasse Deus e a igreja uma vez mais. Juntando todos os farrapos de coragem que me sobraram, continuei devagar a tentar mostrar o que ele estava fazendo com sua esposa e filhos.

Ele levantou o machado e ameaçou-me. Corri. Corri o mais que pude em toda a minha vida. Passei garagens e latas de lixos que estavam em meu caminho; becos que pareceram, por um instante, armadilhas sem fim. De repente parei. Por que estava correndo de um homem que pensava odiar Deus? Deus o amava! Ele deveria ver isto!

Virei-me e o vi, ofegante e desordenado, ainda segurando o machado no alto. Estava virando o pequeno beco onde eu estava. Parou na minha frente. Ficamos lá, um olhando para o outro intensamente.

O medo havia desaparecido. Uma pena imensa tomou conta de mim e chorei sem nenhum constrangimento. Aos poucos, como uma criança pega numa travessura, ele chegou mais perto e mais perto, arrastando e puxando seus pés. Depois parou e perguntou-me porque estava chorando. Era de medo? Disse que não. Era de tristeza e pena pelo

que ele estava fazendo para o Cristo.

De repente ele caiu de rosto no pó e sujeira do beco. Soluçava com soluços profundos e pesados de um homem forte. Estranhamente, peguei-me rezando para São Paulo, pois esta figura prostrada no beco me fez lembrar de Paulo de Tarso. Nenhum de nós falou, nenhum de nós fez qualquer gesto. O tempo parecia parado.

O homem levantou-se e, largando seu machado, estendeu sua mão e pegou na minha. Voltei para casa pelos labirintos da periferia. Ele foi para sua casa envolta em flores.

Muitas semanas mais tarde o padre com jeito de menino veio para descobrir como tinha persuadido o comunista a mandar seus filhos para a escola paroquial e permitir que voltassem para a igreja — como, em nome de tudo que era sagrado, eu havia chegado ao ponto de até ele estar indo à igreja!

Não contei para ele a história toda. Simplesmente disse que foi a piedade de Deus, que por um minúsculo instante tomou conta de meu coração. Foi a piedade de Deus que o tinha levado a tomar aquelas decisões. Ainda acredito nisto.



## Um homem comum

Não havia nada que o distinguisse dos milhares de outros que passavam pela Porta Azul todos os dias, pedindo roupa, comida, abrigo ou outro tipo de ajuda. Havia nele somente aquele ar estranho de quem é pobre. Era quieto, com 28 ou 30 anos. Suas roupas estavam esfarrapadas, remendadas com cuidado. Seus sapatos estavam gastos. Os cabelos um pouco longos, pois um corte custa dinheiro.

Quando falou, a voz e as palavras eram as de um homem bem educado. Um sentido de tragédia pairou sobre nós enquanto ele falava. Como continuava a falar, o cenário tornou-se ainda mais desolado.

Era um ministro protestante, ele disse. Tinha tido problemas com sua fé e deixou a igreja onde era pastor. Agora estava apenas flutuando, dês ancorado, procurando ... o quê? Não poderia dizer exatamente o que. Estava só no mundo. Nem amigos nem parentes. A Depressão dificultou a busca de um emprego. Era um novato em trabalho manual; além disso, o mercado de trabalho estava saturado naquele momento.

Não comia por algum tempo e estava um pouco "cansado". Tinha visto o sinal sobre nossa porta — Casa da Amizade — e tinha vindo no impulso do momento. Precisava de amizade mais do que comida e descanso.

Percebi as profundas marcas de cansaço e fadiga mental que esta busca tinha gravado em sua face jovem. Percebi que aquele homem passava fome, estava doente e exausto. A comida e uma cama limpa estariam prontas num instante.

Duas semanas se passaram antes que ele pudesse realmente ficar em pé de novo. Ficou conosco e trabalhou com vontade e eficiência em qualquer serviço que dávamos para ele, desde esfregar o chão até descascar batatas ou servir os Irmãos Cristóvão. Estava sempre quieto, contido, ouvindo mais do que falando.

Tornou-se confidente de muitos irmãos. Ele era deste tipo de homem. Então, numa noite quieta de inverno, quando o aquecedor estava rugindo confortavelmente e o relógio velho e ofegante estava contando o tempo com pequenos suspiros e tosses, ele chegou até minha mesa e sentou-se sob o crucifixo. O resto da sala estava deserta. A luz de vigília (pequena lâmpada de óleo, acesa aos pés da imagem) jogava pequenas sombras em sua face limpa.

Em baixa voz ele disse simplesmente que tinha descoberto o que estava procurando. Catolicismo era a resposta. Continha a amplitude da verdade e ele queria abraçá-lo. Poderia prepará-lo para o catecismo?

A luz cintilou de repente. Um rolo do aquecedor caiu como um estrépito na tranquilidade da sala. O som quebrou a gratidão que estava vertendo em meu coração. Peguei na mão dele e a segurei por um minuto mais ou menos. Não disse nada. O que tinha a dizer diante de tamanho milagre da graça de Deus?

Encontramos um padre. Havia um bolo grande, cheio de velas, feito com amor pelo Sr. Pritchard, nosso chefe. Alegria e risos ecoavam na grande biblioteca

em que comemorávamos. Paulo ficou conosco e fazia seu trabalho ainda melhor do que antes.

A ocasião chegou para outro bolo — agora com flores e velas. E havia ainda mais alegria e felicidade em nossa humilde casa. O vagabundo, o andarilho, aquele que busca, o Irmão Cristóvão estava nos deixando para estudar para ser padre. Estava indo para um seminário de uma ordem austera.

Recentemente o visitei. Tem barba agora. Em seu rosto existe uma paz que ultrapassa todo entendimento. Seus olhos refletem uma alegria que parece não poder se conter. O ministro, o cavaleiro da estrada, o Irmão Cristóvão tinha vindo para casa, através da Porta Azul. Paulo foi um dos sete que foram ordenados ao presbitério através desta Porta Azul. Através da infinita graça de Deus, no meio de milhares de Irmãos Cristóvão que vêm até nós, sete se tornaram outros Cristos.

Mas então, por que deveria estar tão espantada? Qualquer um que passa através de uma porta pintada de azul em honra a Nossa Senhora recebe sua bênção especial. Por isso, tudo pode acontecer! E maravilhas aconteceram, e os milagres se tornam tão presentes como o que muitas pessoas chamam "coincidências". "Diariamente, lembro-me da Casa da Amizade na minha Missa", disse o padre barbudo. Não é de admirar que a Casa da Amizade seja abençoada.

## Uma mulher, uma criança e o Natal

Seus ombros eram magros e curvados, como os de um homem que nunca em sua vida tinha tido um casaco para proteger-se dos ventos cortantes. Ele era como alguém que tivesse sempre tentado ser estreito para que houvesse menos espaço para o vento rondar.

Seu rosto era longo, magro e como que transparente. Seus olhos eram vagos e terríveis de encarar. Era como um cego que estava vendo. Se fossem olhados de frente, podia-se ver naqueles olhos um vazio, com profundezas amedrontadas e sem fim, embora poucos se preocupassem com isto.

Ele chegou até o aquecedor no meio de nossa sala grande. Tirando o chapéu, esfregava despreocupadamente suas mãos, que estavam estendidas em direção ao agradável calor do fogo forte. Os homens levantaram os olhos de suas cartas, jornais e revistas. Todos acenaram e sorriram. Ele parecia não percebê-los. Simplesmente ficou lá, virando seu chapéu como antes, curvando seus ombros magros e aquecendo-se.

Levantei-me e fui até ele. Perguntei se estava com fome. Balançou a cabeça dizendo que sim, como se estivesse muito cansado para falar. Levei-o até a sala de trás, nossa cozinha, e coloquei comida à sua frente. Ele sentou-se. Comeu ferozmente como alguém que precisava desesperadamente de comida.

Depois, subitamente, chorou com profundos e lentos soluços que prediziam as águas vorazes de uma represa que está por quebrar. Sentei-me. A dor de

Cristo me rodeou como o fez durante anos. Milhares como ele que tinham passado pela Porta Azul traziam a dor de Cristo para mim, para nós, para que pudéssemos tirá-la deles e pegá-la para nós mesmos. Isto é o que amar ao próximo quer realmente dizer: tornar-se o suporte de sua cruz de dor, tristeza e necessidade.

Então, tão subitamente quanto começou a chorar, começou a falar. A história que me contou era simples, sórdida e velha, ainda assim, pungente, nova, cheia de dor. Pois quando uma história está conectada com um ser humano, com a vida real, nunca é velha, sórdida ou simples.

Ele casou-se muito jovem. Ela ficou grávida. Ele ficou com medo da pobreza à sua volta. Abandonou-a. Isto tinha sido há seis meses atrás. Depois não podia viver consigo mesmo. Voltou porque ela estava sozinha, jovem e sem defesa. Em volta havia a grande Depressão econômica. Nenhum emprego. Além disto, tinha retornado tarde demais. Ela havia desaparecido sem deixar rastro, pelo menos nenhum que pudesse ser seguido.

Depois disto ele não se incomodou com mais nada. Tornou-se uma espécie de mendigo, andando pelas ruas, mas sempre à procura dela, sua esposa abandonada e a criança. O bebê deveria ter várias semanas de idade.

Onde ela estava? Onde eles estavam nesta noite de Natal, a festa dos bebês é mães? Ele caiu bruscamente, com a cabeça cheia de pedaços de pão e pasta de amendoim, o prato de sopa pingando seu conteúdo em seu casaco fino e em suas mãos

apertadas. É difícil olhar para um coração nu. Deixei-o por algum tempo. Mais tarde o vi aquecendo-se ao lado do fogão. Seus olhos estavam secos de novo.

Aos poucos o lugar foi se esvaziando. Era noite de Natal. Um por um, o cansado e sem forças, o velho e o moço, o pobre e destituído — e aqueles que tinham se tornado pobres por amor a eles — todos estavam indo para a missa da meia-noite numa igreja próxima. O jovem com os olhos vazios não se movia. Decidi ficar com ele e partilhar sua solidão e vazio. Havia sempre a missa da manhã para ir.

Um calmo e estranho silêncio pairou sobre nós. Desliguei a maioria das luzes e acendi as da grande árvore de natal que estava ao lado de uma grande janela. O lugar parecia um pouco com uma capela, com suas luzes de vigília e de Natal. Depois acendi a vela solitária na outra janela, como que para saudar os transeuntes, outro costume de meu país distante.

O jovem ainda não se movia. Aos poucos comecei meu rosário. O que mais poderia fazer diante do drama silencioso da alma de um homem nesta noite sagrada senão orar? A neve caiu rápida e pesadamente. Transeuntes apressados eram somente sombras fora do círculo aquecido de nossa sala.

Sem avisar, a porta se abriu. Uma mulher com um bebê enrolado num xale, parou como um quadro, flocos de neve sobre ela derretendo-se rapidamente com o calor. Levantei-me para saudá-la, mas o jovem foi mais rápido do que eu. Ele tinha virado e a tinha visto. Quase mergulhou no espaço que os separava. Rapidamente ela estava em seus braços.

Ele repetia o nome da mulher continuamente. O bebê começou a chorar. Depois tudo ficou em silêncio.

A Virgem com a luz de vigília tremeluzente em sua face parecia tornar-se viva. O silêncio era profundo. Daí os sinos da igreja próxima começaram a anunciar a boa nova do nascimento de Cristo. O homem magro com os ombros finos tinha encontrado aquela a quem seu coração procurava.

Gentilmente fechei a Porta Azul que ela havia deixado aberta em sua ânsia de entrar e fui para a cozinha terminar o meu rosário.

## A prostituta

A menina era uma prostituta, nunca havia negado. Na verdade ostentava este fato. Em alta voz exigia ser servida antes da longa e paciente fila de pessoas esperando por roupas porque, dizia, estava cansada de "esperar tanto tempo depois de sua noite de trabalho".

Naturalmente, não recebia atenção, pois justiça tinha que ser feita aos outros e as prioridades observadas. Assim ela xingava, zumbindo num monólogo fixo durante uma hora ou mais, até que sua vez de examinar as roupas que tínhamos e selecionar o que precisava finalmente chegasse. De algum modo as palavras obscenas soavam estranhas vindas dela, pois era jovem e bonita. Diríamos que soava como se ela tivesse que praticá-las muito.

Muitas vezes a fila de pessoas esperando com paciência se movia ansiosamente diante do impacto de seu dilúvio de palavras profanas. Freqüentemente, também, os transeuntes lançavam insultos de volta a ela. Mas ela simplesmente continuava a xingar, ignorando a fila que esperava, ignorando a cidade, ignorando tudo, menos seu desejo de chegar à frente daquela fila.

Depois de esperar por muito tempo sua vez chegaria e ela passaria pela porta de nosso centro de roupas, um depósito que se abria dentro de uma rua movimentada de nossa periferia. A pessoa responsável pelas roupas era uma menina jovem e bonita. Tinha que ouvir esta corrente de imundícies por mais de uma hora todos os dias da semana — menos domingo! Suportava isto pacientemente.



Engraçado, quão sereno o rosto desta jovem, quão gentil e compreensiva ela sempre parecia. Todo dia oferecia uma xícara de café para ajudar a tirar a grosseria da garganta da prostituta, que sempre o bebia e então, muito criticamente, olhava as roupas de segunda mão que tínhamos para dar até que encontrasse o que queria.

Trezentos e sessenta e cinco dias por ano, menos domingos e feriados. Isto significava mais ou menos 300 dias para nossa jovem ouvir os insultos, fazer café e dar um vestido para a outra. São muitas horas, muitos dias, muitos insultos, muito café e muito amor!

Então um dia a prostituta estava sóbria, quieta, atenta e até mesmo tímida. Bateu na porta polidamente e entrou quando convidada. Então, de pé, ereta e alta, olhou para o belo rosto da menina e perguntou diretamente porque ela havia sido tão paciente. Por que não tinha chamado a polícia? Por que tinha tão docemente suportado seus insultos e injúrias? Por que havia lhe dado café, os vestidos, o serviço gentil e educado? Por que nunca reclamou?

Depois de fazer estas perguntas, ficou rígida, como que se apoiando para receber uma resposta que estava com medo de ouvir.

Tudo o que a menina disse foi, "Oh, é muito simples. Eu amo você". A prostituta balançou como que golpeada na face, e de dentro de sua alma veio o grito: "Eu, por quê?"

Ainda mais gentil do que antes veio a resposta: "Porque você é Cristo para mim, porque ele morreu por amor de nós duas, porque sou sua irmã nele,

porque estou aqui para amar e servir você".

A prostituta caiu no chão. Chorou com soluços profundos e pesados que aos poucos a acalmaram e a deixaram exausta e quieta. Levantou-se devagar. Disse: "Nunca ouvi tais coisas, mas acredito porque ... porque você sempre foi a mesma. Sempre tive o café, os vestidos ... sim, agora eu sei. Quero amar como você. Ensine-me".

Ela era uma prostituta. Nunca havia escondido. Ostentava este fato. Mas, depois daquele dia, aprendeu o catecismo. Foi batizada, confessou-se e recebeu a comunhão. Hoje, naquela cidade grande, sei que existem 17 delas, prostitutas que choraram aos pés de Cristo. Todas se levantaram, renovadas e inteiras, e foi esta garota quem as trouxe até Ele.

## Deus não existe

Era o auge da Depressão. Como sempre, reunidos em nossa grande biblioteca estavam os homens, os quais o mundo considera a escória da humanidade — vadios e errantes. Para nós da Casa da Amizade eles eram os Irmãos Cristóvão, viajantes da estrada da vida que, em sua completa pobreza, talvez estivessem mais perto de Cristo do que muitos outros. Estavam sentados em volta da mesa. A lâmpada, no centro, fazia sombras estranhas em suas faces, revelando e escondendo suas almas.

A pessoa responsável estava escrevendo cartas, sentada atrás de uma mesa, da qual examinava toda a sala. Alguns homens estavam lendo, outros simplesmente sentados ou descansando, permitindo o aquecimento da sala penetrar em seus ossos cansados e sem forças. Outros jogavam cartas num canto. Dois estavam engajados numa conversa baixinha. Era uma noite comum na Casa da Amizade, durante a Depressão.

De repente, a porta se abriu e um homem alto com o rosto gasto pelo tempo e uma cabeleira branca entrou na sala. Queria saber se estava atrasado para o jantar. O responsável assegurou-lhe que, embora estivesse atrasado, havia sobrado o suficiente para ele. Assim ambos desapareceram nos fundos do prédio, onde tínhamos nossa cozinha e sala de jantar.

Enquanto isto, na biblioteca, o ruído das conversas aumentava. Quando o responsável e o homem de cabelo branco retornaram, viram um padre sentado à cabeceira da mesa conversando com os homens. A

conversa parecia sem sentido, mas na verdade não era.

Era costume da Casa da Amizade naquele tempo convidar diariamente um padre da cidade para fazer uma visita aos homens e conversar sobre Deus e as coisas de Deus — ou sobre qualquer coisa que os homens quisessem conversar a respeito. Os temas eram abundantes. Os homens esperavam ansiosos por esta hora de discussão, tão amigável e simples. Poucos deles, infelizmente, tinham tido algum contato com padres. A maioria nesta ocasião parecia interessada no que o padre estava dizendo.

Depois de algum tempo, o padre se levantava e, com um sorriso encorajador, informava a todos que estaria na parte de cima, numa pequena sala caso alguém quisesse se confessar. Havia noite em que ninguém ia; outras, um ou dois; às vezes um grande número. O bom era que havia um padre esperando, lá na Casa da Amizade, onde os homens se sentiam de qualquer forma em casa. Na nossa casa poucos os incomodavam e a polícia os deixava em paz, mesmo que por algum tempo. Poderiam relaxar.

Nesta noite em particular, a discussão foi mais longa do que normalmente; era por causa do homem de barba branca. Ele ficou no meio da sala, esquentando suas costas contra um velho fogão de carvão. Destacava-se de todos devido à sua altura e magreza. Com uma voz bem modulada atacava tudo que o padre tinha a dizer. Espantava muitos e incitava outros a participar de seus argumentos. As vozes se tornavam mais altas e a calma começava a desaparecer.

Repentinamente o homem de barba branca ficou bem ereto. Sua sombra fazia um fundo estranho para ele. Com voz clara, cuidadosamente enunciando cada palavra, ele disse. "Padre, tudo isto não faz sentido. Deus não existe e eu vou provar para você. Vou desafiá-lo; se Ele existir, que me ponha morto aqui e agora."

Por um segundo houve um profundo silêncio. O peso deste silêncio era esmagador. Mas durou apenas um ou dois minutos. Então, o homem de cabelos brancos ofegou, gemeu e começou a apertar sua garganta, como que incapaz de respirar. Depois caiu, com a face no chão, como uma grande árvore caindo diante de uma machadada.

Durante o espaço de tempo de uma "Ave Maria" ninguém se moveu. Depois houve um tumulto. Alguns trouxeram água. Outros tentavam desapertar as roupas do homem. O padre abaixou-se, tentando ouvir a batida de seu coração. Alguém chamou um médico. Mas o homem estava morto! "Morto", disse o médico, "de ataque do coração".

Enquanto motoristas de ambulância, médicos, policiais, vizinhos e curiosos entravam e saíam, os degraus que levavam à sala superior rangia diante do peso de alguns 50 homens que subiam para fazer as pazes com Deus — o Deus que o homem de cabelos brancos tinha negado e desafiado tão abertamente. Deus extrai o bem do mal, e da morte, a vida.

## O filho de Israel

Ele era alto, magro e de musculatura flexível. Descobri mais tarde que, quando ele passou pela Porta Azul, escolheu como assento a pequena e estreita mesa de datilografia — sem máquina — próxima à minha mesa. Sentou-se nela, em posição de ioga, e parecia mais confortável e relaxado.

Conversamos facilmente. Era jovem e tinha o rosto longo e gentil de um poeta, um sonhador, um estudante. Fazemos poucas perguntas na Casa da Amizade. Descobrimos que assim é melhor. Existe algo de sagrado sobre um ser humano que não deve ser violado por mera curiosidade. É para ser reverenciado e amado.

Durante nossa conversa vagarosa e sem muita direção, ele me disse que era um poeta, escrevia para o New Yorker e era judeu. Um judeu ortodoxo. Fiquei feliz, com a estranha felicidade que sempre me vinha quando um filho de Israel passava pela Porta Azul. Nunca esqueço que nós católicos somos, espiritualmente, semitas. Cristo era judeu, bem como Maria, sua mãe. A igreja nasceu do coração aberto de um judeu que também era Deus. Amo os judeus.

Ele ficou para o jantar mas comeu muito pouco. Podia comer somente comida judaica, que não tínhamos em casa. Continuou a conversar, vagarosamente, com beleza, sobre muitas coisas. Tinha muita caridade e aquecia com seu amor nosso pequeno apartamento de Nossa Senhora no Harlem. Valia a pena ouvi-lo. Todos rezamos a oração oficial da Igreja para a noite. De algum modo ele fez os

salmos de Davi se tornarem vivos para nós. Ele os recitou com muito fervor.

Sentimos quando teve que ir embora, mas ele voltou uma vez, outra vez, como voluntário da Casa da Amizade. Ajudava com os Irmãos Cristóvão, com nosso jornalzinho dos jovens e com nossa pequena aula de jornalismo. Fazia tudo graciosamente, mas nem sempre com eficiência. As vezes ficava muito distraído! Não importava. A Caridade, também conhecida como amor, falava alto em todos os seus gestos. Brilhava em seu rosto e falava através de suas palavras. Começamos a amá-lo mais e mais.

Um dia ele surpreendeu-me: pediu se podia se tornar um dos nossos e viver nosso modo estranho de vida. Era um modo de completa pobreza e completa dedicação ao que era conhecido como o Apostolado Leigo da Ação Católica. Não respondi de imediato, mas pedi um tempo para rezar.

Naquela noite pensei como isto poderia acontecer. Nosso estilo de vida era totalmente católico e ele era um judeu. E assim, ... mesmo assim, como poderia recusar uma alma tão brilhante, que abençoava tudo o que tocava?

Só podia fazer uma coisa. Era ir ver o bispo da diocese e pedir seu conselho. Foi o que fiz. Nunca esquecerei o sorriso paternal e acolhedor daquele grande homem, nem tampouco suas palavras: "Catarina, como podemos recusar o filho de nossa Mãe? Você sabe que todos somos, espiritualmente, filhos de Abraão. Aceite-o com minhas bênçãos e veja o que acontece".

Assim fiz. Funcionou muito bem. O jovem tirava

folga de sexta-feira à noite até domingo de manhã. E trabalhava aos domingos, enquanto descansávamos. Era muito meticuloso em lidar com católicos, sempre dando-lhes o tipo certo de literatura, sempre indicando-os para outra pessoa que pudesse ajudá-los melhor, quando não podia fazê-lo. Na maioria das vezes podia ajudar, pois era bem instruído e conhecia a fé católica de um modo intelectual e abstrato.

Havia, naturalmente, a dificuldade em aprender muitas coisas, como esfregar o chão! A primeira vez que recebeu a humilde tarefa, partiu com o esfregão e o balde para o outro lado da rua, na varanda que era para ser limpa. Passou uma hora. Duas. Ele ainda estava lá.

Pura curiosidade tomou conta de mim. O que um homem estaria fazendo com um chão que normalmente levaria 30 minutos para ser limpo? Atravessei a rua, abri a porta e fiquei trespessada. Toda a água do balde estava no chão. Ele estava na água, com o esfregão seco de cabeça para baixo. Estava escrevendo num pedaço de papel marrom. Estava rascunhando (fiquei sabendo mais tarde) um belo poema sobre esfregões, chãos e água com sabão!

Gentilmente perguntei-lhe o que estava acontecendo. Surpreso, ele virou-se e, um pouco vermelho, reconheceu que uma vez que não sabia como limpar o chão, pensou que um poema sobre o trabalho compensaria sua deficiência. Disse a ele que certamente não o faria. (Imprimimos o poema mais tarde e ensinei-lhe como limpar o chão). Muitos incidentes aconteceram com este filho de Israel, e



acho que daria um livro inteiro. Ele é do tipo de homem sobre o qual algum dia se escreverá um livro.

Um dia, quase um ano e meio depois, ele nos deixou. Sua saúde começou a arruinar-se, principalmente por causa de nossa pobre alimentação. Ele não nos escrevia com freqüência. De vez em quando recebia uma carta com pequenas ilustrações engraçadas, sempre uma carta breve. Isto fazia-me estranhamente feliz. Também de vez em quando eu as respondia da mesma maneira.

Anos mais tarde tivemos uma celebração em nossa casa em Chicago. Era o aniversário da sua fundação. O bispo era o convidado de honra. Deu uma pequena palestra para uma grande audiência de amigos. Explicando o que era a Casa da Amizade, o bispo relatou uma história que ouviu numa visita recente a um mosteiro Trapista.

O Abade havia perguntado ao bispo o que era a Casa da Amizade. "Um judeu alto e magro", disse o Abade, "tinha vindo até ele e pedido para ser batizado. Isto aconteceu principalmente por causa de um lugar com o qual teve contato, chamado Casa da Amizade."

O bispo continuou a dizer que, para os que conheciam a Casa da Amizade, a história do judeu não precisava de mais explicações. Este judeu era Bob Lax, o amigo de Thomas Merton, que o descreve tão bem em seu livro "*A Montanha dos Sete Patamares*".

Sim, amo muito os judeus porque Cristo foi judeu e Maria, sua Mãe, também. Em Bob Lax vi o filho de Abraão e o filho de Maria — judaísmo e cristianismo. Aleluia!

## Tia Dilly

Seu cabelo era branco como a neve, mas seus profundos olhos azuis eram jovens, jovens com uma juventude eterna e feliz. Era bem vestida. Parecia uma professora ou uma enfermeira. Passava pela Porta Azul em silêncio, mas com firmeza, como se tivesse algo em mente. Perguntou por mim com uma voz clara e musical, inalterada pelos anos que haviam deixado marcas em seu rosto.

Sentada à minha frente na minha mesa explicou o seu propósito sóbria e simplesmente. Era uma professora aposentada. Vivia de sua pensão. Tinha economizado uma soma modesta que tinha planejado doar para uma ordem que celebrasse missas para o repouso de sua alma. Era órfã, não tinha parentes ou amigos. Queria ter certeza que alguém rezaria por ela depois de sua morte.

Mas tinha ouvido uma palestra minha e decidiu dar-nos o dinheiro para ser usado em nosso trabalho de justiça inter-racial. Não era muito, mas era todo o dinheiro extra que tinha. Tinha um sentimento profundo que Cristo no negro, que ela via claramente e que desejava desesperadamente ajudar, tomaria conta de sua alma. Somente depois disto é que percebi a completa simplicidade de suas vestes e como suas roupas estavam gastas.

Sua face idosa estava séria, intensa. Seus olhos sorriam com alegria, enchendo a sala com aleluias mudos de contentamento. Aceitei a oferta agradecidamente, sabendo que era privilegiada em estar presenciando um milagre da graça. Pois o amor de Deus que se doa e que dá tudo o que possui tão

generosamente, é uma graça incalculável.

Em silêncio ela fez o cheque. Deu-me e já estava indo embora quando sugeri que ficasse para jantar conosco. Este foi o começo de uma longa associação entre "Tia Dilly" e nós. Ela se tornou uma voluntária na Casa da Amizade, no Harlem, e todas as pessoas daqueles dias agitados e de muitas mudanças a conheciam muito bem.

As crianças a seguiam amavelmente, pedindo histórias que ela contava com infinita habilidade. Tinha o poder de cativar os jovens que ficavam sentados e absorvidos por horas. Não era um poder pequeno! Jovens vinham até ela com suas dores de coração e tristezas crescentes. Eles a apelidaram de "Tia Dorothy Dix da Casa da Amizade".

Os adultos de todas as idades também vinham a ela com suas alegrias e tristezas. Bastava entrar pela Porta Azul e a notícia de que Tia Dilly estava na Casa da Amizade se espalhava pelas numerosas ruas. Todo o tipo de pessoas unia-se a ela.

Tranqüilamente e com discrição, trouxe muitos de volta aos sacramentos; arranjou para que muitos casais se casassem no religioso. Nunca parecia cansada e estava sempre pronta para ajudar.

Tinha um pequeno trabalho paralelo. Era grafologista. Lia a escrita das pessoas para bancos e lojas de departamentos, nas áreas de pessoal. Analisava nossa letra também, descrevendo apuradamente para cada um de nós, nossas características gerais, nossas forças e fraquezas. Raramente cometia um engano.

Uma vez, espiando uma carta minha, na minha mesa

e também uma de Eddie Doherty que tinha acabado de descobrir a Casa da Amizade, calmamente disse que: "falando objetivamente", o homem que escreveu esta nota e eu formaríamos um casal perfeito. Nossa caligrafia, ela dizia, revelava uma complementaridade. Um ano depois eu estava casada com Eddie Doherty. Tia Dilly estava certa outra vez!

Um dia soubemos que ela estava doente. Visitas não eram permitidas. Ela morreu. Metade do Harlem e todos nós da Casa da Amizade fomos ao funeral. Muitos padres que ela conheceu através de contato conosco também estavam lá. Todos em suas missas se lembravam de sua alma brilhante.

Tia Dilly vive nos corações de muitos. Ela vive em nossos corações e em nossas orações. Se Cristo compensará a todos nós até por um copo de água, o que não dará a Tia Dilly, que amou tanto a muitos?

## O pastor que saiu da neblina

Ele era de altura média, com cabelos grossos e cinzentos que o distinguiam bastante. Existia nele também um ar de autoridade, um ar clerical, que me fez levantar espontaneamente quando passou pela Porta Azul e entrou em nossa aquecida biblioteca. Sacudiu a neve que cobria seu casaco bem costurado.

Por um momento eu me senti perplexa. Aquele momento desapareceu rapidamente quando ele se apresentou como o reitor de uma igreja da denominação Unitariana numa grande cidade do Oeste. Disse que a razão de estar ali era o desejo de sua congregação em ouvir uma palestra minha sobre "Cristandade e Justiça Racial".

Enquanto acertávamos data, preço e todos os detalhes pertinentes a tal transação, a tristeza de seus olhos me atraiu. Existia neles uma dor que eu não podia definir. De alguma forma sua dor gritou para mim numa voz muda que trazia uma espécie de desespero dentro de nossa tranqüila biblioteca.

Acertamos os detalhes da palestra. Ele assegurou-me que eu estava livre para falar em meu próprio estilo "católico". De fato, ele disse que sua congregação estava particularmente interessada no ponto de vista católico sobre esta questão vital da justiça racial. A palestra seria aberta. Quer dizer, seria feita numa sala alugada, com entrada franca para o público em geral. Convidamo-lo para o jantar mas ele recusou, dizendo que tinha que pegar o trem. Como o acompanhava até a porta, o sentimento de tristeza uma vez mais tomou conta de

mim; mais uma vez tive que sacudir tal sentimento.

No devido tempo, minha turnê de palestras trouxe-me até sua cidade e sua denominação. Atenta a seus desejos, tentei apresentar, com completa simplicidade, o ponto de vista católico sobre o assunto. A palestra foi bem aceita. Muitas perguntas foram feitas. Grande interesse também foi mostrado com respeito aos outros aspectos de nossa fé. Finalmente, o encontro chegou ao fim e o Rev. Pastor e sua esposa levaram-me para sua casa, hospitalidade que havia sido oferecida a mim de antemão.

Depois de um almoço leve, sua esposa foi descansar. Ele perguntou-me se me importava em ir até sua sala para uma pequena conversa. Havia, ele disse, algo em sua mente que queria me perguntar. Aceitei com alegria.

As paredes da sala eram forradas de livros. A mesa indicava um homem que lia e estudava muito. Notas cobriam toda a mesa. Livros com marcadores singulares inundavam as cadeiras e até mesmo o chão. Os móveis eram simples, mas confortáveis. Sentei-me numa grande poltrona de couro sob a lâmpada do abajur. Ele sentou-se à minha frente numa cadeira giratória perto da mesa.

Esperei por suas perguntas. O silêncio saudou-me e me envolveu. Era um silêncio estranho, perturbador, que eu não podia quebrar. Continuei a esperar para que ele falasse, mas ele permanecia em silêncio, sem se mover, como que perdido em pensamentos que o carregavam para longe dali.

O silêncio se tornou mais intenso. Tornou-se

extremamente pesado, mesclado com escuridão e medo, mas impregnado de espera. Comecei a rezar a Maria pela graça e força para suportar aquele silêncio estranho e doloroso.

De repente, ele o quebrou com um soluço e um choro arrancados das profundezas de seu coração. Como um homem ferido, caiu de joelhos. Murmurou que eu talvez sairia em um ou dois minutos correndo da sala e para fora de sua casa, com aversão e horror. Ele era um ex-padre! Sim, um ex-padre!

O tempo parou e o silêncio começou de novo. Mas agora era um silêncio diferente. Era o silêncio de completa pena, compaixão e amor. Devagar, eu me levantei e estendi minha mão para ele. Chamei-o de "padre" e o fiz sentar-se de novo em sua cadeira giratória. Então falei calmamente sobre Pedro e Paulo, da misericórdia de Deus e do fato de que não existia tal coisa como ex-padre. Um padre é um padre para sempre, não importa o que tenha feito. Acrescentei que, ainda que ele não o soubesse, tinha passado pela Porta Azul, e que todos os que o faziam, recebiam uma graça de Nossa Senhora.

Fui embora no outro dia. Anos se passaram. Nós da Casa da Amizade rezávamos diariamente por uma "intenção especial", embora só eu soubesse que a intenção era para este pastor perdido.

Um dia, um homem magro e de cabelos brancos veio pela Porta Azul. Seu rosto parecia familiar. Estava vestido com roupa de padre católico. Havia em seus olhos uma serenidade e paz que fiquei parada por um ou dois minutos, minha mão estendida em saudação. Ele sorriu, um sorriso lento, levemente

triste e eu soube quem era.

Era o pastor. Tinha vindo especialmente para obter a bênção de Maria e de sua Porta Azul, antes de ir para um de seus mosteiros. Ele disse que estava indo para o Mosteiro de Nossa Senhora de La Trapp. Esperava passar o resto de seus dias como Trapista. Ele nos abençoou e, pela última vez, passou pela Porta Azul: um pastor que tinha saído da neblina.

Inclinei-me contra a porta e o observei indo pela rua. Depois virei-me e, impulsivamente beijei a madeira daquela porta abençoada. As crianças que brincavam na rua olharam para mim com olhares um tanto estranhos.



## Quatro moedas sujas

Quando penso em todas as pessoas que têm passado pela Porta Azul, meu coração fica cheio de gratidão. Isto é especialmente verdade quando penso nos pequeninos de Deus, os "*anawim*", que normalmente só são conhecidos por Ele.

Lembro-me somente do primeiro nome da pessoa, de cuja história vou falar. Talvez nunca tivesse tido um sobrenome! Ainda assim, lembro-me muito bem dela. Todo sábado, fizesse chuva ou sol, frio ou calor, ela passaria pela Porta Azul. Entraria delicadamente e fecharia a porta gentilmente atrás de si.

Devagar, com passos cansados, subiria até minha mesa e, depois de poucas palavras de saudação, colocaria na mesa uma fileira bem arrumada de quatro moedas sujas. Então explicaria, quase que em sussurros, que era tudo o que tinha sobrado de seu pagamento para dar para o Cristo no pobre. E, com um pequeno sorriso e uma leve inclinação, pediria nossas orações. Vagarosamente, dando adeus a todos os presentes, sairia pela Porta Azul, fechando-a tão gentilmente quanto o tinha feito na entrada.

Era negra, viúva. Ganhava seu dinheiro esfregando alguns chãos de escritórios à noite. Seu nome era Marta.

Trouxe suas quatro moedas todas as semanas durante anos. Então, um sábado ela não apareceu. Nunca mais a vi. Meses depois alguém na rua me contou sobre uma pobre mulher que havia sido enterrada num túmulo sem nome, no campo de uma olaria. Perguntei pelo nome da mulher. Tudo o que sabiam era que se chamava Marta. Seu sobrenome? Ninguém parecia saber.

## Deus sabe

Ela me contou, vacilante e um pouco timidamente, que queria ajudar-me a ajudar os negros. O que poderia fazer? Olhei para ela e a amei com grande amor; tenho-a amado desde então. Ela nunca percebeu os dons que me trouxe naquele dia. Mas Deus sabia, pois, sem dúvida, ela era sua mensageira.

Na tarde escura em que ela chegou, eu estava só em meu sombrio apartamento que, naquele dia, parecia mais escuro do que nunca. A solidão de Cristo baixou e circulou à minha volta. Rodeou-me tão completamente que eu, literalmente, gritei. Não podia suportar mais nem um minuto daquilo. Pensei em fazer as malas e deixar este inferno na terra, onde a desumanidade dos homens para com os homens podia ser vista em todos os rostos que encontrava nas ruas sem árvores, tumultuadas, sujas e segregadas.

Então, subitamente, lá estava ela. Russell. De fala mansa, tímida, ainda assim, brilhando em sua amável face marrom-clara, havia uma caridade, cujo outro nome é amor. Minha sede bebeu desta fonte inesgotável. Havia um profundo repouso em suas maneiras calmas e senti-me refrescada. Havia paz em sua fala gentil que era pontuada por um silêncio caloroso e amigável. Fui curada de minhas dores e medos.

Levei-a ao porão onde tínhamos nosso "centro de roupas" e com as quais muitos "nus" seriam vestidos. Era o tempo da Depressão no Harlem. A porta do centro de roupas era pintada de azul.

Quinze anos depois Russel ainda estava lá. Tinha entrado calmamente nos nossos corações naquela tarde sombria e pedido para ajudar os negros. Depois de 15 anos ela ainda estava lá, ainda andando calmamente. Poucas pessoas percebiam seu trabalho, menos ainda sabiam sobre ela. Mas Deus sabe. Por sua presença lá, fui abençoada, como todos na Casa da Amizade. Uma pessoa simples, quieta, que queria ajudar. Não era famosa. Deus o sabe.

## Katzia

Ela era pequenina, com um rosto comum e mãos vermelhas e desajeitadas, muito grandes para seu tamanho. Lavava pratos em algum restaurante de terceira categoria por muitas horas durante a noite. Seu sotaque era forte e seu inglês muito ruim. Veio ver-nos porque tinha perdido seu emprego e estava com fome. Foi a bela cor azul da nossa porta que chamou sua atenção. Não sabia ler inglês muito bem, confessou, mas podia ver a cor convidativa.

Ficou conosco por uma ou duas semanas. Retraída ao ponto do anonimato, ia limpando o que precisasse ser limpo, esfregando o que precisasse ser esfregado, sem que alguém lhe pedisse para fazê-lo. Então, um dia arrumou um emprego e foi embora.

Segunda-feira era seu dia livre e o passava conosco. Frequentemente sabíamos que era segunda-feira, porque a víamos entrando, vestida em roupas leves e baratas. Nunca pareciam ser quentes o suficiente para o inverno ou leves o suficiente para o verão. Ocupava-se imediatamente ajudando com os trabalhos mais humildes. Estava sempre quieta, exceto por uma ou duas palavras ou um rápido sorriso. Sempre ia embora na hora de fechar a casa e nunca soubemos seu endereço. Seu nome era Katzia, Catarina em polonês.

Um dia na Casa da Amizade ela conheceu outra garota, uma menina magra, cansada, com 19 ou 20 anos de idade, que tinha sido prostituta. A aparência desta garota estava completamente abatida sob o impacto de seu "cansaço" e tinha acabado de dirigir-se à Casa da Amizade. Muitas pessoas

perambulavam por lá naquele tempo. Não tinham outro lugar para ir. Mulheres estavam dormindo no chão e, freqüentemente, não havia espaço nem neste.

Katzia pegou a menina pelas mãos e saíram na neblina de uma tarde de novembro. Soubemos mais tarde que estavam morando juntas, no quarto de Katzia, onde quer que fosse.

Katzia não nos visitou em seu dia livre por muitas semanas. Tentamos localizá-la mas não conseguimos. Alguns meses depois recebemos uma carta do diretor de um sanatório. Era uma carta ditada, assinada por Katzia. Dizia que era uma paciente lá, junto com a garota que tinha tentado ajudar.

Fomos todos juntos, como uma só pessoa, visitar nossa auxiliar da Casa da Amizade. Chegamos em cima da hora. Havia contraído tuberculose da outra menina, pois dormiam juntas. Ambas estavam muito, muito doentes. Um ano depois Katzia morreu e a menina melhorou. Desde então tem trabalhado, sem receber, num convento de algumas irmãs pobres. "Amor maior não há ..."

\* \* \*

Estas são histórias das três "*anawim*" de Deus, seus pequeninos. Muitos mais passaram pela Porta Azul, e suas histórias só são conhecidas por Ele.

## O homem com os olhos de visão profunda

Um dia, um jovem com um rosto muito interessante passou pela Porta Azul. Não era nem alto nem baixo. Médio. Tinha um sorriso charmoso e olhos que pegavam tudo o que vinha. Pareciam ver profundamente. Lembro-me de seus olhos.

Ele não veio sozinho. Veio com Bob Lax, que tinha passado antes pela Porta Azul. Bob o apresentou como um poeta, escritor e professor.

Ele sentou-se por um momento e conversou. Contou que tinha estado no campus da Universidade de Bonaventure, em Olean, Nova York, e tinha ouvido uma palestra minha lá.

Chegou a hora do chá na nossa casa do Harlem. Eu tinha dado esta idéia. Como eu era russa, podia beber chá o dia inteiro. Os negros não gostavam muito. Se tivéssemos café no intervalo das 4 horas, seria uma hora de café americano!

Perguntei ao nosso novo amigo se queria fazer algum trabalho enquanto estivesse na Casa da Amizade (era costume nosso oferecer trabalho aos visitantes!). Não estou certa do trabalho que prestou como voluntário — acho que arquivou cartões na biblioteca ou coisa parecida. Mas logo teve que ir embora.

Não esperava vê-lo novamente, mas voltava com frequência e conversava sobre muitas coisas. Falava sobre justiça inter-racial e pobreza, de Deus e das coisas de Deus, de vocação religiosa, depois de volta à pobreza, pobreza pessoal, pobreza franciscana.

Toda vez que vinha convidava-me para sair, como dizia, "para poder conversar sem interrupções". Era verdade, as interrupções eram freqüentes em nossa varanda. Assim, levou-me em vários lugares, não somente para me "alimentar" (tínhamos tão pouca comida interessante no Harlem), mas especialmente para conversar.

Durante estas "saídas" ele vinha com mais freqüência à Casa da Amizade para oferecer seus serviços. Seu trabalho de professor no inverno em Olean impedia-o de trabalhar em nosso local e as "saídas espirituais", como as chamava, eram reservadas para os sábados e domingos.

Um dia eu lhe disse, "Olhe, meu amigo, isto é bom e agradável mas não posso continuar saindo assim e comer carne, enquanto nosso pessoal está comendo a eterna sopa. E nossos vizinhos também não são exatamente ricos. Também acho que já tivemos conversas espirituais suficientes para esclarecer o que você queria que eu esclarecesse. Por que você não tenta viver esta pobreza, este modo de vida de que sempre está falando a respeito? Em vez de ensinar, venha e participe conosco na Casa da Amizade no Harlem por algum tempo, ou talvez para sempre. O que acha?

Garanto que você saberá muito mais das dimensões espirituais vivendo conosco no Harlem do que conversando sobre ela, comendo carne, bebendo vinho bom e tendo sobremesas. Por mim, estarei rezando por você — mas nenhuma discussão a mais fora do Harlem".

Não o vi por algum tempo. Então, de repente, ele

apareceu e anunciou que tinha decidido se juntar a nós. Não sabia por quanto tempo, mas tinha deixado seu emprego e lá estava.

Os poetas, escritores e professores são gente boa, mas todos parecem ter, pelo menos no começo, uma completa inaptidão em concentrar-se em coisas práticas. Meu novo amigo não era muito diferente de Bob Lax, mas direi que aprendia um pouco mais rápido. Lax era mais sonhador. Não demorou muito para que meu amigo pudesse lavar o chão da melhor maneira e até o esfregar de vez em quando, se necessário. Lavava janelas, tomava conta das salas, liderava discussões interessantes com os Irmãos Cristóvão que passavam ou com qualquer outra pessoa que precisasse conversar ou precisasse de alguém que a ouvisse.

Sim, parecia que se encaixava bem. Não consigo me lembrar se ele ficou conosco três meses ou mais. Lembro-me que um padre veio nos dar um dia de recolhimento. Falou bonito sobre o apostolado leigo e a necessidade de os leigos participarem da vida da igreja mais ativa e profundamente.

Um dia depois, meu novo amigo veio e disse-me: "Catarina, decidi-me. Vou ingressar nos Trapistas em Louisville, Kentucky. Ouvindo o retiro do padre ontem, tudo se tornou muito claro para mim".

Fiquei muito feliz que finalmente ele houvesse encontrado sua vocação real. Sabia intuitivamente que aqueles olhos que olhavam em tudo e viam tudo profundamente, que aqueles olhos poderiam olhar nos olhos de Deus mesmo numa varanda no Harlem.

Antes de ir embora, colocou em minhas mãos um



manuscrito e disse: "Se você puder 'espalhar' e vender isto, os direitos são seus". Tentei "espalhar" entre os editores católicos, mas ninguém o aceitou. Assim, coloquei-o em algum lugar. Finalmente, foi trazido para Madonna House em Combermere, como todos os outros relatos e arquivos.

O manuscrito provou ser um rascunho grosseiro do que mais tarde se tornaria "*A Montanha dos Sete Patamares*". Muitos anos mais tarde deparei com o manuscrito que o agora famoso Thomas Merton tinha nos dado naqueles anos passados no Harlem. Ele deu-me o nome de sua agente. Ela estava procurando pelo manuscrito. Mais tarde foi publicado com o nome de "*Jornal Secular de Thomas Merton*". Se você ler a introdução do livro, saberá mais sobre o relacionamento entre mim e este jovem poeta, escritor e professor que passou um dia pela Porta Azul simplesmente para deixá-la e entrar em outra porta que pertencia totalmente a Nossa Senhora!

## Uma história de Natal

Foi um incidente "de cabeça para baixo" que ficou flutuando em minha memória quando comecei a escrever esta história. A lembrança era de uma noite de Natal. Parecia "de cabeça para baixo" porque ninguém havia passado pela Porta Azul naquela noite no Harlem.

Tinha acabado de fechá-la atrás do nosso último bando. Tínhamos muito o que fazer antes da missa da meia-noite. Foi seguramente o trio mais estranho que já encontrei, o daquela noite. Não passaram pela Porta Azul mas, — não me perguntem como — a porta estava envolvida nisto.

Foi um encontro perfeitamente natural, nada de milagroso. E foi um encontro bom, que fez a missa de Natal um pouco mais jubilosa e as meditações que se seguiram um pouco mais profundas.

Quando já estava saindo e tinha me virado depois de trancar a Porta Azul (que tinha tido problemas naquela noite, confesso — acho que a chave tinha enroscado ou coisa parecida) fui confrontada com um negro muito bonito de meia idade e uma mulher pequena e mais jovem. Evidentemente era sua esposa e ela segurava uma criança em seus braços. Não podia ver o rosto do bebê.

Estava todo embrulhado contra o vento úmido e forte que soprava em Nova York.

Educadamente o homem levantou seu chapéu e com o doce sotaque do sul, disse-me que ele e sua esposa estavam perdidos na cidade. Tinham acabado de sair do trem. Ele era carpinteiro, esperando

encontrar um emprego melhor do que o da pequena vila de onde vieram. Mas, com uma coisa e outra, tinham-se perdido. Não tinham dinheiro, quer dizer, não o suficiente para um pernoite. Talvez eu pudesse dizer-lhes onde ir, o que fazer e a quem poderiam pedir ajuda.

Dito isto, ficou aliviado, educada e silenciosamente esperando por minha resposta. Sua esposa, que não havia dito uma palavra, somente sorriu uma ou duas vezes para mim. Ela estava tão confiante e tranqüila quanto ele, certos de que eu era a pessoa certa para ajudá-los.

Diante de minha visão apareceu um telefone. Quase voltei e abri a Porta Azul para tentar contatar alguma agência social que pudesse atendê-los em suas necessidades. Então olhei para meu relógio. Eram quase onze horas e véspera de Natal! Quem poderia encontrar a esta hora? E onde? E se encontrasse, esta pobre família teria que enfrentar caminhos estranhos. Poderia, naturalmente, mandá-los de táxi. Tinha um dinheiro extra em minha bolsa — milagre dos milagres. Mas o Abrigo de Famílias de Nova York separava às famílias as vezes, por falta de lugar.

Falta de lugar! Noite de Natal! Homem, mulher, criança! Tudo de repente ficou claro para mim. Naturalmente, sabia que era só uma coincidência. Bom, de certa forma. Mas tantas pessoas vinham na Casa da Amizade para este tipo de ajuda ou informação. Não, não era hora de mandar tal família para lugar algum. Era hora de oferecer-lhes hospitalidade pessoal, mesmo que por nenhuma outra razão que expiar a hospitalidade que não foi dada há quase dois mil anos atrás.

Naturalmente! Porque não havia pensado nisto antes! Havia o que o pessoal da Casa da Amizade chamava de "Eremitério", quer dizer, meu quarto. Era tantas coisas em uma. Tinha uma escrivaninha, uma cama, um fogão completo com forno, uma espécie de geladeira doada pela administração; às vezes até funcionava. O quarto tinha uma pia e uma lavanderia — uma banheira completa. Sim, era um lugar aconchegante, especialmente à noite. Ganhei uma árvore de Natal enfeitada, de mais ou menos 10 centímetros. Estava longe dos pinheiros imponentes, nativos da Rússia, tão dignos em sua beleza majestosa.

Ainda assim, a pequena árvore era bonita, muito bonita. Coloquei embaixo dela uma miniatura de manjedoura. Quando voltasse da missa, pretendia colocar o Menino lá. Sim, o quarto era limpinho e muito, muito aconchegante. Porque não convidar o casal para passar a noite lá? Amanhã poderia contatar as agências.

Pensamento mais rápido não poderia ter ocorrido. Meu casal estranho estava ainda em silêncio, cortesmente esperando por minha resposta que certamente parecia demorar. Mas não mostravam sinais de impaciência.

Devagar, e por alguma razão inexplicável, timidamente convidei-os para entrar no eremitério, pedindo desculpas pela simplicidade do lugar. A mulher endireitou-se e parecia mais alta, quando apertava a criança mais perto de si. O homem agradeceu e começaram a me seguir.

Andamos os três longos blocos que separam a Porta

Azul de meu quarto. Ninguém disse uma palavra. Ainda assim, o silêncio era companheiro.

Uma vez no quarto, os deixei o mais confortável possível. O bebê, finalmente fora de seus embrulhos, era amável. Não o ouvi chorar. O homem disse que era um menino, o primogênito. Fiz café, fritei alguns ovos, arrumei a mesa e então disse a eles que viria vê-los depois da Missa.

Foi uma das missas mais bonitas de que já participei. O pensamento de meus três peregrinos abrigados no quarto aconchegante provavelmente ajudou. Hospitalidade pessoal a estranhos, para Cristo, aquece quem a dá tanto quanto uma bênção propriamente dita.

Terminada a missa, voltei logo para meu quarto. Para meu espanto, encontrei a porta da frente aberta! Isto nunca acontece no Harlem onde usamos várias trancas, por segurança. (É assim em todo lugar onde há tensão, segregação e pobreza.) Empurrei a porta aberta. A sala estava vazia.

As louças haviam sido lavadas e colocadas em seus devidos lugares. Nenhum sinal de ocupação. O menino que pretendia colocar na pequenina manjedoura embaixo da árvore já estava lá e uma vela estava acesa na minha janela!

## O bandido e sua namorada

O telefone na minha mesa tocava estridentemente. Não sei porque, mas todos os telefones da Casa da Amizade têm um tom de urgência em seus toques. Naturalmente, deve ser somente imaginação minha. De qualquer maneira, desta vez com certeza tocou!

Tão logo atendi a chamada, reconheci a voz familiar de um padre que sempre tinha razões urgentes para ligar. Desta vez perguntou se eu tinha quarto para duas pessoas. Uma era um homem que tinha acabado de sair da prisão. Estava cumprindo sentença por homicídio. Teria sido assassinato se a vítima, um caixa bancário, tivesse morrido com os ferimentos nele infligidos durante um assalto praticado por este homem. A outra pessoa era sua namorada. Ambos tinham sido encaminhados para o padre. Não tinham dinheiro. Ele não sabia exatamente o que fazer com eles — até que pensou na Casa da Amizade.

Nenhum de nós tinha se encontrado com um assassino antes, mesmo que não tivesse matado sua vítima. Nem tínhamos encontrado o que as revistas sombrias chamam de "namorada do bandido". Mas há sempre a primeira vez na Casa da Amizade para encontro com todos os tipos de gente. Uma vez que tínhamos quarto e eles não, e pertenciam a Cristo, naturalmente eu disse que ficaríamos felizes em recebê-los.

Em poucas horas a porta da Casa da Amizade se abriu e um homem com o rosto cansado e assombrado e uma menina, toda pintada e maquiada, entraram. Tinha um arco vividamente

delineado em seus lábios, rímel nos cílios, sombras vermelhas, unhas bem vermelhas — e medo escondido nos profundos olhos azuis que não poderiam ter enxergado o mundo por mais de 18 anos.

Recebi-os calorosamente e voltei ao que estava fazendo. Estávamos contando moedas, os centavos que tinham vindo da venda de nosso pequeno jornal, "*O Fórum Social*", nas portas de muitas igrejas.

O homem examinou as pilhas de dinheiro com um olho prático e declarou que eu era tola em deixar tanto dinheiro na casa, especialmente porque a vizinhança não era do tipo onde dinheiro pudesse ser exposto tão profusamente. A menina estava mascando chiclete e fazia barulhos estranhos — embora não desafinados.

Concordei com a idéia de cuidado, mas expliquei que, primeiro, não era muito dinheiro; segundo, que todos ali sabiam de onde tinha vindo; terceiro, que muitos dos vadios — Irmãos Cristóvão para nós — tinham ajudado a vender o jornal e, quarto, que muitos de nossos vizinhos tinham um interesse grande neste processo e em seus resultados.

O homem sacudiu a cabeça descrentemente e anunciou que, em troca da comida e abrigo, ele iria guardar o dinheiro com sua vida! Com aquela formidável declaração, exibiu uma arma e moveu seu colchão para perto da gaveta da mesa, na qual tínhamos "descuidadamente" colocado nossos "ganhos".

Era hora de nos aprontarmos para a noite. Os Irmãos Cristóvão que estavam morando conosco

foram para cima. O homem da arma ficou à vontade. Levamos a menina para a casa do lado, onde dormíamos. Fiquei imaginando o que encontraríamos no dia seguinte. Encontramos a sala varrida, o colchão posto no devido lugar, a arma fora da vista — e o dinheiro intacto na gaveta.

A menina, repousada por uma longa noite de sono, lavada da pintura e vestida num simples vestido que encontramos no centro de roupas, parecia muito jovem e recatada.

Eles ficaram durante uma semana. Ambos foram úteis no lugar. Ela gostava muito de costurar e ele de cozinhar. Ninguém falou de religião para eles, sobre o passado ou mesmo sobre o futuro. Aqueles de nós que vivemos atrás da Porta Azul tínhamos aprendido tempos atrás que o amor se expressa melhor no silêncio gentil e infinito, especialmente quando lidando com aqueles profundamente machucados pela vida ou pela indiferença de seus irmãos em Cristo.

Dentro de uma semana o homem conseguiu notícias do que ele considerava "lar". Dissemos adeus e os colocamos nas mãos de Maria, como fazemos com todos os que passam pela Porta Azul.

Anos se passaram. Então, um dia, uma limosine parou na frente da Porta Azul da Casa da Amizade, em outra cidade. Um homem, cujos cabelos eram bem brancos, saiu. Havia uma grande gentileza em seus olhos e um grande sorriso em seu rosto. Uma mulher andava atrás dele, evidentemente sua esposa. Seu rosto era bonito em plena maturidade da meia idade, sem marcas agora de qualquer



pintura ou maquiagem.

Segurava um menino de 6 ou 7 anos pela mão. Por último vinha uma menina de 10 ou 12 anos, com um dos rostos mais bonitos que já vi.

O homem aproximou-se de nossa mesa. Em silêncio, colocou sobre ela um cheque de mil dólares. Depois sorriu e disse, "Há muito tempo venho querendo fazer isto. É um pequeno sinal de minha gratidão por toda a hospitalidade, amor e confiança que recebi neste lugar muitos anos atrás. Mas este é só o primeiro pagamento a Nossa Senhora, que nos tem abençoado desde que passamos na sua Porta Azul."

Sim, ele era o homem armado que tinha tomado conta do dinheiro com sua confiante arma. E esta mulher era aquela que mascava o chiclete! Que bonito — e quão maravilhosos são os mistérios da graça que entram e saem pelas Portas Azuis!

## Dom Virgil Michel

Num dia nevosu e escuro de março, no início dos anos 30, um padre, agora morto, entrou na Casa da Amizade através da Porta Azul. Era jovem, mas estava carregando uma chama dentro de si. Sei que é um jeito estranho de se falar de alguém, mas foi a impressão que ele me causou. Zelo, entendimento, ansiedade em cuidar dos negócios de seu Pai e um amor pelas almas que brilhava através de toda palavra que falava — tudo isto junto em uma só palavra: chama. Talvez queira dizer fogo, o fogo que renova a face da terra.

Seguramente precisávamos de um fogo naquele dia de março tão distante. Aquele dia marcou o fim da primeira metade de ano de nossa primeira fundação. Nossas almas estavam cheias de escuridão e com uma tempestade de dúvidas e tentações contra esta estranha nova vocação à qual estávamos tentando dar à luz.

É verdade que estamos dando de comer aos famintos, vestindo os que estão nus e coisas assim, mas estas necessidades de nossos irmãos em Cristo estavam tomando conta de nós! O peso do ridículo, falado ou não falado, nos lugares de gente importante estava literalmente nos esmagando. Ninguém, exceto nosso santo bispo, parecia sequer entender um pouquinho do que estávamos tentando ser e fazer diante do Senhor.

O dia estava realmente escuro quando este padre ardente, um portador de luz, calor e verdade passou pela Porta Azul. Ele provou ser uma pessoa apaixonada com a chama e o fogo do Espírito Santo.

Seu nome era Dom Virgil Michel. Era um monge beneditino de uma abadia agora bastante conhecida de Collegeville, Minnesota. Mais tarde se tornou o coração do movimento litúrgico do continente norte-americano, cujas batidas estavam somente começando a ser ouvidas.

Como começa a gratidão? Como se começa a agradecer outro ser humano por abrir os olhos que ainda estavam parcialmente cegos? Aquele dia Dom Virgil Michel deu-nos, novatos no então desconhecido noviciado do apostolado leigo, a visão do todo. Ele nos mostrou o Cristo integral que não estava comprometido pelo medo proveniente do respeito humano.. Ele nos mostrou o Cristo que exigiu daqueles que o queriam seguir uma inteira dedicação, um amor em chamas, obediência perfeita, aceitação de sua cruz e uma estabilidade jubilosa e inabalável.

Sim, como agradecer a um padre de Deus por todas estas coisas? Ainda assim, ele não parou nisto. Profusamente nos alimentou com o Pão da Verdade e o Vinho do Amor que eram sua própria comida. Continuou iluminando a escuridão de nossas mentes fatigadas e encaminhando-nos às profundezas insuspeitáveis, dentro daquela visão do todo que nasce da visão do Cristo.

Esta visão, disse ele, começa com a Missa. Somente lá encontramos o Cristo total. Vagarosa, majestosamente, diante de nossos olhos (parecia como que estivesse misturando a saliva de suas palavras com a argila de sua caridade inflamável e abrindo nossa cegueira com elas), ele desenrolou o todo do apostolado leigo como sendo, antes de mais

nada, a própria presença de nosso ser diante do Senhor.

Cálices vazios como nós éramos, primeiro tínhamos que nos encher com o Cristo através da missa. A Missa. Sacrifício e Sacramento. Comida e Bebida. Mar de Fogo no qual nos lançamos e nos tornamos o próprio fogo. O Quarto das Núpcias, onde a Noiva, a alma dos homens, entra e se torna uma com o Noivo, Cristo.

E a fecundidade da Missa. "*Ite, Missa est*". Vá, viva a Missa e você restaurará a ordem social e o mundo para Cristo — mas comece primeiro consigo! Esta é a alma do apostolado. Esta é a sua alma. Esta é sua vocação. Seja firme, persevere e Cristo o usará para renovar a face da terra. Você se tornará fértil com Ele, o dará à luz, e então permitirá que Ele cresça, atingindo plena estatura pelo processo de seu crescimento em você e correspondente morte do eu para si mesmo. Você será suas mãos, seus pés, seus olhos, sua voz, seu coração! Ele andará novamente na terra com você, pois esta é a hora dos leigos.

Sim, um jovem padre beneditino disse tudo isto nos anos 30 de nosso século sem esperança. Disse isto em nossa varanda gasta na favela de uma grande cidade para um grupo pequeno, insignificante, de pessoas leigas, que estavam esmagadas pela escuridão do desentendimento, do ridículo e das dúvidas pessoais e que não sabiam para que lado seguir nesta primeira e temerosa encruzilhada de seus destinos.

Anos mais tarde, em 1951, ajoelhando aos pés do Papa, ouvi as mesmas palavras serem repetidas. A

última palavra dele pareceu ecoar na vasta sala onde aconteceu nossa palestra. Por um pequeno segundo pareciam se misturar com a vibrante voz do padre beneditino agora morto: "Esta é a hora dos leigos. Perseverem. Sejam firmes e renovarão a face da terra. Deus precisa de vocês. A Igreja precisa de vocês. Nós precisamos de vocês."

"Dom Virgil Michel, nós da Casa da Amizade não podemos agradecer-lhe o suficiente. O Cristo todo, aquele que você possui agora na plenitude da realidade, Ele agradece a você por nós. Tudo que podemos dizer a você deve ser dito em partes, devagar, dia a dia, hora a hora, minuto por minuto, segundo por segundo. Será dito com nossas vidas, nossos agradecimentos encarnados nelas. Pois sem seu fogo talvez não houvesse a Casa da Amizade!

Padre Virgil Michel, eu, que sou a única que restou dos que ouviram sua voz viva naquele dia, dou-lhe minha vida no apostolado da Casa da Amizade, como um sinal de minha inexpressiva gratidão. E peço que você coloque tão pequeno dom, tão ínfimo sinal de meu amor por Ele, no Sagrado Coração dele. Grande ou pequeno, é um amor que cresceu da visão do todo que você nos deu naquele dia nevososo e escuro de março, há tantos anos atrás.

Mais uma coisa, padre Virgil. Peça à deslumbrante Chama do Amor, na qual você vive agora, para enviar mais línguas de fogo, como você, para esta terra. Padres ardendo em zelo pelas almas. Padres que sejam chamas de seu divino amor. Padres que tenham somente um desejo — serem outros Cristos! Precisamos deles nas ruas, padre Virgil, desesperadamente precisamos deles!"

## João de Nossa Senhora

Todas cidades os têm, aqueles homens estranhos com cabelos longos e barbas despenteadas que vagueiam por várias igrejas. Eles se ajoelham normalmente nos bancos da frente, como que desligados dos que estão em sua volta, rezando, sonhando ou simplesmente ajoelhados. Estátuas vivas.

Quem são eles? Ninguém parece saber. Poucas pessoas tentam descobrir. A maioria ri deles. Estes homens são loucos? Poucas pessoas se sentam perto deles para descobrir quem são. Eles cheiram a falta de banho. E, quem sabe, se você chegar muito perto pode carregar consigo alguma lembrança viva destes estranhos! Estes homens solitários vivem como meras sombras de uma cidade grande. Um deles passou pela Porta Azul um dia.

Era um dia de fim de primavera, o tempo em que a luz parece resistir à chegada da noite que se aproxima. É o tempo em que o crepúsculo desliza enquanto a noite e o dia estão discutindo seus direitos. O tempo está parado, não é nem noite nem dia. As coisas estão sombreadas, menos reais. Era um tempo em que era muito cedo e muito caro para acendermos as luzes. Foi em tal tempo que João entrou.

Usava chinelos velhos com os dedos escapulindo aqui e ali. Usava uma roupa indescritível que, em melhores dias passava por um hábito. Amarrado ao redor da cintura com um cordão, cobria seu esqueleto. As bainhas das calças estavam desfiadas. Seus cabelos longos caíam em cascatas marrons,

misturando-se com a barba da mesma cor. Suas mãos eram limpas, delgadas, com dedos aristocráticos, que seguravam um imenso rosário de 15 mistérios.

Veio do crepúsculo, como algum homem de uma terra longínqua e distante. Inclinou-se diante do grande crucifixo que estava pendurado na parede. Depois inclinou-se para todos os presentes — o pessoal da Casa da Amizade e os "Irmãos Cristóvão". Então, em silêncio, ajoelhou-se num canto e começou a rezar seu rosário.

Sua voz era macia, baixa e educada. Toda palavra saía distinta, bonita, bem enunciada. Ele não pediu para que rezássemos com ele, mas, por alguma razão, nós o fizemos. Era um longo rosário mas não parecia longo. Quando terminou, oferece-mos-lhe um pouco de comida. Sorrindo, ele recusou. Mas prometeu voltar. Então, inclinando-se para Deus e para nós, saiu e desapareceu no apagar do crepúsculo, transformado em quase noite.

Primavera virou verão, o verão deu caminho para o outono e para o frio e nevascas vindas com ventos frios. João retornava toda semana. E toda semana, como um ritual, fazia os mesmos gestos e rezava seu rosário de 15 mistérios. Os presentes sempre participavam.

A Senhora Pobreza morava conosco então. O carvão estava racionado; tínhamos o suficiente para aquecer o lugar, mas nunca o bastante para conservá-lo bem aquecido. O prédio era velho. Através das trincas das paredes onde estava minha mesa, o vento assoviava seus tons gelados. Metade

do tempo sentia calafrios em meus ossos. Um por um nosso pessoal e muitos dos irmãos sucumbiram a resfriados mais ou menos severos. Todos se recuperaram. Então um dia eu fiquei doente. Pegou-me de surpresa. Num minuto eu estava bem, no outro estava tremendo tanto que meus dentes rangiam. Estava resfriada. Depois começava a arder em febre.

Mais ou menos uma hora depois, na cama, eu alternava entre febre e tremores. Lembro-me muito pouco do que aconteceu, exceto que, de acordo com os que tomavam conta de mim, eu ficava rezando para arrumar carvão e reclamando que havia muito dele! Gritava de uma dor que não me lembro ter sentido. Talvez não sentisse nada porque minha temperatura estava acima de 40 graus, assim disseram.

Tinha dois abscessos grandes em meus ouvidos. Um médico, finalmente, ordenou que eu fosse para o hospital. O pessoal estava telefonando freneticamente para muitos de nossos amigos, tentando levantar fundos para uma ambulância. Assim é que eu deveria ir, disse o médico. Era o décimo dia de minha enfermidade.

Tudo estava pronto. A cama do hospital estava pronta. A ambulância chegaria às 7 horas. Era mais ou menos 4 horas da tarde daquele dia quando João entrou. Para espanto de todos ele perguntou como eu estava! Ele não tinha vindo na Casa da Amizade durante aqueles 10 dias de minha doença. Muitas vezes ao mesmo tempo contaram a ele o que tinha acontecido. Eu seria operada no hospital em poucas horas.



Pela primeira vez desde a primavera João falou. Calmamente anunciou que tudo aquilo era desnecessário. Tudo o que tinham a fazer era participar com ele do rosário e pedir a Nossa Senhora que me curasse.

Timidamente, o pessoal e os Irmãos Cristóvão — mais ou menos 75 pessoas estavam lá — se entreolharam. João se ajoelhou e começou a rezar. Todos se juntaram a ele. Desta vez ele rezou bem devagar. Fiquei sabendo mais tarde que quase uma hora tinha se passado, antes que terminassem.

Eram 5 horas da tarde. Neste meio tempo (também fiquei sabendo mais tarde), eu estava agitada, gritando, chorando e agindo como uma alma possessa. Estava delirando, acredito, e esquecida de tudo. Exatamente às 5 horas, assim disseram, gritei mais uma vez, mais alto do que antes. Então me virei e adormeci.

Às 6 horas acordei, pedi comida e queria saber o que todo aquele pus estava fazendo em meu travesseiro. Checaram minha temperatura e estava normal!

O médico foi chamado. Depois de me examinar, anunciou que os abscessos de ambos os ouvidos tinham estourado, evidentemente, ao mesmo tempo. Não precisava mais da ambulância. Não precisava de hospital. Não precisava de médico. Em poucos dias eu estava de pé e completamente boa.

Ninguém mais viu João. Procurei-o por todos os lugares para agradecer-lhe por suas orações. Mas desde que a Porta Azul se fechou atrás dele, nunca mais apareceu.

Naturalmente as cidades os têm, homens estranhos

com cabelos longos e barbas despentea-das.  
Homens que rezam por horas em igrejas vazias.  
Quem são eles? São loucos ou santos? Poucas  
pessoas parecem saber ou se importar.

Nunca me esqueci de João da voz educada que  
passava pela Porta Azul, regularmente, para rezar  
seu longo, longo rosário. Um São José Labré  
moderno? Talvez. Eu o chamava João de Nossa  
Senhora.

## Um milagre comum

*Esta é uma história do interior do Canadá, em Madonna House, Combermere.*

O dia tinha sido duro. A cama estava tão boa. O sono foi instantâneo e profundo — profundo e distante. Indistintamente e de longe, parecia que alguém estava me chamando; que alguém estava me sacudindo! Não, não podiam fazer isto comigo. Estava tão adormecida! Seria um pecado me acordar!

Mas não era um sonho. Estavam na verdade me acordando. Abri meus olhos e vi meu marido e o médico. Estavam dizendo que deveria levantar-me para ajudar uma certa mulher. Ela morava longe. Tinha chegado sua hora de ter um bebê e seria um parto difícil. O médico estava preocupado.

Meio dormindo, meio acordada, levantei-me e me vesti. Estava ainda num estado de sonho quando peguei as coisas que precisava e saí pela noite afora. O ar estava frio. Fiquei contente quando chegamos ao carro do médico e tentei dormir. O carro cantava uma cantiga com os pneus contra o asfalto. De repente a canção dos pneus mudou para um som de areia esmagada pelo peso do carro. Devíamos estar fora da estrada, atolados.

Saí do carro e dei uma olhada em volta. Estávamos atolados numa estrada esburacada. O céu estava cheio de estrelas, os grilos cantavam e a primavera estava em todos os lugares no ar — primavera e vida nova. Mas o chão estava fofo e cheio de água congelada. Toda a estrada era um lago enlameado.

O médico também saiu do carro e depois de algum tempo estava convencido de que o carro não iria mais longe. Pegou sua maleta de instrumentos, eu peguei meus equipamentos de enfermeira e começamos a andar. Tínhamos, acho, dois quilômetros mais ou menos para caminhar. O médico ia na frente e eu o seguia.

Vimos uma luz balançando de cima para baixo como um fogo petulante. Era um vizinho gentil que nos trouxe sua lanterna de óleo. Tentei iluminar o caminho mas não havia jeito. Estávamos andando no campo, morros acima e abaixo, ora em chão sólido, ora em atoleiros até a canela. A beleza da noite era uma canção à nossa volta, mas a caminhada estava cada vez mais difícil. De uma serra as luzes de uma cidadezinha brilhavam como milhares de vagalumes. Mas aquela cidadezinha estava longe.

Finalmente, no topo do último morro, uma casa pequenina se abrigava. Inclinação dos lados, olhava para nós com um olho adormecido e parda-cento — uma pequena lâmpada na janela. Uns quinhentos metros abaixo e estaríamos lá.

A cozinha era grande. Um homem e uma mulher esperavam por nós e um minúsculo bebê numa manjedoura feita em casa. A hora da mulher estava quase chegando, mas faltava ainda um pouquinho. Deveríamos esperar. Assim, esperamos — o homem, a mulher, o médico, eu e a pequena criatura no berço.

Que espera estranha era aquela! O cansaço atingiu meus ossos e vagarosamente se movia para os olhos pesados e a cabeça pendente. Ainda assim, o sono

não viria, porque havia uma mulher com uma criança esperando sua hora, contando os minutos de sua dor.

Às vezes ela cochilava irregularmente, e eu também, esticada no chão perto do fogão. Esperar por uma vida nova é uma espera peculiar, na qual existe uma certa qualidade calma e santa. É como se estivéssemos numa igreja. É difícil e suave. É como se estivéssemos ouvindo com a alma de alguém as palavras de comando de Deus, da criação.

A dor estava mais intensa agora, mas ainda assim a mulher não estava pronta. Seria um parto difícil. O médico estava preocupado. Ele pensou que talvez tivéssemos que levá-la ao hospital. De qualquer forma, esta casa era muito pequena para o tipo de operação que tinha em mente.

Ele decidiu que ela deveria levantar-se e andar dois quilômetros mais ou menos até o lugar onde deixamos o carro. Se conseguisse fazer o carro andar (talvez um vizinho já o houvesse feito para ele) poderia chegar ao hospital a tempo. Senão, havia uma casa maior perto do carro. Talvez a operação pudesse ser feita lá.

Pusemos a mulher em pé e a aprontamos para a longa caminhada. Já era de manhã. O ar estava fresco, muito benvindo depois da atmosfera úmida da pequenina casa. O sol estava se mostrando no morro e os pássaros conversavam com ele. Andamos devagar. O médico foi na frente com passos gigantes, carregando sua maleta e minha bolsa. Parávamos a cada instante, a mulher e eu, porque suas dores estavam aumentando.

Ó força das mulheres! A calma coragem, o humor raro! Subimos o primeiro morro com lentidão dolorosa. Começava a chover além de tudo. A mulher se inclinou contra uma grande pedra, atormentada pela dor, embora sorrindo.

Pensei nos hospitais imaculadamente brancos, nas mulheres ricas e mimadas, cercadas de enfermeiras e médicos. Pensei nas mulheres que eram dinâmicas, pintadas, esbeltas, que temiam dar à luz a seus filhos pelo que isto causaria às suas silhuetas!

"Este será meu décimo filho", disse a mulher. Disse isto não exatamente com orgulho, mas certamente com alegria. Mencionou suas nove experiências anteriores, tentando distrair-se das presentes ondas de dor que a sacudiam. Continuamos devagar.

"Posso lembrar-me de minha mãe contando sobre as mulheres que tinham filhos nos campos", ela dizia. "Um dos meus eu tive sozinha. Meu Deus, eu tive medo! Lembrei-me só de uma coisa que deveria fazer: o médico disse que deveria ferver a tesoura. Elas ainda estão enferrujadas!"

Descansamos novamente e ela contou-me dos filhos que tinham morrido e dos que estavam vivos. Em seu rosto havia uma luz, uma incandescência, que não poderia ser capturada por nenhum pincel de artista. Era como a sombra do rosto de Deus. Fiquei um pouco arrepiada, com arrepios de reverência.

O médico já estava longe. Não podíamos nem mesmo vê-lo. "Não importa", disse a mulher com um sorriso corajoso. "Ele tem os instrumentos, mas nós temos as roupas do bebê — e o bebê. As coisas mais importantes!"

Pedi a Nossa Senhora para nos deixar, pelo menos, chegar até a casa do vizinho se não pudéssemos chegar até o hospital. O médico achava que a caminhada abreviaria a dor da mulher e também facilitaria a operação para ambos. Ele estava certo. A criança nasceria logo, talvez antes que chegássemos até o meio do caminho.

Continuamos a andar, devagar, descansando. Chegamos no carro. Mas a dor da mulher agora era muito grande. Colocamo-la na casa do vizinho. A água foi fervida, os instrumentos esterilizados e todos começaram a trabalhar desesperadamente — e a rezar.

O silêncio era quebrado somente pelo estalar do fogo, o sussurro da voz do médico e os gemidos da mulher. E então, milagre dos milagres! o choro de um recém-nascido. O primeiro choro do bebê se fundiu com o último da mulher, e um homem havia nascido. Aleluia!

O sol lá fora estava quente agora. Os pássaros cantavam. As árvores mostravam suaves sombras novas e verdes. Um cachorro latia para o pessoal que estava tirando o carro do médico do atoleiro. Depois de pouco tempo, saímos dirigindo entre os pinheiros cheirosos, de volta à Porta Azul que esperava.

Deitei em minha cama que tinha deixado tantas horas antes. Dormi, desta vez sem sonhos, esperando o próximo pedido de ajuda que, seguramente, viria após passar pela Porta Azul.

## Karl Stern

Esqueci-me onde exatamente encontrei Karl Stern pela primeira vez — o homem que escreveu "*A Fuga da Feminilidade*", "*Pilar de Fogo*", "*A Terceira Revolução*", "*Pelo Destino do Amor*". Nos círculos musicais ele era conhecido como um músico destacado, que se tornou psiquiatra; nos círculos psiquiátricos era conhecido como um destacado psiquiatra que era também um bom músico!

Uma coisa é certa. Dr. Karl Stern passou muitas vezes pela Porta Azul de Madonna House em Combermere. Era sempre uma bênção tê-lo. Não se sentava em posição de ioga, como Bob Lax. Ele se sentava normalmente no banco do nosso velho piano que comprei há mais de 40 anos para a Casa da Amizade de Toronto e tocava para nós. Sob seus dedos o piano cantava. De certa forma preenchia nossa solidão. Consolava-nos. Fazia-nos chorar e rir e nos trazia paz.

Ele nos contou sobre os livros que escreveu e sobre os que estava escrevendo. Contou-nos histórias sobre seus pacientes que também nos ajudavam e nos davam coragem. Lembro-me de uma delas de modo especial.

Estávamos conversando sobre as terríveis doenças mentais de ansiedade e arriscamos a dizer que Cristo deve ter sido muito ansioso, tão ansioso que suava sangue naquela terrível pedra no estranho jardim de Getsêmani. Dr. Stern disse que Cristo na verdade tinha sido ansioso e suado sangue; mas que ele tinha tido um paciente que era tão ansioso, tão ansioso que também suava sangue — provavelmente



não tão profusamente como Cristo, mas, mesmo assim, suava.

Sentei-me ouvindo a história e pensei na ansiedade de todas as pessoas do mundo. Quantas pessoas estão suando sangue e lágrimas? Durante a Segunda Guerra Mundial Churchill disse ao povo inglês que tudo o que podia lhes oferecer era sangue e lágrimas. De certa forma, não penso no suor de sangue sobre estilhaços e balas, mas sobre os homens esmagados pela terrível ansiedade.

Então pensei em Deus que se tornou homem por amor a nós. Ele ia começar a encarar a carga de todos os pecados do homem em suas costas. Não é de admirar que tenha suado sangue. Eu queria tanto limpar seu rosto, consolá-lo, ser um daqueles que não tinham dormido durante sua agonia. Então olhei para Dr. Karl Stern e disse a mim mesma que Deus tem dado mentes maravilhosas para algumas pessoas e que este médico que estava nos contando estas histórias era uma delas.

Pensei também no Cristo lavando os pés dos apóstolos e enxugando-os com uma toalha e, de repente, tudo ficou muito claro. Deus tinha dado a Karl Stern uma toalha de profunda inteligência e a água do discernimento para saber quando e como limpar os rostos dos homens e mulheres que estavam suando sangue na agonia da ansiedade. E, num instante, entendi o papel do psiquiatra — limpar dos corações dos homens a dor infligida neles por outros, infligida pela desumanidade do homem para com o homem.

Sim, Dr. Karl Stern passou muitas vezes pela Porta

Azul de Madonna House. Nossas lembranças dele são como sons de música que vieram de seu coração para o nosso e nos trouxeram alegria e paz.

Quando penso em Karl Stern, penso nele como um cristão com uma toalha sobre seus braços, segurando uma bacia de água fresca. Ele está limpando o coração de Cristo nos corações dos homens. Penso nele como consolação.

## Uma chama tranqüila

A garota que passou pela Porta Azul era esbelta e pálida. Seu rosto expressava um grande desejo por uma vida profunda, desejo que quase saltava para fora e pedia para ser satisfeito. Com o passar dos dias ela se fundiu com os outros da casa, fazendo suas pequenas tarefas de um modo simples e silencioso. Falava pouco mas observava muito.

Uma noite ela se sentou comigo na beira do largo rio e ouvimos as glórias da canção do pôr-do-sol em cores que apagavam a imaginação. Docemente ela falou. Disse que tinha um problema no coração, desde o comecinho da juventude. Mesmo assim, queria fazer parte do pessoal, se tornar um membro desta família íntima da Casa da Amizade, se fosse possível.

Fiquei em silêncio por um longo tempo. Combermere era uma ramificação pioneira de nosso apostolado leigo. Exigia muita força física. Também era difícil porque precisaria de fé e visão para ver aqui o começo de uma colheita de almas. No começo, havia somente três de nós — eu, Eddie e "Flewy" — três grãos de trigo solitários no processo de morrer, como os grãos de trigo morrem para que dêem frutos. Esta menina tinha o que precisava para ter a visão do apostolado e para morrer como um grão?

Olhei para cima e meus olhos encontraram-se com aqueles olhos ansiosos pelo Absoluto. De repente tomei a decisão de que ficaria com ela, mesmo com problema de coração e tudo o mais. Assim foi que Patrícia Connors se tornou o primeiro membro de Madonna House.

Sua família graciosamente a deixou partir, embora sua mãe soubesse que a morte poderia buscá-la a qualquer instante. Sua família era deste tipo, centrada em Cristo.

Pat ficou conosco por quase dois anos. No começo, para espanto de todos, sua saúde melhorou muito. Então, devagar, ela foi se tornando mais e mais cansada. Logo o cansaço ficou tão intenso que ela teve que nos deixar.

Montreal era sua cidade natal; e Montreal, assim como Combermere, sentia sua presença. Era um sentimento intangível. Ela era como uma bela vela que queima ereta e brilhante, mas muito rápido. Ela iluminava lugares escuros além do alcance de uma chama de vela comum, talvez por causa da intensidade com que queimava.

A intensidade de Pat era pacífica, cheia da imensa caridade de Cristo que não ouve o mal, não pensa o mal e não fala do mal. Intensidade e transparência de alma — isto foi o que Pat trouxe ao mundo. Isto foi o que deixou em Madonna House. Uma doação de amor e luz. Isto foi o que deixou de herança para seus amigos em Montreal.

Ela passou pela vida como uma amável vela acesa e deixou atrás de si um eixo de luz e fogo que acenderá outros fogos. Era uma contemplativa no meio da rua. Talvez seja por isso que fez muito por Cristo no seu próximo. O que fazia era transbordar do cálice de si mesma, cálice que era sempre preenchido pelo Senhor.

Embora tivesse que nos deixar, ela ainda fazia parte deste humilde apostolado. Pat morreu em paz, à

noite, durante o sono. Foi se juntar a "Flewy", uma das pioneiras, a qual amou muito e a Larry Lee, um membro negro da nossa casa de Washington. Estes três membros de Madonna House passaram pela Porta Azul e agora passaram pela porta da vida eterna. Nós acreditamos que eles estejam diante da face de Cristo que tanto amaram e serviram na terra. "Flewy, Pat e Larry, orem por nós. Vocês, melhor do que ninguém, conhecem nossas muitas necessidades".

## Um membro da Igreja de Satã

Ele era um jovem simpático. Ficou parado fora da Porta Azul de Madonna House, olhando algumas flores. Quando me aproximei dele ele sorriu e, pegando minha mão, perguntou se aquela realmente era Madonna House. Eu disse sim, realmente era Madonna House. Ele continuou calmamente (ainda que prestando atenção em mim atentamente), explicando que pertencia à Igreja do Satã em uma das cidades do Canadá e se seria possível para ele ficar conosco uma semana.

Devo admitir que estava um pouco chocada intimamente. Mas, estando acostumada com todo tipo de pessoa e lembrando-me de nossa promessa de hospitalidade, disse que tudo bem, poderia ficar conosco por uma semana. Perguntei se queria um pouco de café. Disse que sim e juntos passamos pela Porta Azul. Pedi a Nossa Senhora que o abençoasse com muitas bênçãos.

Nós nos sentamos e bebemos nosso café e perguntei a ele porque tinha vindo até nós se pertencia à "oposição". Ele disse muito autenticamente que não sabia na verdade, mas que alguns de seus amigos cristãos lhe haviam dito que era um lugar interessante para se visitar e que devia conhecer um pouco a respeito. Assim, ali estava.

Tentei responder a questão para ele. Disse que faz sentido — se você adora Satã, já deve conhecer a Deus. Sem Deus o Satã é insignificante, não existe, não tem importância. Tenho certeza que seus amigos o mandaram aqui para que possa conhecer o Deus que não conhece e não quer louvar.

Conhecendo a Deus você conhecerá Satã melhor e, conhecendo-o melhor, você o deixará mais depressa!

Conversamos um pouco mais e ele ficou a semana toda, observando e assistindo. Não falava de si nem sobre a "igreja" à qual pertencia. Antes de ir embora quase veio à missa, quer dizer, sentou-se no topo da escada que vai em direção à capela. Lá você pode ouvir tudo e ver muito do que acontece.

Ele foi embora depois de uma semana. Ao sair, pegou na minha mão calorosamente e disse que voltaria. Até agora não apareceu, mas acho que ainda virá. Soube, através de seus amigos, que ele não estava mais indo à sua "igreja".

## Um padre, um homem e uma mulher

Com o passar dos anos, a Gratidão anda comigo pelos caminhos das lembranças. Seus passos e os meus são lentos, e não conversamos muito. Mas, de alguma forma, seu silêncio fala e canta em meu coração.

Aqui em Madonna House assisto o ritmo de nossos dias passarem. Vejo esta grande família, nossa primeira ramificação da Casa da Amizade no Canadá, rezar junto e trabalhar junto. Minha mente sem esforço cruza o espaço e o tempo e contempla o mesmo ritmo de nossas Casas da Amizade nos Estados Unidos de há muito tempo atrás.

O silêncio da gratidão que anda comigo nos caminhos das lembranças se eleva numa poderosa música. E a música me leva de volta a 1938 no Harlem, Nova York, aquela cidade dentro de uma cidade, onde a primeira Casa da Amizade foi estabelecida e sem a qual não haveriam outras.

Estava de volta na minha pequena sala da rua 138, tão escura mesmo nos dias de sol, que sempre tinha que acender a luz. Aquela muitas-salas-em-uma está para sempre gravada dentro de meu ser. Cozinha, sala de jantar, quarto, escritório, a recepção, onde quase não se podia virar, o pequeno banheiro — tudo estava em minha mente. Tinha também a janela que abria para um pátio e que mostrava o céu e ampliava, como um alto-falante, todos os barulhos de um prédio de apartamentos barulhento, mais a estranha cacofonia de muitos rádios ligados — cada um numa estação diferente!

Calor, frio, crepúsculo perpétuo, barulho sem fim me



rodeava; a solidão, o medo e as tentações de fazer as malas e voltar para o Canadá que tinha conhecido e amado enchiam meu coração e minha alma. O sono me fugia. As batidas do pulso de um Harlem sem descanso, tumultuado, que nunca dormia, vieram e fizeram morada comigo.

Iria lá fora e andaria nas ruas cheias e pensando no que eu, uma mulher branca e solitária de uma terra tão distante, estava fazendo naquela segregação, naquele mar de rostos marrons, amarelos e negros.

Com certeza, estava lá por amor a Deus, ao Cristo no negro. Mas, como Cristo parecia distante, tão distante! Tudo o que podia ver era o negro que eu não conhecia e que não me conhecia nem parecia querer me conhecer.

Foi neste tempo que Deus me fez lembrar que eu não estava sozinha. Através da Porta Azul de nossa biblioteca, recentemente pintada em louvor a Nossa Senhora, Ele sempre vinha me visitar em três pessoas de modo particular: nosso santo pastor, Pé. Michael Mulvoy, Emmanuel Romero e Ida MacDonald. Talvez não houvesse a Casa da Amizade nos Estados Unidos, não fosse por estas três pessoas.

Somente vocês que têm passado pelo longo caminho da solidão, que é o caminho do apostolado leigo, sabem o que significa ter o pastor de uma paróquia completamente ao seu lado! Eu tive tal pastor com todas as profundezas do entendimento que somente almas de padre podem dar, com o poder e a bênção que só a paternidade de um pastor pode conferir e com a caridade da profunda compreensão das

dificuldades, experiências e escuridão inerentes ao apostolado.

O Pé. Michael me deu todas estas coisas. Como o verdadeiro pastor que era, ele se colocou entre nós, seu "pequeno rebanho" do apostolado leigo pioneiro e nos guardou contra todos os males. Qualquer hora, do dia ou da noite, poderia ir até ele com todas as emergências. E só ele, Deus e eu sabemos quantas delas aconteceram durante os primeiros anos de agonia na Casa da Amizade.

Parece que nem uma semana se passou, mas a Porta Azul se abriu para deixá-lo passar. Ele veio com bênçãos, conselhos, entendimento e ajuda de todo tipo. Onde posso encontrar palavras para agradecer-lhe por todas estas coisas?

E havia o senhor Romero. Era um homem brilhante, originário da Jamaica. Era um homem santo, um Terceiro de São Francisco, como eu. Era um irmão para mim. O que eu teria feito sem que ele me mostrasse, um por um, os obstáculos a serem superados, o caminho certo a ser tomado nas encruzilhadas, a saída do labirinto que as relações raciais eram para mim. Eu teria vivido por muito tempo numa neblina intelectual.

De origem russo-polonesa, nunca tinha encontrado preconceito. Desde a infância eu tinha associado os Estados Unidos com liberdade, democracia e governo de altos ideais. E agora eu estava na verdade e de fato vivendo e tocando o Harlem, esta cidade dentro de uma cidade, construída em preconceito e na negativa de tudo que a democracia representava. Era uma cidade de sonhos e ideais danificados.

Na verdade, era um labirinto. Se não fosse pelo guiar constante e gentil de meu amigo e irmão em São Francisco, como poderia eu permanecer em tal emaranhado e continuar sã? E onde encontro as palavras para agradecer-lhe?

E Ida Macdonald. Quieta, calma, a primeira negra, junto com Sr. Romero, a ter fé no sonho que eu estava trazendo para o Harlem. Na época era como um sonho sem forma, que não podia ser posto em palavras. Teria que ser vivido e visto para ser acreditado.

Ida estava lá sempre que tinha alguma coisa para ser feita. Estava presente no nascimento de nosso Centro de Roupas, da Biblioteca, do Programa de Educação para Adultos, dos Centros da Juventude e na preparação do escritório. Arrumou os livros, deu roupas, trabalhou no arquivo durante a noite. Sempre me encorajava, simplesmente pelo fato de estar lá, simplesmente porque tinha a palavra certa para dizer na hora certa. Onde posso encontrar palavras para agradecer a pessoas como estas?

Um padre, um homem, uma mulher. Eu canto para eles a silenciosa mas imensa canção de minha gratidão. Sei muito bem que ninguém pode me dar as palavras para agradecer-lhe adequadamente. Assim, volto-me para a graciosa Mãe de Deus e peço a ela que o faça em meu nome.

## As duas freiras

Esta não é uma história comum. Coloco-a aqui porque já é uma espécie de "propriedade pública" ao redor de Combermere. Muitos dos membros mais velhos da comunidade a conhecem. Eles a contariam para vocês, com alguns exageros talvez (simplesmente por amor a mim). Assim, eu quero contá-la, para ter certeza de que será lembrada da maneira mais simples e verdadeira quanto possível.

Uma tarde, enquanto estava trabalhando no jardim, no canteiro de flores ao lado do rio, um homem veio me ver. Seu nome era George. Era um fazendeiro local com um rosto desgastado pelo tempo, porém agradável. Era de altura média e tinha olhos azuis penetrantes e uma mecha de cabelo branco. Ficou em silêncio, olhando para mim. Eu estava acostumada com isso, entendendo que ele, como a maioria do povo da roça, não era muito falante. Pelo menos os homens não eram!

"Você é enfermeira?" Ele perguntou. Eu respondi: "Sim, eu sou".

Ele disse: "Minha mulher está muito doente. Ela tem câncer. O médico mandou que tomasse alguns remédios fortes. Aplicados com injeção. Minha sobrinha é enfermeira. Ela estava nos visitando. As injeções devem ser dadas uma vez em cada 24 horas. Ela as estava aplicando, mas teve que ir embora. Não consigo arrumar nenhuma enfermeira em nenhum lugar. E você, senhora, se importaria de aplicar a injeção nela uma vez por dia?"

Respondi que não me importava de jeito nenhum. Ele explicou que morava no topo de uma montanha

e apontou diretamente para o pico que se pode ver no horizonte, se você olhar rio abaixo através das janelas de Madonna House. No topo dos pontos mais altos fica uma casa de fazenda, a qual não se pode distinguir claramente por causa das árvores. Nunca tinha estado lá, mas sabia que levaria um longo tempo para chegar até lá. Tinha que subir fazendo voltas. Mas não fiz perguntas.

Coloquei minha enxada no chão. Disse a ele que estava indo lavar minhas mãos e trocar meu vestido e que estaria com ele em dez minutos. Mas, evidentemente, ele tinha alguma coisa a mais para dizer, pois continuava lá, perplexo. Eu esperei. Devagar, de certa forma relutante, ele perguntou: "Você é católica?" Disse que era. Ele disse: "Você se importa que nós somos protestantes?" Eu disse que não me importava.

Quando lhe disse meu nome ele assentiu com a cabeça, evidentemente contente. Sorriu pela primeira vez e disse que estaria esperando por mim no carro.

Ele tinha um bom carro para nossas estradas, um Modelo T Lizzy da antiga safra de 20. Assim, saímos. Depois de viajar por algum tempo, ele virou de uma vez à esquerda após ter passado por uma ponte. Viajamos pelo que era quase que uma trilha e não uma estrada.

Para cima, sempre para cima, através de caminhos realmente de roça. Era um caminho de madeira, feito para a derrapagem dos troncos durante o inverno. Era uma viagem dura, acredite-me. Finalmente, chegamos em uma fazenda amável, que

poderia literalmente ser descrita como "dos velhos bons tempos". De modelo antigo e asseada, tinha uma vista do rio de tirar o fôlego.

Sua esposa estava num quarto de cima. Li as recomendações que o médico havia deixado para a enfermeira. Tinha câncer avançado. Os sinais fatais estavam em seu intestino e em parte do canal alimentar. O médico tinha prescrito a mais alta dosagem de morfina que eu já tinha visto para um paciente.

Fiz com que ela se sentisse confortável e apliquei o remédio. Depois fiz-lhe uma pequena visita, consolei-a da melhor forma que pude e fui embora. Uma de suas filhas tomava conta dela e também da casa. Quanto à comida, a mulher só podia tomar algumas gotas de água, ainda que com dificuldades. Ocasionalmente, podia chupar uma pedrinha de gelo.

Durante todo o verão, uma vez por dia, George e eu íamos até sua fazenda. Ele tinha que fazer viagem dupla porque tinha que vir para me buscar e trazer-me de volta. Eram 78 km de nossa casa até a dele.

Durante mais ou menos dois meses, todos os dias, incluindo domingos, fiz esta viagem com George. Por volta de meados de agosto George parou de vir. Ficou ausente por vários dias. Deduzi que sua sobrinha tinha retornado e que ele não precisava mais de mim.

Então, uma manhã, bem cedinho, ele entrou na cozinha, onde eu estava cozinhando, sentou-se e me desejou bom dia. Parecia perturbado e amedrontado.

"Senhora", ele disse. "Quero que você telefone para as Irmãs. Minha mulher as quer de volta. Eu pago a

ligação."

Eu não entendi. Ali estava um protestante que nunca teve muito a ver com católicos, pedindo que chamasse "as Irmãs". Que Irmãs? Os protestantes atravessariam a rua para evitar um encontro com uma freira, se eles a vissem vindo em sua direção. Tal homem estava falando comigo sobre freiras! E como, em nome de Deus, poderia alguma freira entrar naquele matagal? Isto era realmente fantástico. George estava sonhando?

Fiz algumas perguntas a ele. Não podia responder coerentemente, mas tentou me explicar.

Ele estava tirando leite, disse, e tinha se atrasado com seus afazeres. Passava das sete horas quando finalmente foi para casa jantar. Encontrou sua filha Eva na cozinha completamente perturbada. Ela disse que tinha ido lá em cima e encontrou sua mãe parecendo muito bem pelo que podia ver através da porta — mas parecia que sua mãe estava conversando com duas freiras! Elas estavam de costas para Eva. Ela pretendia entrar, mas a mãe parecia tão feliz que não quis interromper.

George perguntou a Eva como as freiras tinham entrado. Ele não tinha visto ou ouvido carro algum. Eva disse que também não tinha visto nem ouvido carro algum, mas que tinha estado muito ocupada. Talvez alguém as tivesse trazido. Talvez a enfermeira católica (eu) as tivesse trazido. George não foi para cima ver sua esposa. Estava com muito medo, talvez intimidado, ou qualquer coisa parecida. Ambos decidiram ficar na cozinha até que as freiras descessem.

Por causa da doença de sua mulher, George geralmente dormia na cozinha, numa pequena cama. Eles esperaram um longo tempo, mas nada aconteceu. As freiras não desceram. Eva retirou-se calma e furtivamente para cima, em seu quarto, George deitou-se em sua cama. Ambos foram dormir.

Por volta de quatro ou cinco horas da manhã, George não se lembrava exatamente, Eva o acordou. A mãe o estava chamando. Ele subiu rapidamente. Sua esposa lhe contou, com o rosto brilhante, que tinha tido uma noite maravilhosa. Disse que, desde que as irmãs tinham chegado para vê-la, todas as suas dores haviam sumido. Sentiu-se especialmente bem quando a freira jovem segurou em sua mão. Disse que elas não conversavam muito. Ela estava tão contente de estar sem dor que não sabia o que dizer.

A freira jovem ficou perto dela. A mais velha permaneceu na cadeira de balanço. A jovem simplesmente sentou-se em sua cama e segurou sua mão. Era uma pessoa poderosamente boa. Tirou sua dor. Agora ela se sentia bem. Queria uma xícara de chá forte — com leite! Queria ser lavada. Queria uma nova camisola.

George disse que continuou olhando para sua esposa com sua nova face brilhante, pensando. Evidentemente ela estava doente, mas agora, sem dor. Ele disse a Eva para fazer o que a mãe quisesse.

Eva estava perplexa. Mal podia mover sua mãe, mesmo para lhe dar um banho na cama como eu a havia instruído. Sempre demorou tanto tempo. Tinha



que tomar muito cuidado com a mãe. Tinha que limpar as feridas com álcool e sua mãe não era capaz de se alimentar, mesmo com chá. A mãe não conseguia segurar nada em seu estômago, exceto água e gelo. E agora chá! Um banho! Uma camisola!

Eva obedeceu. E, santo Deus, sua mãe se virou na cama algumas vezes! Quando terminou o banho, Eva colocou na mãe uma camisola limpa e a observou tomando o chá, vagarosamente. Ela realmente o saboreava. O mais espantoso de tudo é que o chá parou em seu estômago. Tomou outra xícara por volta do meio-dia. Durante o dia todo, a mãe teve um sono bom e nenhuma dor. Dormiu bem de novo naquela noite — e sem dor.

Por volta das sete horas da manhã as dores retornaram e a esposa havia mandado George até mim para que apressasse em "ter as freiras de volta, mesmo que tivesse que pagar para elas".

Quem eram as freiras? Como chegaram até lá? Quem as enviou? De que jeito eram? Que tipo de hábito estavam usando? George disse que usavam uma coisa marrom grosseira com um avental preto, estreito, que começava em algum lugar por volta do pescoço. De qualquer forma, foi assim que sua mulher as descreveu. Tinham alguma coisa branca sobre a cabeça, de forma que não se podia ver seus cabelos. E sobre a coisa branca tinham véus pretos. (George estava descrevendo as Carmelitas?) Não usavam meias, ele disse. Usavam somente sandálias.

De repente, enquanto George estava falando, eu não me senti muito bem. A cozinha estava girando de

uma maneira peculiar. A mulher disse que ambas as freiras eram bonitas. A mais velha era a mulher mais bonita que já tinha visto. A jovem tinha olhos pretos ou castanhos, um rosto redondo e a voz macia.

Gostaria que a cozinha parasse de girar! Pelo que entendi, Santa Teresinha tinha aparecido para essa mulher! Santa Teresinha e Nossa Senhora da Visitação eram minhas santas padroeiras de enfermagem. Sempre levei Nossa Senhora da Visitação comigo quando ia ajudar um paciente em meu serviço de enfermagem e freqüentemente também deixava Santa Teresinha como enfermeira da noite. E eu ouvia tudo isto de um protestante que uma vez tinha pensado que as freiras eram enteadas do Satanás!

Levantei-me e andei para provar para mim mesma que estava acordada e que isto era realmente o que George estava falando. Coloquei-me na posição de dizer a George que eu não poderia "telefonar" para aquelas freiras. Deixei-me dizer o seguinte: Tentei muito não insinuar que a coisa toda era um tanto incomum. Acho que ele pegou a essência disto. Ficou muito pensativo. Depois disse simplesmente: "A mulher sempre foi boa. Talvez Deus tenha enviado as freiras". Isto foi o que concluiu. Mas, ainda estava relutante em ir embora sem elas. Queria saber se não havia algum jeito de fazê-las voltar.

Eu disse: "George, você acredita na Mãe do Senhor? Você gosta dela, você acredita que ela seja poderosa o suficiente para nos ajudar?"

Sua resposta foi típica. "Claro, acredito. A Mãe do Senhor é uma mulher admirável, acho que poderosa

também".

Era um bom começo para um protestante. Eu tinha algumas medalhas de Nossa Senhora, bentas pelo Papa. Perguntei a ele se se importava em dar uma delas à sua esposa. Disse que seria bom para ela tê-la. Maria era melhor do que qualquer outra freira. Maria era uma mulher e entenderia. Sua medalha ajudaria de muitas, muitas maneiras.

Estranhamente ele não recusou a medalha. Disse que a levaria por minha causa e por causa das freiras.

Depois disto não o vi por algum tempo. Duas semanas depois ele retornou. Sua esposa tinha morrido. Ele disse que quando retornou com a medalha sem as freiras, sua esposa não ficou magoada. Ele estava feliz em vê-la colocar a medalha em sua camisola. Meia hora depois ela foi dormir. Suas dores tinham desaparecido. Ela acordou no meio da noite e chamou por ele.

Por ser um homem inarticulado, não se expressava muito bem, mas, em poucas palavras, deu-me uma bela idéia de um marido e uma esposa que tinham se amado muito e que estavam tendo agora sua última conversa íntima.

A esposa queria ficar apoiada de forma que sua cabeça descansasse nos ombros dele. Queria que ele a abraçasse bem apertado. Ela sentiu uma grande força; podia sentar-se um pouquinho.

Juntos, percorreram suas vidas e agradeceram a Deus pelos bons tempos em que tinham se conhecido. "Foi como se tivéssemos acabado de nos casar," ele disse. "Nós dois nos sentimos assim."

Depois de algum tempo ela chegou mais perto dele e o beijou. Pediu a ele que a beijasse também e que colocasse a cabeça dela nos seus ombros. Ele pensou que ela tivesse dormido, mas havia morrido.

A morte de câncer raramente acontece desta maneira. As dores normalmente aumentam de forma incrível e os pacientes tomam altas dosagens de morfina.

Ele a enterrou com a medalha, mesmo sendo protestante. Disse que não tinha me pedido para ir ao funeral porque sabia que eu estava ocupada, mas que as últimas palavras de sua esposa foram palavras de gratidão, amor e amizade a mim.

Tal é a história que queria contar-lhes. Não faço nenhum comentário nem tiro conclusões. Só queria relatar os fatos. Mas a história tem uma consequência engraçada.

George era uma pessoa popular na vila. Em sua solidão, começou a frequentar o clube local. Lá contava sua história — e a história cresceu!

A última vez que ouvi algo sobre esta história foi quando as pessoas daquele vilarejo começaram vir a mim, pedindo "medalhas de cura". Tive dificuldade em convencê-las de que eu não tinha tais "medalhas". Então, um dia, o padre da paróquia me chamou em seu gabinete. Não parecia muito feliz. Queria saber sobre a história que estava circulando de que eu tinha poderes milagrosos de cura. Eu ri alto e contei-lhe a história da mesma maneira que contei a vocês. Ficou pensativo por alguns momentos e depois disse: "Bem, vamos deixar que fique como está".

III  
HISTÓRIAS DA ETERNIDADE

## As minhas próprias histórias

Algum tempo atrás um abade de um mosteiro contemplativo escreveu-me pedindo se poderia aceitar temporariamente um de seus monges. Este monge estava sofrendo de epilepsia e o médico tinha recomendado um ambiente diferente para ele durante um tempo. Naturalmente o aceitamos com alegria.

Logo, chegou um homem alto e forte. Era muito quieto e, ainda assim, muito engraçado. De certa forma as duas coisas combinavam. Ele teve alguns ataques enquanto estava conosco e eu tomei conta dele durante sua estadia de seis meses.

Freqüentemente, depois de seus ataques, ficava descansando e dizia para mim: "Conte-me uma história". Assim, imediatamente eu criava uma. No meio da história ele normalmente começava a dormir. Na hora em que eu a terminava já estaria dormindo completamente. Tornei-me apta em terminar as histórias naquele exato momento. E foi assim que estas histórias começaram a existir.

## Como a Morte se tornou Vida

A Morte nasceu num dia brilhante — pelo menos era assim que se lembrava. Pois quando ela apareceu, madura, no mundo, era iluminada com as cores do fogo. A luz parecia vir de uma espada que um imenso anjo segurava, guardando a porta que se abria e levava não se sabia para onde.

No começo, a Morte se sentiu como uma estranha na terra. Ficava perambulando, como que perdida. Então, um dia, ela viu um belo pássaro com plumas brancas como a neve. Gentilmente ela foi até ele e esticou sua mão para sentir a suavidade de suas penas que brilhavam tanto com o sol.

Tão logo teve seus dedos tocados nele, o pássaro caiu a seus pés, frio e imóvel. A Morte o pegou, imaginando porque tinha parado de cantar e de viver. E foi assim que descobriu seu poder e entendeu porque tinha nascido num dia brilhante.

Devagar, os anos entram na eternidade onde todos os tempos se vão. A Morte viajou através de todos eles, tocando ora este animal, ora aquele pássaro, este peixe ou aquela flor. Já conhecia bem a terra. Tinha também percebido que uma criatura chamada homem morava nela, que ainda carregava em seu rosto um estranho reflexo de Deus. Era como se ele tivesse sido feito à imagem de Deus.

A Morte levou um longo tempo para tocar no homem. Mas um dia ela o fez — e o viu tremer. Ele vociferou e se tornou tão frio e imóvel quanto aquele primeiro pássaro branco. Naquele dia a Morte experimentou a totalidade de seu poder terrível. Mas também naquele dia ela conheceu a solidão até sua

última gota amarga.

Desde então, como os séculos viravam milênios de anos, a Morte reivindicou todas as coisas vivas para si. Ainda assim, havia dentro dela uma ansiedade que crescia. Em seu reino silencioso nada permanecia. Todas as coisas vivas desmoronavam e se tornavam pó com o seu toque. Era sempre deixada sozinha e na solidão. Houve dias — anos até — em que a Morte quase ficou louca com a solidão, louca com o desejo de ter e segurar alguém ou alguma coisa que pudesse ser sua.

Era tempo de grandes pragas, tempestades e pestes. Com lágrimas rolando pelo seu rosto definhado, a Morte cruzou toda a terra com a rapidez nascida de seu anseio frenético. Jogando-se às crianças dos homens, as abraçava apaixonadamente, esperando contra a esperança, que pudesse ouvir uma palavra ou ver um sorriso que levantaria a mortalha de solidão que a isolava de todas as coisas vivas e a apertava cada vez mais.

Os homens temiam a Morte sobre todas as coisas. Encolhiam-se com sua aproximação. Criaram milhares de lendas sobre a incapacidade de ela realmente danificá-los. Imaginavam uma vida depois do toque da Morte, que de alguma maneira lembrasse a vida da terra, à qual estavam acostumados.

Devagar estas lendas viraram religiões e crenças centradas nas maneiras e jeitos de escapar do abraço úmido da Morte. Suas tentativas deixaram vestígios de artefatos religiosos espalhados por toda a terra. Outros homens cavavam nas vísceras da



terra só para ver estes vestígios.

Mas a Morte continuou andando pela terra. Às vezes sorria para o medo que o homem tinha dela e subitamente apreciava seu poder sobre eles. Outras vezes chorava amargamente, não apenas porque estava tão só, mas também porque sentia que alguma parte desconhecida do homem parecia sempre escapar de suas mãos.

Um dia, cansada e sem forças, sentou-se numa colina, debaixo de três cruces onde três homens estavam sendo executados. Não estava a fim de olhar ou tocar nenhum deles. Estava muito cansada, muito só, muito desconsolada. Simplesmente sentou-se lá com sua cabeça fatigada em suas mãos e derramou grandes lágrimas, lamentando sua solidão.

De repente ouviu uma voz dizer maciamente: "Tenho sede". Ela levantou os olhos. Sua contemplação encontrou dois olhos insondáveis. De suas profundezas jorrava uma luz azul, brilhante, calorosa, um olhar que nunca tinha experimentado antes.

Instantaneamente levantou-se, rígida, ereta, alta e magra. Há alguns passos estava o Homem, pendurado entre outros dois. Ela não ousou tocá-lo, ainda que o quisesse; mais do que nunca quis tocar alguma coisa ou alguém.

Muito conscientemente, colocou as mãos para trás e olhou fixamente para o rosto dele, sangrando e desfigurado como se ela não pudesse ver o bastante. Ela o ouviu falar algumas poucas sentenças curtas. Cada palavra ficou trancada em seu coração. Gostou

delas. O eco da voz dele, fraca pela dor, a moveu profundamente.

Depois Ele ficou em silêncio, mas seus olhos chamavam por ela, numa mensagem sem palavras. Ela não sabia como tinha acontecido, mas, gentilmente, oh, tão gentilmente, ela tocou seu rosto. Ele pareceu, por um instante, sorrir somente para ela. Então, como todos os outros antes dele, fechou os olhos e se tornou frio e sem vida!

Ela não podia acreditar! De certa forma ela sabia, sem saber, que Ele era diferente de todos os outros. Assim, ela permaneceu mais um pouco no lugar. Viu quando o tiraram da cruz. Viu sua mãe segurar seu corpo sem vida em seus braços e embalar seu rosto pálido contra seu peito. Viu-o ser carregado para um túmulo, num buraco de uma cova. Viu alguns soldados rolarem uma pedra pesada na frente da entrada do túmulo, para fechá-lo.

Então, com rapidez nos passos e em silêncio como só a Morte pode caminhar, ela entrou na cova, antes que a pedra fosse colocada no lugar. O que aconteceu lá dentro entre Ele e a Morte nenhum ser humano jamais o saberá. Uma coisa é certa. No domingo seguinte, dois dias depois de ser tirado da cruz, algumas mulheres vieram ao túmulo e o encontraram vazio. A Morte já não estava mais lá.

Desde aquela manhã de domingo, todos os que encaram a Morte com os olhos da fé naquele Homem, vêem a Morte de modo diferente. Agora ela é bela. Eles sabem que seu toque traz vida, não morte. Agora a Morte é a mensageira do amor de Deus para com os homens. Amor é vida e a Morte é agora o amável portão em direção à vida eterna, ela mesma, sempre viva.

## Como a Razão se tornou madura

A Razão veio morar na terra com a criação do homem. Havia nela uma beleza e graça que era uma alegria contemplá-la. Mas algo estranho aconteceu com ela depois que o homem foi expulso do paraíso para ganhar seu pão com o suor de seu rosto.

Sua simplicidade de criança se tornou mais e mais complexa. Sua graciosa transparência se tornou nublada. Sua capacidade de se submeter desapareceu e ela começou a se afirmar de modo estranho. Começou a enfeitar-se e tomar ares como nunca tinha tido antes. De maneira orgulhosa, guiava os passos do homem, aconselhava-o e o dirigia em seus caminhos.

Com o passar dos séculos, a Razão contemplava os trabalhos de suas mãos, achando-os bons, e ficou mais e mais orgulhosa de si. De fato, começou a considerar-se como o "centro do mundo". Quando o homem começou a venerá-la como se ela fosse um deus, quando os templos eram construídos e honras especiais dadas aos homens, a quem a Razão tinha especialmente favorecido, ela considerou todos estes símbolos de respeito, adulação e veneração como obra sua.

O tempo pareceu dar estatura à Razão. Austera, fria, com ar cético, a Razão andava com passos lentos, medidos e majestosos. Estava sempre sem pressa, sempre cheia de sua própria importância, andando sempre como uma realza anda em cortejo oficial. De vez em quando, através dos séculos sem fim, ela parava e fixava residência. Seu trono era de jade verde. Contrabalançava com suas roupas sóbrias,

cheias de perfeição.

A Razão nunca atendia a Sentimentos, Calor, Emoções ou Alegria. Em qualquer ocasião que falasse ao homem, somente o fazia com a Prudência Mundana, Lógica Fria e Deliberação Lenta que estavam em sua comitiva. Nunca dormia, pois estava convencida de que, se o fizesse, o mundo do homem pereceria. Não era óbvio que ela sozinha o conservava em ordem? Se dormisse, o Caos, seu grande inimigo, tomaria conta das mentes dos homens.

Um dia, sem muita pressa, estava a caminho de Jerusalém, na Palestina, uma cidade de que gostava. Sempre foi muito respeitada lá. Reverência lhe era dada por alguns dos homens mais importantes que lá moravam. Seguiam seus ensinamentos quase que à perfeição, com aquela frieza sem emoção que tinha imposto a seus discípulos.

Mas agora Jerusalém estava diferente. Estava toda agitada. Seus habitantes estavam se agrupando em volta de um Homem aparentemente extraordinário. Seu rosto era gentil e suave, mesmo assim, requeria respeito com um mero olhar.

A Razão parou, ligeiramente aborrecida com o atraso de sua rotina normal. A Prudência, a Lógica e a Deliberação pararam com ela. As quatro sentaram-se no parapeito que guarnecia as escadas do Templo. Elas se instalaram para ouvir o que o Homem nobre, com vestes de um humilde galileu, tinha a dizer.

Ele estava falando gentil e claramente, para que todos o pudessem entender. Falava do humilde herdando a terra! Disse que os pobres em espírito

seriam abençoados! Disse que os misericordiosos receberiam misericórdia! O que dizia não fazia sentido algum!

A Razão estremeceu diante de tanta exorbitância. A Lógica estava confusa. A Prudência ficou com medo. A Deliberação estava indecisa.

O Homem e a multidão continuaram. Por todos os dias seguintes a Razão encontrou o Homem e a multidão que o seguia em todos os lugares. Ele a incomodava, a deixava frustrada. Falava como quem tem autoridade, como quem sabe o que diz. Além disso, parecia que Ele estava desviando as mentes dos homens para longe dela! Isto não deveria acontecer. Se os homens comessem a viver realmente de acordo com seus ensinamentos, as coisas seriam completamente sem sentido.

Algo deveria ser feito, definitivamente. A Razão foi aos fariseus e saduceus, que sempre lhe eram devotados e ouviam o que ela tinha a dizer. Eles pareciam "razoáveis", pois estavam planejando condenar o Homem à morte, antes que estimulasse o mundo todo. Isto era lógico e racional. Ainda assim, a Razão não estava satisfeita. Alguma coisa intangível, alguma coisa importante estava faltando em seus argumentos, alguma coisa que ela não podia examinar no momento.

Sem descansar, ela continuou durante toda a noite. Pela primeira vez estava desatenta. Andava pelas ruas despropositadamente até que chegou a uma casa onde ainda havia luz acesa no andar de cima. Entrando sem fazer barulho, sentou-se num canto escuro para assistir aos acontecimentos e ouvir.

Lá estava novamente o Homem e seu pequeno bando de uns doze amigos. O que ele estava fazendo? Estava partindo o pão, abençoando-o e dando-o aos amigos para comer. Ela o viu abençoar o vinho também. Ouviu-o dizer: "Dou-vos um novo mandamento. Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado".

Amor! Aquela palavra sentimental, irracional, imprudente, ilógica e emocional! A Razão sempre a desgostou muito. De alguma forma, no entanto, soou muito diferente quando Ele a disse. Agora, diante de seus olhos, o Amor se tornou imenso — uma luz, um fogo que uma vez aceso poderia mudar a face da terra. Agora parecia ser maior do que a própria Razão.

Mas isto era impossível! Não era ela, a Razão, a maior coisa da terra?

Ela foi embora apressadamente. Estava perturbada. Era uma nova sensação para ela, que sempre tinha perfeito comando sobre seus sentidos.

Correu, esquecendo-se por um momento que era uma realeza. Escapou pelos campos dormentes.

Não voltou a Jerusalém por alguns dias. Prestava pouca atenção à sua volta, mas estava espantada em ouvir um murmúrio crescente de uma multidão que avançava. Ficou de lado para deixar que os passantes caminhassem.

A primeira pessoa a aparecer foi o Homem. Desta vez não parecia tão majestoso. Parecia cansado, ferido, sujo e sem forças ao ponto de exaustão. Em seus ombros havia uma imensa cruz de madeira, sob cujo peso Ele cambaleava.

Uma mulher estava esperando por Ele. Quando Ele a viu parou por alguns segundos. Seus olhos se encontraram, os olhos de uma mãe e de um filho.

A Razão adormeceu neste momento. Pois havia contemplado o Amor — Amor completo, puro e perfeito. Um amor que amava até à morte.

Naquele instante a Razão entendeu que tinha sido criada para conduzir os homens ao amor, que não era algo, mas alguém — o próprio Deus! Entendeu também que o Homem que a tinha frustrado com sua presença e suas palavras era o Filho de Deus. Percebeu que devia ser sua serva, seu instrumento para fazer os homens amá-lo. Percebeu que daquele momento em diante teria que adormecer por algum tempo e deixar o Amor caminhar com os homens pela escuridão da fé, pela "nuvem do desconhecido", onde ele morava de um modo todo especial. O Amor reinava supremo e não precisava dela.

Desde aquele instante, quando traz uma pessoa ao portão do amor, do amor que está acima da razão, ela se curva e vai dormir alegremente. Acorda renovada e mais viva do que nunca. Agora está contente em ser serva do homem e não sua deusa. Ela amadureceu.

## Como a Dona Avareza se tornou Dona Generosidade

Dona Avareza nasceu velha, ou assim lhe parecia. Nunca se lembrava do tempo em que era jovem e despreocupada, em que andava com os passos fáceis e leves da juventude. Neste aspecto, ninguém conseguia se lembrar de sua juventude.

Para os homens ela sempre pareceu ser vagarosa em seu modo de andar. Sua estrutura magra e ossuda era quase corcunda pelo modo com que se arrastava. Estava sempre olhando para baixo, para os caminhos, os quais atravessava eternamente, como se não quisesse perder uma polegada deles. Examinava cada e todo passo, procurando algo para pegar, algo para segurar e pressionar contra seu peito. Quando encontrava alguma coisa, nunca jogava fora, mas escondia em algum lugar, em um dos muitos que conhecia. Visitava freqüentemente estes lugares e deles emergia, só para continuar se arrastando pelas centenas de outros anos, pelos milhares de caminhos, procurando, sempre procurando mais coisas para acumular.

Se alguém tivesse tempo para olhar para a Dona Avareza, poderia detectar aqui e ali alguns traços de beleza. Seu cabelo era longo, da cor das cinzas quando o fogo as fazem incandescentes com o brilho de ouro pálido. Mas, porque suas mãos estavam sempre cheias de coisas, não podia pentear seus cabelos muito bem. Assim, eram desarrumados e embaraçados, sempre cobrindo seu rosto e, muitas vezes, escondendo-o. Seus traços eram regales, porém definhados, porque, movida por aquele fogo



íntimo de sempre juntar mais e mais coisas, não tinha tempo para comer, beber ou cuidar de si mesma.

Seus olhos eram de um violeta bonito, com cílios longos e escuros. Mas poucas pessoas já viram seus olhos uma vez que estavam sempre para baixo à procura de tesouros. Os que já olharam dentro deles nunca se lembram da cor, pois quando a Dona Avareza levantava seu rosto para olhar os dos homens, era só porque desejava possuir suas almas. E quem, arriscando-se a se tornar escravo de Dona Avareza, se lembraria da cor de seus olhos?

Quando o fogo de sua paixão desordenada insensibilizava um coração humano, este, em troca, pensava só em posses, sempre mais posses, pelo amor da posse. Tudo o mais era tirado da memória daqueles que olhavam em seus olhos.

Exteriormente, os homens escravos da Avareza pareciam estar progredindo. Eles se tornavam ricos e outros homens se curvavam diante deles tremendo de medo. Mas o toque ou o olhar da Dona Avareza parecia mudar aqueles que ela escolhia para ser seus. Eles secavam e encolhiam interiormente. Tornavam-se curvados e tortos — como ela — e em seus olhos queimava aquele mesmo anseio por posses.

Estas pessoas pareciam estar vivendo, mas, de certa forma, estavam mortas. É por isso que desde o começo da criação os homens tinham medo da Avareza. Faziam grandes contornos quando a viam vindo, ou fechavam as portas de seus corações diante de sua aproximação. A maioria assim agiu

mas, infelizmente, nem todos.

Alguns, movidos por curiosidade, pelo desejo de riqueza ou pela presunção de sua habilidade em resistir-lhe, permitiram que ela os contemplasse. Então foram pegos: olharam constantemente para ela. Viram, na verdade, a cor de seus olhos, mas viram muito mais. Viram suas mãos magras, com garras, mãos que se esticaram e os abraçaram, com um abraço mortal que nunca os deixaria voltar a ser o que eram.

Com o passar do tempo eles se perdiam e eram separados dos outros homens nos vastos domínios e esconderijos de Dona Avareza. Eles também se tornaram parte de suas posses incontáveis.

Assim foi desde o começo dos tempos por séculos sem fim.

Mas, um dia, o Tempo trouxe Dona Avareza para a Palestina, para a vila de Belém, para um estábulo onde uma mulher dava à luz ao seu primeiro filho. Três Reis do Oriente estavam lá, ajoelhados diante da manjedoura da Criança, oferecendo-lhe incenso, mirra e ouro.

Dona Avareza, naturalmente, só podia ver o ouro. Tinha muito. Moedas recentemente cunhadas, tão brilhantes e bonitas como só o ouro pode ser. Tão bela era esta visão para Dona Avareza que, para olhar melhor, ela endireitou sua estrutura encurvada. Naquele momento derrubou as outras coisas que segurava e esticou suas mãos em direção daquele ouro sem vida, porém bonito.

Foi quando Maria, a mãe da Criança se levantou e a pegou gentilmente. Devagar, com graça, silenciosa e

majestosamente colocou-a nos braços estendidos de Dona Avareza!

Dona Avareza ficou completamente parada. Parecia ficar mais alta e até mais bonita. A Criança tocou um pouco de seus cabelos dourados. Sorriu e os puxou. E os cabelos de Dona Avareza ficaram desembaraçados e escorridos, cobrindo-a com um manto de beleza transcendente.

A Criança riu e tocou os olhos de Dona Avareza. Seu olhar fixo, feio e ansioso tornou-se gentil e radiante. Parecia que tinham se perdido nos olhos da Criança.

De repente, Dona Avareza se curvou e beijou a Criança. Então, devolvendo-a a Maria, fugiu pela tarde iluminada e sonolenta.

Durante muito tempo ninguém via Dona Avareza. Alguns dos que tinham olhado dentro de seus olhos e tinham se tornado seus escravos pareciam estar mais livres. Começavam a se desapegar de suas posses e a partilhá-las com os que precisavam. Mas não havia vestígio de Dona Avareza.

O tempo, que conhece muitas coisas que estão escondidas dos olhos dos homens, sabia onde ela estava e o que estava fazendo. Estava juntando todas as coisas que tinha escondido durante todo este tempo e estava formando uma caravana. Era uma caravana como nunca se tinha visto na terra!

Quando terminou de empacotar tudo, Dona Avareza e sua caravana voltaram para Belém ao estábulo que agora estava vazio e em ruínas. A família pela qual procurava tinha ido embora há anos. Por muito tempo ficou em frente ao estábulo, olhando para a luz estranha que parecia jorrar de lá de dentro. Foi a

única que viu a luz. Então, tristemente, fez a volta e andou desamparada, com sua caravana, pela estrada que levava a Jerusalém.

Ela e seus camelos carregados com o tesouro seguiam seu caminho fantasmagórico através da cidade e para além dela. Ao aproximar-se da montanha de Gólgota ela viu três cruzeiros no topo e um homem pendurado em cada uma delas.

Foi diante do Homem do meio que Dona Avareza parou. Levantou seu rosto e olhou para Ele com atenção. Mas não podia, em sua imaginação, recapturar o rosto da Criança no rosto daquele Homem que estava morrendo.

Então seus olhos se fixaram no rosto de Maria, sua mãe, que estava aos pés de sua cruz. Agora Dona Avareza sabia! Caiu em prantos aos pés de Maria. Então, chamando sua caravana, colocou todos os seus tesouros aos pés dela.

Mas Maria sacudiu sua cabeça. Ela convidou Dona Avareza a ser verdadeiramente generosa com seus tesouros e dá-los àqueles que mais precisassem — e dá-los em nome de seu filho, Jesus.

Daquele dia em diante Dona Avareza trocou seu nome e se tornou Dona Generosidade, a serva de Dona Caridade. Tornou-se alguém sempre em busca de dar e não de possuir.

Na verdade, a Avareza ainda encontra um lar nos corações de alguns homens. Mas não é mais Dona Avareza; é um fantasma trazido das profundezas do inferno para confundir os homens.

Sempre que Dona Generosidade, a serva de Dona

Caridade, encontra-se com seu passado  
fantasmagórico nos corações dos homens, ela o  
destrói, contando a história do beijo de uma Criança.

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

## Como a Piedade retornou ao Amor

Um dia Dona Piedade acordou muito confusa. Naturalmente, a confusão não aconteceu de uma hora para outra. Tinha começado há muito tempo atrás. Mas aquela manhã a fez pensar. Fez com que ela decidisse que alguma coisa tinha que ser feita, e que tinha que ser feita agora.

A chave de todo o problema era o seu lugar na ordem das coisas. Até um certo tempo (não conseguia lembrar-se quando exatamente) tinha estado contente em estar atendendo Dona Caridade, cujo outro nome era Amor. Tinha estado satisfeita em ser uma entre muitos, pois o Amor tinha outros atendentes além da Piedade. O Entendimento, a Gentileza, o Perdão, a Humildade, o Conhecimento — Dona Piedade tinha feito parte deste rol por mais tempo do que podia se lembrar.

Mas, um dia (tinha perdido a noção do tempo), ocorreu-lhe que era uma personagem muito importante em si mesma. Então, em vez de ser simplesmente uma no meio de muitos na comitiva de Dona Caridade, ela deveria ter uma comitiva sua ou, pelo menos, "agir por si só", como fazem todas as pessoas importantes.

No princípio, era somente uma idéia surpreendente. Ela a rejeitou, por achá-la imprópria. Mas a idéia continuou a voltar, voltar, apesar de tudo o que fazia para se livrar dela. Realmente tinha tentado se livrar dela por séculos. Mas a idéia não a deixava. Trouxe-lhe mais e mais dúvidas até que acordou profundamente confusa.

Por volta do meio-dia daquele dia fatídico, ela

decidiu agir. Foi tolice sua. Não se deve nunca tomar uma decisão quando se está confuso. Mas Dona Piedade assim o fez. Naquela noite simplesmente deixou o Amor.

Dona Piedade nunca tinha estado sozinha antes e não sabia para onde ir. Então, seguiu em frente. Enquanto andava devagar pela noite estrelada, fazia seus planos. Naturalmente! Sabia o que fazer! Seria ela mesma! Os homens tinham necessidade da Piedade desde que o primeiro homem fora expulso do paraíso. Mas os homens precisavam ainda mais dela desde que aquele Homem extraordinário (que, soube mais tarde, era o Filho de Deus) tinha vindo na terra. Os olhos e o coração do Homem estavam tão cheios de Amor e Piedade que os homens, após terem visto o reflexo da Piedade nos olhos dele, souberam que precisavam dela mais do que nunca.

Era simples. Agora que ela era tão importante e "dona de si", iria ajudar os homens em todos os lugares. Aos poucos ganharia o reconhecimento que tanto merecia. Iria adquirir uma comitiva sua e revelaria para todos a personagem tão importante que era. Assim corriam seus pensamentos.

Andava mais rápido e com passos mais firmes agora. E foi quando se encontrou com um jovem e uma mulher sentados num banco de um parque conversando. Algo na postura da jovem mulher chamou a atenção de Dona Piedade. A mulher parecia deprimida. Estava chorando, como que para si mesma. A Dona Piedade chegou mais perto e percebeu que o homem estava falando de um modo cruel. Assim não daria, pensou a Piedade. Sentou-se bem perto dele. Ele olhou em seu rosto. Embora não

pudesse vê-la com seus olhos humanos, sentia sua presença. Sua voz mudou de tom. Tornou-se cheia de Piedade.

Dona Piedade sorriu para si mesma, orgulhosa de seu poder sobre os homens!

Então, uma coisa estranha aconteceu. A moça parou de chorar. Levantou um rosto espantado e magoado para o homem. Disse-lhe que não queria piedade sem amor. Com isso levantou-se e andou; mais do que isso, correu dele. Ele encolheu seus largos ombros, sacudiu sua cabeça, acendeu um cigarro e foi embora. A Piedade ficou sentada no banco, perdida em consternação pelo que poderia ter dado errado.

Depois de algum tempo Dona Piedade levantou-se e, com seu problema ainda não resolvido, pôs-se em movimento. No tempo devido chegou a uma grande cidade. Ainda pensando, dirigiu-se para o lado mais pobre daquela cidade. Percebeu uma mulher bem vestida, carregada com todo tipo de presentes, indo de casa em casa. Sentindo que talvez precisasse de ajuda, a Piedade a seguiu.

Foram de casa em casa, a mulher com os presentes e Dona Piedade atrás dela. Eram casas pobres, quase destituídas, onde a mulher era recebida cordialmente, mas com uma estranha falta de calor. Mães cansadas com os filhos escondidos em suas saias sorriam um sorriso morto. Humildemente aceitavam os presentes e ouviam as palavras cheias de Piedade. Mas diziam muito pouco além de um indiferente "obrigada".

Espantada, a Piedade ficou em uma das casas depois



que a senhora com os presentes tinha ido embora. Uma vez mais ouviu palavras estranhas, palavras sobre a amargura de receber donativos dados com pura piedade e sem amor.

Dona Piedade recusou-se a acreditar no que estava ouvindo, mas, andando de lá para cá, ano após ano, ficou desencorajada. Foi a uma igreja para pensar. No crepúsculo que desaparecia, uma estátua atraiu seu olhar. Estava surpresa em reconhecer o Deus-Homem que tinha uma vez encontrado em suas peregrinações sem fim, quando era uma ajudante do Amor. Parecia que seus olhos olhavam para os dela com profunda Piedade, mas com uma Piedade clara, transparente que recebia toda sua beleza do amor.

Naquele momento a Piedade entendeu que, sozinha, sem o amor, não podia ajudar ninguém. Entendeu que era uma ajudante na comitiva do Amor e o Amor era mais do que ela, Piedade, jamais poderia ser. O Amor, afinal de contas, era uma Pessoa, era Deus. Só o Amor poderia fazer a Piedade calorosa, amiga e capaz de curar. Sem o Amor ela era uma coisa morta e sem vida.

Naquela noite a Piedade voltou para onde pertencia. Voltou para o Amor.

## Como a Tristeza se tornou Alegria

A Tristeza nasceu de um homem e uma mulher quando, virando seus rostos para longe dos portões do paraíso, que tinha sido fechado para eles pelo Onipotente, fizeram sua caminhada devagar pelos caminhos cinzentos da terra imensa e solitária. A Tristeza caminhava com eles.

A Tristeza não se lembrava de seu aniversário. Pensava que sempre tinha estado aqui na terra. Não percebia sua idade. Ela mesma nunca mudava. Era esbelta e não muito alta. Nunca tinha pressa, sempre se movia com vagareza, como se estivesse mortalmente cansada.

Tinha os olhos profundos, cor de violeta, que tinham o poder de perfurar os corações daqueles que olhavam para eles. Ela era graciosa, com modos calmos. Seus cabelos preto-azulados eram belamente cuidados e sempre amarrados com tiras que combinavam com a cor de seus olhos. Suas vestes eram da mesma cor. Não importava o dia, a cor era sempre violeta, que combinava mais com a cor púrpura da noite do que com o sol do dia.

Dona Tristeza era definitivamente uma pessoa temperamental. Ora procurava a solidão, ora as multidões. Uma coisa era certa: todo homem nascido de uma mulher conhecia seu passo vagaroso, rítmico e sentia o peso que às vezes curvava as pessoas quase até o chão. Às vezes até os trazia à beira do desespero. Isto era causado pelo seu olhar, às vezes roçando os homens ligeiramente, às vezes permanecendo em seus rostos quase que por uma eternidade.

Veza ou outra Dona Tristeza se apegava especialmente a uma pessoa. Podia ser um homem, uma mulher, uma criança, uma jovem, um velho que estava quase cego. Parecia que mesmo as pessoas que eram realmente cegas poderiam sentir e ver os efeitos do olhar firme da Tristeza. Ninguém nunca escapou inteiramente dela no curso de sua jornada de uma eternidade para outra.

Sempre Dona Tristeza se maravilhava com o efeito que causava nas pessoas. Era muito sozinha, pois sabia que não era benvinda para ninguém. Até o ponto em que podia se lembrar, eles faziam milhares de coisas estranhas para se livrarem dela. Às vezes, em sua solidão, ela ficava envolta em lembranças dos deuses para os quais os homens rezavam, lembranças dos encantos que conservavam durante noites e dias e lembranças dos rituais sem fim em que se engajavam — tudo para se livrarem de Dona Tristeza e dos efeitos de seus olhos violetas, profundamente sombreados.

Havia momentos em que fugia para sua solidão, o que não era muito sensato. Não era muito sensato porque quando Dona Tristeza sentia pena de si mesma, não podia agir sensatamente.

O tempo, que para ela não fazia sentido, continuava. De fato, com o passar dos anos, ela parou de perceber o tempo. Ainda assim, continuava em busca, sem descanso.

Foi durante um desses dias sem descanso que ela deixou sua solidão no deserto e caminhava vagarosamente em direção às casas dos homens. À beira do deserto parou, surpresa. Havia um Homem

sendo atendido pelos anjos — espíritos belos e transluzentes. Eles flutuavam amável, porém reverentemente em volta do Homem.

A Tristeza não podia se mover. Uma coisa estranha acontecia com ela. Abaixou seu olhar e cobriu seus olhos. Seus cílios longos e escuros, lançavam uma sombra em seu rosto. Parecia que, pela primeira vez, não queria olhar nos olhos dos homens.

Ele a chamava. Ela tremia ao som de sua voz. Parecia que a essência de toda música estava contida naquela voz — não, parecia que tinha seu nascimento nele. Ela hesitou por uma fração de segundos e então, devagar, timidamente, aproximou-se, seus olhos ainda para baixo.

Ele estava falando de novo e, de novo, a música de sua voz a envolvia e a levantava, para cima, para cima, em regiões que nunca pensou pudessem existir. Nesta hora Ele apelou para que ela o olhasse. Ela não o queria fazer. Percebeu que seu olhar trazia tristeza, dor e escuridão e ela não queria dar a Ele nenhuma destas coisas.

Desejava que pudesse dar-lhe riso, alegria e felicidade! Mas, então, Ele já tinha tudo aquilo, pois era o que estava escondido na música de sua voz.

Ela levantou os olhos. Seus olhares se encontraram. Ele sorriu, como se tivesse esperado durante muito tempo por este encontro. Era como se Ele soubesse que isto iria acontecer naquele momento e lugar e estava feliz pelo acontecimento.

Espantada, insegura de si mesma, Dona Tristeza simplesmente ficou parada, incapaz de tirar seu olhar do dele. Depois do acontecido, não era capaz

de contar a ninguém a cor dos olhos dele. Tudo o que viu neles foi a glória, a glória que jamais tinha sonhado existir.

Ele esticou sua mão e acenou para que ela se sentasse ao seu lado. Obedientemente, como uma criança, ela o fez. Os anjos flutuando formavam um anel em volta deles e, abaixando suas cabeças, cantavam hinos de adoração.

Ele começou a falar. Ela ouviu. Ninguém nunca soube o que se passou entre eles, exceto Ele, ela e os anjos. Já era noite quando partiram. Mas, daquele dia em diante ela se tornou a sombra dele, que o segue para onde quer que Ele vá. Ela só o deixou para ir com Maria, sua mãe. Então chegou o dia em que Ele morreria.

Pouco antes de morrer seus olhos se encontraram — os dele do alto de uma cruz, os dela de baixo, próximo à sua mãe. O que quer que seus olhos lhe dissessem, ela o entendeu e trancou em seu coração para sempre. Desde aquele dia ela não é mais a mesma. Sim, ela ainda caminha na terra e mora com os homens. Sim, seu olhar ainda lhes traz solidão, dor e escuridão. Mas se eles tiverem coragem, ela os guiará agora, amável e gentilmente, para o Reino daquele Homem. É um reino de paz e alegria que ninguém pode tirar, mesmo a Tristeza.

Depois daquele dia a Tristeza soube quando e porquê nasceu. Descobriu que nasceu para levar os homens através dos caminhos dela para o paraíso que perderam e que foi restaurado para eles pelo Homem que os anjos alimentavam no deserto.

## Como a Soberba se tornou humilde

Dona Soberba nasceu orgulhosa. Nunca se lembrava do tempo em que não estivesse cheia de admiração por si mesma. Passava pelos séculos com a arrogância das pessoas que têm certeza que são melhores, mais espertas e superiores às outras em todos os sentidos. Sempre tinha sua bela cabeça muito alta e andava devagar, majestosamente por entre os séculos.

Não se importava em lidar da mesma maneira com todo o tipo de homem. Enquanto influenciava a todos, ela escolhia sua companhia cuidadosamente. Se gostasse de alguém viria e ficaria com ele por um longo tempo e todos veriam logo sua influência. As pessoas a imitavam muito bem. Elas, como a própria Soberba, se tornavam frias, distantes e calculistas, comportando-se como se estivessem de certa forma acima do lote comum de seres humanos.

Ela era muito bonita, apesar de seu temperamento! Sua beleza não podia ser negada. Era alta e digna, com traços que poderiam ser chamados de "clássicos" por aqueles que entendem destas coisas. Ainda assim, os homens, como um todo, tinham medo dela e de sua beleza. Havia alguma coisa a seu respeito que era maléfica, escuro e sinistro. Fazia-os lembrar de águas profundas, paradas, estagnadas, esverdeadas, que não traziam sustento, mas matavam a vida. Todas as coisas vivas morriam em tais águas.

Todos os que viajavam podiam observar o cenário desolado criado por tais águas. Árvores cinzentas e sem vida levantavam seus braços sem folhas para os

céus, como que suplicando das profundezas estranhas. As praias eram desprovidas de flores ou grama, cobertas só com areia e pedra. As flores se recusavam a se enraizar. Tais águas eram mortas — mortas e temíveis.

É em tal cenário que os homens pensavam quando viam Dona Soberba passar. Tremiam e fugiam. Mas sabiam que ela freqüentemente derramava presentes em seus amigos. Ouro e prata pareciam ser presentes dela para todos. O poder a seguia em seu rastro, como escravo de seus impulsos. Mas era um poder sombrio que só servia para ela e seus amigos.

Dona Soberba sempre se lembrava de suas conquistas, mas de um evento teve orgulho especial. Aconteceu há muito tempo atrás, talvez perto do dia em que nasceu. Tinha sido um dia extraordinário, pois não se lembrava de ter sido jovem, naquele dia ou em outro. Nasceu madura. Foi no dia em que Deus — Aquele que é — tinha revelado seu segredo aos anjos. Depois de tê-lo revelado a eles todos ficaram encantados e muito, muito imóveis.

Dona Soberba não ouviu o segredo, mas viu um belo espírito, com o cenho franzido, que parecia ser toda luz. Era tão bonito que ela desejou ficar com ele para sempre. Foi até ele suavemente e disse-lhe que qualquer que fosse o segredo, não era para ele (pois ela viu que ele não tinha gostado do que ouviu). Por que ele deveria aceitá-lo? Ele era, assim ela o convenceu, tão grande quanto o próprio Deus!

O anjo da luz virou-se, viu-a e acreditou no que ela disse. Então, levantando-se a uma altura imensa,

gritou para todos ouvirem, a sentença da Soberba: "Não servirei". Muitos dos anjos inferiores se juntaram a ele depois que também olharam para a Soberba. E aconteceu uma batalha que abalou os céus.

Por um instante, Dona Soberba pôs sua dignidade de lado. Participou da batalha ao lado de Lúcifer, o Anjo da Luz. De repente, no meio da batalha, ela ficou imóvel. Contemplou uma coisa assombrosa e temível. A luz estava deixando o anjo e uma escuridão se apoderava dele. Sua beleza permanecia, mas agora era a beleza da morte — uma paródia de toda a beleza. Um contato com ele significava a morte eterna.

Imediatamente ele e seus exércitos caíram por terra, dentro das profundezas que Dona Soberba nunca soubera pudessem existir! Ela os seguiu, mas não podia permanecer no inferno, pois, pertencia tanto à terra quanto ao inferno. Com o passar dos séculos ela voltaria para o inferno para uma visita. Satanás ainda a fascinava. Permitia ser usada por ele quando ele assim o quisesse. Talvez esta seja outra razão porque o homem sempre tinha medo dela. Quem pode dizer?

Ou talvez os homens se lembrassem da participação da Soberba na queda de seus primeiros pais. Naturalmente, ela estava lá também, no jardim com a serpente. Parecia que seu único propósito de existência era prolongar o terrível domínio do anjo da luz, que se tinha tornado agora o Príncipe da Escuridão!

Numa noite de estrelas Dona Soberba estava



andando, em seu modo majestoso e lento, parando de vez em quando para admirar seu próprio reflexo nos lagos, rios e poças que passavam por seu caminho. Achava-se nos limites de uma vila, cuja entrada era um caminho estreito. De ambos os lados do caminho havia cavernas, encravadas nas pedras arenosas que eram comuns na região. Uma caverna, de um modo especial, atraía sua atenção. Parecia lançar uma luz ofuscante no caminho.

Uma grande estrela flutuava sobre ela, quase tocando o telhado. Dona Soberba chegou mais perto, parando de vez em quando, como que com medo de ficar muito perto.

A porta de madeira da caverna estava cheia de trincas e buracos. Era só uma porta de um velho estábulo. A caverna era usada, assim parecia, só para abrigar animais. Dona Soberba ficou, por um instante, insegura de si mesma e estranhamente perturbada. Então, devagar, abriu a porta, não esperando ver ninguém.

Ao contrário, viu uma mulher segurando uma Criança em seus braços. Havia um homem ajoelhado em aparente adoração. O homem deu um ou dois passos em direção à porta, como que para barrar o caminho. A mulher balançou a cabeça gentilmente e o homem parou.

Dona Soberba entrou e gentilmente fechou a porta atrás de si. A mulher, ela mesma uma mera criança, parecia ficar mais alta e mais madura quando segurava a Criança e cantava para ela este hino de louvor: "Minha alma engrandece ao Senhor; minha alma está alegre por causa de Deus meu Salvador.

Pois lembrou-se de mim, sua humilde serva! E, de agora em diante, todos me chamarão bem-aventurada..."

Dona Soberba caiu de joelhos. Subitamente soube que esta era a visão que Deus tinha mostrado aos anjos naquele dia que ela nasceu. Ela não a tinha visto. Só tinha visto o cenho franzido de Lúcifer, o Príncipe da Soberba. Era a esta Criança que ela o tinha aconselhado a não servir.

Com sua cabeça na palha que cobria o chão, Dona Soberba chorou. Chorou lágrimas amargas, escaldantes de tristeza e remorso. Queria morrer. Queria nunca ter nascido. Queria nunca ter visto Lúcifer ou ter falado com ele. A enormidade de sua ofensa estava exposta tão claramente que ela ficou cega.

Mas a senhora e a Criança estavam sorrindo novamente. E, embora Dona Soberba não tivesse ouvido nenhuma palavra, sabia que tinha sido perdoada e que, dali por diante, não seria mais a mesma. Tinha contemplado com seus próprios olhos a totalidade da Verdade Encarnada, Deus feito Homem, Deus e sua Mãe!

E foi assim que a Senhora Soberba se tornou humilde. Hoje só tem orgulho dos trabalhos de Deus, especialmente as maravilhas da graça que acontecem nos corações dos homens.

Lúcifer também chorou — mas de raiva. Ele pegou a Arrogância, que a Senhora Soberba tinha deixado na palha da caverna, e a fez sua.

É por isso que hoje, quando os homens vêem uma beleza fria e arrogante andando pela terra, alguém

que tem grande arrogância e orgulho insuportável, vêem um reflexo fantasmagórico do coração de Lúcifer, o Anjo da Luz que se tornou o Príncipe da Escuridão.

## Como Dona Prudência se tornou gloriosamente imprudente

À sua maneira, Dona Prudência era muito bonita. Mas eram suas expressões sérias, sua concentração profunda, sua vagareza em tomar alguma decisão depois de ter examinado todos os ângulos possíveis — eram estas coisas que a faziam parecer velha e pouco atraente. Nenhum homem vivo poderia dizer sua idade, nem a história se lembrava quando ela começou a caminhar na terra. Parecia que sempre tinha estado aqui.

Dona Prudência realmente pertencia à comitiva da Dona Sabedoria. Por estranho que possa parecer, a Dona Sabedoria sempre pedia conselhos para a Dona Prudência (mesmo que esperasse muito para tê-los!), mas nem sempre os seguia. Era sabido que, se a Dona Prudência hesitasse e decidisse viajar com este ou aquele homem, ele subitamente se tornava medroso, muito cauteloso e começava a levar muito tempo para tomar qualquer decisão. Quando finalmente se decidia, sua escolha era sempre austera, fria e sem vida. Outros homens, quando admiravam a prudência dessas decisões, sentiam-se de certa forma perturbados com elas. Achavam que algo estava faltando nesses modelos de lucidez. O que faltava não sabiam.

Séculos e séculos se passaram. Cada ano se tornava familiarizado com o passo vagaroso e comedido da Dona Prudência. Se o Tempo, vendo seu rosto sério e frio, tentasse fazê-la sorrir um pouco, não tinha sucesso.

Um dia a Dona Prudência estava caminhando pela

Palestina. Em uma pequena vila foi atraída por uma certa casa por causa de uma luz ofuscante que parecia envolvê-la. Olhou através da janela e viu uma jovem sentada numa cadeira antiga. Aos seus pés havia um anjo. A jovem estava falando gentil mas claramente, dizendo ao anjo que, embora fosse virgem, era também a serva de Deus, e estava pronta para fazer o que Deus quisesse.

Por uma vez em sua vida a Dona Prudência estava profundamente comovida. E, acreditem, um sorriso quase saiu de seus lábios! Mas, quando caiu em si, franziu o cenho, tornou-se séria novamente. Balançou sua cabeça em consternação. Toda aquela conversa era imprudente! Que escândalo isto criaria! E o marido da jovem? Deveria haver mais reflexão por parte daquela menina amável diante do que o anjo estava lhe pedindo.

Ainda balançando a cabeça a Dona Prudência foi embora, resmungando e pensando consigo mesma. E, embora viajasse por muitos países, a Palestina continuava a atraí-la. Em poucos anos estava lá de volta, caminhando por seus caminhos poeirentos, procurando não sabia o quê. Talvez aquela extraordinária mulher-menina tinha sido imprudente de um modo sagrado!

Estava procurando por ela? Se assim fosse, não a tinha encontrado. Foi até uma fonte na Samaria. Viu lá Aquele que quase a fez esquecer-se da menina. Ele olhou em seu rosto e a Prudência soube que era um homem extraordinário. Tendo estado tanto tempo na comitiva da Sabedoria, e sendo também um tanto quanto sábia, a Prudência achou, por um só momento que, com certeza, aquele estranho

maravilhoso era mais do que um simples homem.

Nesta hora uma samaritana veio à fonte. O Homem, inconfundivelmente um judeu, parecia saber tudo a seu respeito. Estava consciente de que ela era uma mulher "perdida". No decorrer da conversa ouviu-se que ela tinha tido cinco maridos! Ainda assim, ele estava bebendo água de sua jarra e contando-lhe coisas extraordinárias a respeito de Deus. Mais imprudente ainda, pensou a Dona Prudência! Escandaloso! Virou-se abruptamente e andou em direção às colinas.

Naquela noite estava profundamente perturbada. Investigou muito os dois enigmas da jovem mulher e deste Homem (pois de certa forma pareciam conectados). Pensou nisto até as primeiras horas da manhã. Então, incapaz de chegar a uma conclusão — uma coisa rara de acontecer consigo! — voltou e encontrou o Homem. Começou a segui-lo por toda parte.

Um dia ouviu-o conversar sobre o pobre, o humilde e o puro de coração. Ela realmente o ouviu dizer que "aqueles que perdessem suas vidas as salvariam". Tudo parecia tão imprudente! Foi embora e deixou passar muitos dias até que o procurasse de novo.

Ela o observava comendo com os publicanos. Viu-o permitindo outra mulher "perdida" beijar seus pés e ungi-los com perfume. De novo estava intrigada e irritada com os modos tão imprudentes do Homem. Desejava fazer com que Ele parasse. Queria ter uma boa conversa com Ele, mostrar-lhe como e o quanto precisava de prudência. Mas de algum modo não encontrava coragem para fazê-lo.

Amargurada, tirou o pó da Palestina de suas sandálias e foi embora. Mas — inútil. Tinha que vê-lo de novo.

Desta vez o encontrou numa rua estreita, toda de pedras. Seu rosto estava inchado e com sangue. Estava tropeçando e caindo sob o peso de uma enorme cruz. Viu outro homem ser tirado do meio da multidão e ser forçado a ajudá-lo.

Foi naquele momento que uma coisa inco-mum aconteceu à Dona Prudência. Jogando a precaução aos ventos (!) passou pela multidão, tropeçando e cambaleando em sua pressa. Pegou sua cruz e a levantou tão alto que ela agora mal tocava seus ombros ensangüentados. (Ninguém, naturalmente, a viu fazer isto; todos pensavam que era o Homem).

Mas o Homem sabia. Juntos, o Amor Encarnado e a Dona Prudência subiram a colina. Lá encontraram-se novamente com a jovem, sua mãe. Com ela e Maria Madalena, a Dona Prudência fez a longa e trágica vigília. Ficou até o fim, viu o túmulo selado, então foi embora com os outros.

A Sabedoria foi a primeira a perceber a mudança. A Dona Prudência não era mais aquela senhora fria e séria que todos conheciam. Daquele dia em diante, Dona Sabedoria sempre ouvia cuidadosamente o que Dona Prudência tinha a dizer. Parecia ter adquirido uma espécie de "imprudência santa" que era "aquilo que faltava" em seu caráter. Ela também sorria mais freqüentemente. E todos sabem agora que a santa Prudência às vezes parece horrivelmente imprudente aos homens. Mas, oh, quão agradável é a Deus!

## Como a Humildade se tornou Simplicidade

A Princesa Humildade era amável. Ela sabia disto e rendia glória a Deus por sua beleza. Nascida da verdade, nunca atribuiu a si mesma nada que pertencesse a alguém, especialmente a Deus. Era meticulosa, de fato, quase tediosa, em atribuir o que era devido, onde e para quem era devido.

Ela era esbelta. Alguns a achavam magra. Seus olhos eram da cor de violeta na primavera. Eram frescos e refrescantes, com cílios longos. Pareciam sempre trabalhar a mais, encobrendo seus belos olhos. O homem sempre pensava como a Princesa Humildade podia enxergar, andando todo o tempo como andava, de olhos baixos. Mas ela podia ver, e muito bem. Os homens, naturalmente não sabiam tudo. Estavam inconscientes da profunda percepção que guiava a Princesa em suas constantes jornadas.

Seus cabelos eram castanhos, calorosos, trançados em forma de uma coroa em sua cabeça bem moldada. Aqui e ali tinha brilhos da cor de cobre que formavam uma auréola estranha e irregular.

Disto ela não tinha consciência. A maior parte de seu tempo era gasta pensando, analisando, tentando descobrir as coisas. Tinha muito o que fazer, pois era sua tarefa conceder seu conhecimento claro das coisas e mesmo sua fragrância estranha e amável, às mentes e corações dos homens.

Ela nasceu no começo do tempo. Só se lembra disto. Sua mãe, a Rainha Verdade, tinha contado a ela que, antes do Tempo, havia um infinito chamado Eternidade. A vida tinha sido bela. Mas uma tragédia



tinha acontecido a duas pessoas boas, chamadas Adão e Eva. Tinham desobedecido a Deus e ele teve que puni-los.

Assim a morte nasceu. Então o tempo veio para medir a Vida e, em certos momentos, ceder à Morte. Naturalmente, a Morte também morreu, pois tinha se tornado Vida. Mas, "esta é uma outra história que vou lhe contar algum dia", disse a Verdade à sua filha.

A Princesa Humildade desejava ouvir aquela história logo, pois parecia muito interessante pelo pouco que ouviu sobre ela. No entanto, as histórias podiam esperar. Tinha trabalho a fazer, e trabalho duro. Pois toda vez que morava com os homens, eles ressentiam sua vinda.

Apesar de sua gentileza e beleza, os homens pareciam desgostar dela. Sua fragrância não parecia atraí-los. Seu conhecimento afiado, que abria seus olhos para a imensidão da Verdade e para completa dependência num Poder maior do que eles, machucava os homens. Empurravam-na para fora de suas casas e trancavam as portas a toda a sua amabilidade. Pareciam preferir sua inimiga mais poderosa — a Senhora Soberba.

Alguns que a aceitavam se tornavam muito felizes. A ordem entrava em suas vidas. A Felicidade e a Ordem eram perfumadas com a fragrância da Humildade e os homens, apesar de si mesmos, respeitavam os que andavam com ela.

Ainda assim, a Princesa Humildade sentiu que, de um modo estranho, necessitava de alguma coisa. Esta vida de análise constante dos motivos e atos,

esta necessidade de sempre se lembrar que não era nada e que Deus era tudo — tudo isto a estava deixando consumida pelo atrito.

Estava ficando até mais magra, etérea, quase como um fantasma. Mas nunca hesitou. Procuraria cada vez mais as profundezas de sua nulidade, da bondade das outras pessoas e da majestade de Deus. Levou muito tempo tentando passar para os homens seus achados, tal como os homens os pudessem ouvir.

Um dia estava passando por uma pequena vila chamada Nazaré. Estava um pouco cansada. Como era um dia ensolarado e glorioso, achou que poderia descansar no prado verde, cheio de grandes flores amarelas.

Estava quase dormindo quando, de repente, uma das flores parecia ser maior do que as outras que já tinha visto em sua longa vida. Sentou-se e esfregou seus olhos cor de violeta e então sorriu. Não era uma flor. Era uma cabeça loira cheia de cabelo de uma bela Criança, um menino de quatro ou cinco anos. Ele devia estar deitado no meio das flores. Levantou-se e sorria para ela.

A Humildade sorriu para ele. A Criança caminhou até ela e a convidou para jogar bola. Era uma bola de madeira (a borracha era desconhecida naquele tempo), pintada de um vermelho vivo, real. A Princesa hesitou. Olhou para si mesma, examinando todos os motivos e intenções, como era seu costume. Achou que ainda estava necessitando algumas coisas que não podia definir. Queria se apressar em direção à Criança e jogar bola com ela,

mas alguma coisa a segurava.

Pensou em sua vida toda. Sempre soube que havia espaço para o aperfeiçoamento. Pensou em sua nulidade e falta de importância. Será que o fato de a Humildade ser quem ela era a mantinha distante da Criança?

A Criança, levantando a cabeça de um lado, examinava-a por inteiro. Então, falando bem distintamente, disse-lhe que ela precisaria crescer. Ela estava bem a maior parte do tempo, disse a Criança, mas não deveria parar de crescer. Seu "crescimento" deveria ser para baixo, para a pequenez. E cantou uma canção para ela:

*Venha  
Torne-se pequena  
Venha e  
Jogue bola  
comigo.  
  
E então  
Você  
Ficará maior,  
Minha querida  
Humildade.  
  
Porque você  
Encontrará Humildade  
E ela lhe  
ensinará  
como ser  
Uma Criança como eu.  
  
E então  
Você  
Entenderá  
Que não é  
suficiente*

*Conhecer a sua  
Nulidade  
Mas que,  
para crescer  
Comigo,  
  
Você tem  
Que ser  
Simplicidade  
E então  
Você estará  
Toda cheia  
de Caridade.  
  
Venha, jogue bola  
comigo.  
Eu sou Simplicidade;  
E eu  
ensinarei a você  
como ser  
Tão simples  
como  
Eu!*

## Como a repulsiva Dona Dor se tornou tão bonita

Desde o começo dos tempos vivia entre os homens uma mulher estranha e austera. Era alta e magra e poucos sabiam a cor de seus olhos. Todas as vezes que as pessoas olhavam em seus olhos, pareciam mudar da luz azul ou cinza para o preto sem vida ou o violeta profundo.

Seu rosto era cheio de riscos, feio, feio, com toda a feiúra já vista no mundo. Sua única pretensão à beleza eram seus cabelos negros. Estes também eram raramente vistos porque usava roupas estranhas, cinzentas e esvoaçantes que se fundiam com a escuridão que a seguia por todos os lados; a escuridão acompanhava a chegada desta mulher em todos os lugares que os homens a pudessem ver.

Mas poucos jamais tiveram o desejo de contemplá-la por muito tempo. Faziam todo o possível para evitá-la. Se ela se dirigisse a eles ou parasse para olhá-los, eles imploravam para todos os deuses que conheciam para removê-la deles. Pois onde quer que fosse, levava a dor consigo — uma dor marcante, cortante, atormentada — que levava os homens à loucura ou ao túmulo.

Poucos escapavam dela. De tempos em tempos, na vida de todos os homens, vinha para visitá-los. Curvar-se-ia e, pegando a pessoa em seus braços, a seguraria firme. Quando a pessoa estivesse completamente morta, ela a deixaria. Sim, era a rainha de um domínio imenso, essa repulsiva Dona Dor.

Numa noite de lua cheia ela se encontrava num

jardim de oliveiras. Amava as formas nodo-sas e estranhas gravadas contra a noite brilhante. De longe, viu um Homem ajoelhado diante de uma pedra. Parecia estar em completa exaustão. Chegou mais perto. O rosto do Homem, levantado para os céus, estava distorcido por uma dor íntima da qual ela tinha consciência não ser obra sua. Intrigada, chegou ainda mais perto. Gotas de sangue escorriam por sua face.

De repente, Ele a viu. Um anjo, todo iluminado, estava no momento segurando um cálice em seus lábios. Por cima da borda o Homem sorriu para a Dona Dor. Ninguém jamais havia sorrido para ela antes! Ela parou para pensar.

Naquele momento uma grande multidão entrou no jardim. Havia muito barulho e agitação. Um homem saiu da multidão e beijou Aquele que tinha bebido do cálice. Depois Ele foi levado embora.

A Dona Dor o seguiu; não podia resistir. Realmente não queria ir, mas de certa forma, tinha que ir. Pela primeira vez em toda a sua existência uma força maior do que ela a compelia. Gradualmente ela perdeu o Homem de vista. Seu coração batia descompassadamente. Não podia descansar agora. Tinha que encontrar o Homem que tinha sorrido para ela.

À distância ela ouviu os sons tão familiares de chicotadas. Tinha sempre acompanhado estas coisas; não fosse assim, elas não seriam nada. Embora se sentisse relutante, ela foi ao encontro do que ouvia.

E lá estava Ele, sendo chicoteado pelos soldados

romanos. Não podia compreender o que estava acontecendo consigo mesma. Queria gritar, parar com a tortura, colocar seu corpo esquelético entre Ele e as chicotadas. Mas não podia se mover. Por um instante Ele levantou a cabeça. Outra vez seus olhos se encontraram e Ele sorriu.

Ela cobriu seu rosto com as mãos finas e esqueléticas e chorou. O sentimento das lágrimas era completamente novo para ela. Ponderou sobre o assunto. Mais tarde, quando o viu escarnecido e coroadado de espinhos, a raiva tomou conta dela. Mas, antes que pudesse se mover contra os inimigos dele com seu próprio poder mortal, os soldados o levaram para dentro do palácio.

Desconsolada, incapaz de suportar a dor que se apoderara de seu coração tão repentinamente, a rainha da dor foi embora. Estava majestosa, apesar de sua dor. Quem quer que a encontrasse neste estado dava uma olhada nela e corria, como se sua vida dependesse disto.

O dia virou noite. Ela se encontrava numa colina com três cruces fincadas no chão. Na cruz do meio pendia o Homem, crucificado. Estava pendurado como uma fruta morrendo num galho. Ela não podia suportar a dor que se apoderou dela diante daquela figura que morria. Correu para os pés da cruz. Começou a arrancar os pregos pesados de seus pés. Sangue, o sangue dele caiu sobre ela e desceu gentilmente pelo seu rosto e pelas suas vestes.

Olhou para cima e viu que Ele estava morto. Ela olhou para suas próprias vestes e percebeu que tinham sido tingidas de um vermelho vivo. Virou-se

e uma onda de admiração murmurou sobre a multidão espectadora. Devagar, ela foi embora. Sentou-se ao lado de um lago para descansar. Viu seu rosto refletido na calma superfície da água. Na maioria das vezes não gostava de ver seu rosto. Mas — o que era aquilo? Ela não reconheceu a si mesma! Estava bela! De certa forma seus olhos tinham sido purificados e ela via, apesar de sua feiúra, a sua beleza interior.

É por isso que, desde então, os homens que são capazes de ver mais profundamente sabem que o Amor desposou a Dona Dor, e que o Amor pode fazê-la bonita — tão bonita como ela se viu naquele dia da morte do Amor.

Livros por Catarina de Hueck Doherty  
em português

*Disponíveis somente no Internet:*

Alma da Minha Vida  
O Evangelho sem Restrições  
O Silêncio de Deus  
União na Fraternidade

*Disponíveis no Internet e também impressos:*

Deserto Vivo (Poustinia)  
Em Parábolas

*Para comprar livros impressos, escrever para:*

Madonna House Publications  
2888 Dafoe Rd. RR2  
Combermere, Ontário, K0J 1L0  
Canadá

[português@madonnahouse.org](mailto:português@madonnahouse.org)

Biografia de Catarina de Hueck Doherty  
por Héber Salvador de Lima, S.J.

*Apresento-lhes a Baronesa*

*Para comprar, escrever para:*

Madonna House Publications  
2888 Dafoe Rd. RR2  
Combermere, Ontário, K0J 1L0  
Canadá